

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MESTRADO EM JORNALISMO

A EXCLUSÃO SOCIAL NA TELEVISÃO.
O CASO DO PROGRAMA INFORMATIVO
E SE FOSSE CONSIGO?

Relatório de Estágio com vista à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo

Mónica Soraia Romeira Martins

Trabalho orientado pelo professor Doutor Rui Simões

Lisboa, outubro de 2017

Declaração

Declaro ser autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 27 de novembro de 2017

A candidata,

Resumo

O presente Relatório de estágio foi elaborado no âmbito do Mestrado em Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, com vista à obtenção do grau de mestre. Este trabalho resulta de seis meses de estágio na redação de informação da *SIC e da SIC Notícias* onde foram desempenhadas as funções de jornalista-estagiária, desde o dia 29 de fevereiro até ao dia 29 de agosto de 2016. O foco principal incide sobre o Programa Informativo *E Se Fosse Consigo?*, que procurou identificar, mostrar, simular e discutir situações de rutura e de margem relativamente à cidadania como o direito pleno de participação na sociedade em que vivemos, o que neste trabalho consideramos de *exclusão social*. A reflexão que aqui proponho pressupõe, então, ordens diversas: por um lado, a recolha do que diz respeito aos antecedentes e ao percurso do projeto de programa, os projetos que lhe estão subjacentes e cujo desenho estabelece, uma condição de estudo de caso; por outro lado, enunciar a minha experiência concreta que implica o carácter testemunhal do relato e da minha participação e implicação no desenvolvimento do projeto.

Palavras-chave: televisão, jornalismo, informação, exclusão social

Abstract

The present current internship report was elaborated within the framework of the Masters in Journalism, in Escola Superior de Comunicação de Lisboa, for the purpose of obtaining the Masters Degree. This work is a result of a six months internship at the information newsroom* of both *Sic* and *Sic Notícias* where I undertook duties as a trainee-journalist, from the 29th of February to the 29th of August of 2016. Its primary focus is on the television programme "*E Se Fosse consigo?*" which purpose was to identify, show, simulate and discuss situations of rupture and social marginalization as the right to intervene in our society, which, in this work are considered as *social exclusion*. The reflection which I suggest presupposes two different directions: on one hand, the gathering of information concerning the background and path of the project for the programme, the underlying projects of which the drafting establishes a study case condition; on the other hand, the enunciation of my particular experience which implies the witnessing nature of the account as well as my participation and involvement in the development of the project.

Keywords: television, journalism, information, social exclusion

Agradecimentos

Em primeiro lugar o maior dos agradecimentos ao professor Rui Simões pela paciência, dedicação e sabedoria com que me guiou ao longo deste imenso processo. Foi ele quem acreditou que eu era capaz, antes de eu mesma acreditar.

Aos meus avós, aos meus pais e às minhas irmãs, que lá de longe acompanham com orgulho o meu caminho. São o pilar mais forte de todos.

Ao amor da minha vida, que me deu e continua a dar a mão todos os dias. Dizem que o primeiro amor é para sempre, eu tenho a certeza disso.

Às irmãs que a vida me deu: à Ana Margarida Teixeira, à Ana Margarida Zacarias, à Beatriz Hilário, à Catarina Jesus, à Cristiana Costa, à Inês Ferreira da Silva, à Inês Alegre, à Rute Gonçalves. Pelo apoio incondicional.

À Beatriz Oliveira, à Rita Latas, à Sara Gouveia e ao Pedro Reis, porque os amigos que se fazem na Universidade são verdadeiros companheiros. Que continuemos a caminhar juntos.

Às jornalistas da Agenda de informação da SIC, à Ana Luísa Galvão, à Conceição Andrade e à Isabel Santana Lopes. É pouco agradecer pela atenção maternal com que transformam a Agenda num ninho, onde nos ensinam a voar.

À equipa do programa *E Se Fosse Consigo?* À Conceição Lino, à Ana Lúcia Martins, à Isabel Mendonça e ao Lima, pela generosidade com que partilharam comigo o seu trabalho, e por me ensinarem a ser uma jornalista com o coração no sítio certo.

À equipa de Desporto. À Ana Luísa Fernandes, ao João Abreu e à Elizabete Marques. Obrigada por todas as lições, pelas oportunidades e acima de tudo pela confiança.

A todos os que fazem parte da redação e que se cruzaram comigo neste caminho. Se há coisa que me deixa feliz é saber que continuo todos os dias a aprender com eles.

Para não me esquecer de ninguém, quero ainda agradecer a todos os que me acompanharam e contribuíram para que tivesse a força necessária para aqui chegar.

A todos estou imensamente grata!

ÍNDICE

DECLARAÇÃO	I
RESUMO	II
ABSTRACT	III
AGRADECIMENTOS	IV
1. Introdução	1
1.1. O estágio como processo	1
2. A exclusão social	3
2.1 <i>A exclusão social</i> : um conceito, um problema social	4
2.2 À procura de um posicionamento entre a marginalização e a <i>exclusão social</i>	7
2.3 Conceitos e caminhos para a <i>exclusão social</i>	9
3. O Estágio Curricular	13
3.1 Delimitação do objeto de estudo	16
4. Metodologia	18
4.1 Pesquisar	19
4.2 Participar	20
4.3 Entrevista	21
5. O Estágio Curricular na SIC	22
5.1 Breve contextualização do grupo <i>Impresa</i> e da <i>SIC</i>	22
5.1.1 O Universo <i>SIC</i>	23
5.1.2 Caracterização da redação de Informação da <i>SIC</i>	25
5.2 Estágio na <i>SIC</i> e no Programa Informativo <i>E Se Fosse Consigo?</i>	27
5.2.1 Processo de acesso	30
5.2.2 Visionamento	31
5.2.3 Saídas em reportagem – o acompanhamento, o processo de edição e oportunidades surgidas.....	31
6. Cronologia da atividade desenvolvida	38
7. O programa informativo <i>E Se Fosse Consigo?</i>	61
7.1 Enunciado do projeto	61
7.1.1 Um formato híbrido de informação	62

7.2. Recolha de informação	67
7.2.1 Levantamento de casos	67
7.2.2 Voluntários e participantes: casos e dramatizações	72
7.3 Construção e Recursos da Narrativa	77
7.3.1 Sociodrama(s)	78
7.3.2 Entrevista(s)	82
7.3.3 Debate(s)	84
7.3.4 Conclusão	86
7.4 Programas realizados	87
7.4.1 E Se Fosse Consigo? – Racismo	87
7.4.2 E Se Fosse Consigo? – Obesidade	89
7.4.3 E Se Fosse Consigo? – Bullying	90
7.4.4 E Se Fosse Consigo? – Homofobia	91
7.4.5 E Se Fosse Consigo? - Violência no namoro	93
7.4.6 E Se Fosse Consigo? – Os maus tratos a idosos	94
7.4.7 E Se Fosse Consigo? – Os jovens e o álcool	95
7.4.8 E Se Fosse Consigo? – A violência doméstica	96
7.4.9 E Se Fosse Consigo? – Balanço	97
7.5 Intercorrências	98
8. Considerações finais	98
9. Bibliografia	106
	V
ÍNDICE DE FIGURAS	VI
LISTAS DE ANEXOS	VII
ANEXOS	VIII

1. Introdução

1.1 O estágio como processo

Ao longo dos seis meses de estágio na redação de informação da SIC, tive a oportunidade de integrar a equipa do programa informativo *E Se Fosse Consigo?*¹ entre 26 de abril e 13 de junho, período de tempo no qual se centra também a análise realizada no presente Relatório de Estágio. Dado que o foco principal incide sobre o programa enunciado, a experiência que será relatada de formar mais exaustiva terá em conta o período do tempo em que colaborei com a sua equipa, sem claro menosprezar as restantes seções e editorias da redação da *SIC* e da *SIC Notícias* que marcaram o meu percurso de estágio.

Assim sendo, no presente trabalho estão incluídas duas ordens de reflexão, estabelecidas em abordagens e fontes marcadas por cronologias e preocupações distintas: por um lado, a recolha do que diz respeito aos antecedentes e ao percurso do projeto de programa, onde foi procurado junto de quem o idealizou, através de entrevistas e conversas informais, os projetos que lhe estão subjacentes e cujo desenho estabelece, para a série como para cada programa, uma condição de estudo de caso; por outro, enunciar com maior exaustividade a minha experiência concreta, vivida no período de estágio, que implica a um tempo um carácter testemunhal do relato e mesmo uma participação e implicação no desenvolvimento do projeto, nomeadamente nos processos de visionamento e seleção de conteúdos e imagens, no acompanhamento de recolha de material e conteúdos e na pontual condução de entrevistas.

Na primeira abordagem é pretendido identificar, o projeto de partida e a sua inspiração, o fio condutor dos temas dados como “fraturantes” e os recursos e soluções técnicas – no plano televisivo – que formalizam e traduzem a ideia e que, de resto, foram pensados sem barreiras de plataforma: o programa deu lugar a debates, conferências e outras oportunidades de exploração dos tópicos abordados, admitindo também a sua divulgação por suportes *web* ou a inclusão de parte das suas sequelas na imprensa escrita.

Ainda nesta mesma parte tem lugar a reflexão sobre a própria natureza do projeto, no plano conceptual: identificar e agregar os comportamentos ou situações marginais e de *exclusão social*, através do levantamento bibliográfico, situadas aquém e além do limiar das condutas percebidas como desejáveis e, também por isso, com menor visibilidade no discurso mediático. Se os fatores de “negatividade” se tornam frequentes como fonte de notícia – acidentes, violência, o assumir da diferença – satisfazendo a curiosidade ou inventariando os seus efeitos, a reflexão sobre as suas causas profundas e a parcialidade da sua interpretação conjugam-se

¹ Ao longo do trabalho utilizaremos a abreviatura ESFC

com a eventual indiferença de atitude no testemunho da sua ocorrência, tornando-as matérias desconfortáveis e de reduzida abordagem, se não pontual, nos mesmos média que lhes divulgam as sequelas.

Neste programa, a própria condição mediática e o papel dos jornalistas vai além da posição de simples espectador e procura – numa disposição ética associada ao papel do jornalista – assumir um carácter interventivo que, para além do enquadramento proporcionado aos fenómenos identificados, comporta dois instrumentos fundamentais: o discurso assente nos personagens centrais deste processo, pelo testemunho factual das vítimas ou pela agregação de casos enunciada pelos representantes associativos destes “territórios” e o efeito concreto das dramatizações, a um tempo mimando a face visível das situações e suscitando, implicando mesmo, o comportamento dos espectadores tornados atores. É, portanto, nesta primeira parte que a totalidade do programa e do conceito, enquanto tal, são tratados, trazendo nessa abordagem a reflexão sobre os temas marginais e intersticiais focados e o papel do jornalista face ao seu enquadramento mediático.

Na segunda abordagem o intervalo assume um carácter biográfico e resulta da experiência, concreta, vivida no trajeto da minha inclusão na equipa com que trabalhei, incluindo-se neste processo a observação e inclusão no desenvolvimento de tarefas, a apreciação da minha relação com a equipa e a articulação da diversidade de competências para a produção de cada programa, a descrição e reflexão sobre a minha participação (cronologia do estágio) e, finalmente, o balanço sobre a experiência produzida e partilhada (reflexão sobre a prática) na construção da minha condição de jornalista.

Alguns dos pontos teoricamente formulados, como a problemática do *empowerment* dos personagens que prestaram o seu testemunho, procura nesta etapa encontrar um enquadramento e uma situação mais concreta, dando corpo à questão de se saber como é que cada convidado se revê no retrato formulado pelo programa.

As modalidades de discurso serão, portanto, diversas consoante se desenvolvem as duas partes do trabalho; na primeira o discurso resulta de constantes acareações com fontes, implica uma formulação teórica sobre as margens e o conceito assumido na conceção do programa. Tratar-se-á, sobretudo, de uma abordagem na terceira pessoa e das suas indispensáveis abonações, teóricas, de arquivo ou de testemunho por entrevista. Na segunda, uma dimensão reflexiva face à experiência vivida remete-me mais facilmente para o recurso à primeira pessoa, incluindo sempre que disso se sinta necessidade a uma multivocalidade, enunciada no universo da equipa e dos colaboradores com quem manteve contacto direto.

Finalmente, as conclusões do trabalho refletem ainda a experiência pessoal que resulta da minha condição de estagiária, no período que me foi cometido e nas condições concretas que me foram atribuídas, com alguns enviesamentos, mas sobretudo com as vantagens próprias que decorrem dos desempenhos assumidos, por confronto com o enquadramento proposto no primeiro passo.

2. A exclusão social

“As exclusões são reconhecidas como problemas sociais, realidades que reclamam ações e políticas de integração (ou inclusão) social, mas é raro serem analisadas na perspectiva dos direitos humanos fundamentais.”

(Costa,1998 p.6).

Antes de mais, como a cima referido, torna-se pertinente proceder a uma reflexão conceptual sobre a própria natureza do programa.

Ao longo de cada emissão foram expostos temas que a equipa de trabalho considerou serem tópicos fraturantes da sociedade em que vivemos: o racismo, a obesidade, a homofobia, o *bullying*, o consumo de álcool por parte dos jovens, a violência doméstica e no namoro, os maus tratos a idoso.

Também neste trabalho, como confirmaremos de seguida, partimos do princípio que todos estes temas estão de alguma forma relacionados com o conceito de *exclusão social*, umas vezes representam e podem ser vistos como verdadeiras situações de *marginalização*, e, por outro lado, como caminhos que conduzem um indivíduo ou um grupo à situação de exclusão. A equipa propõe-se não só a reportar situações dentro destas temáticas, mas também, a testar a capacidade de intervenção dos cidadãos na defesa do “outro” enquanto testemunhas de situações de preconceito e marginalização.

Mas ao que é que nos referimos quando falamos dos conceitos de *exclusão social*, *marginalização* ou *preconceito*? Como se manifestam? Que outros conceitos lhes estão subjacentes?

De seguida procederemos, então, a uma reflexão teórica que servirá de base conceptual dos tópicos presentes neste trabalho, efetuada através de uma revisão bibliográfica, e tentando descodificar os seus contornos à luz dos vários autores e correntes sociológicas que já os haviam abordado.

2.1 A *exclusão social*: um conceito, um problema social

Falar de *exclusão social* é falar de um conceito que nem sempre foi percebido da mesma forma, “acresce que, mesmo entre os especialistas, não existe unanimidade quanto ao sentido da expressão.” (Costa, 1998, p.9)². No entanto, para o mesmo autor “as exclusões são reconhecidas como problemas sociais, realidades que reclamam ações e políticas de integração (ou inclusão) social, mas é raro serem analisadas na perspectiva dos direitos humanos fundamentais.” (1998, p. 6)

O termo é muitas vezes utilizado em discursos científicos, políticos e jornalísticos, mas, segundo Rodrigues (2000)³, nunca lhe é dada a precisão ou objetividade necessárias. O mesmo autor afirma que o conceito é referido “nos vários discursos não-científicos como um vocábulo muitas vezes substitutivo de ‘marginalidade’, de ‘pobreza’, de ‘segregação’, de ‘estigmatização’, de ‘desigualdades’, entre muitos outros” (p.174). Na verdade, todos estes conceitos estão relacionados entre si, não substituem o conceito de *exclusão social*, mas constituem muitas vezes um caminho que conduz um indivíduo ou um grupo social à situação de exclusão, tal como vamos analisar.

Segundo Capelo, Silva e Dias (2005)⁴ é na obra “Les exclus” de René Lenoir⁵, em 1974, que se manifesta um consenso entre vários autores como um dos primeiros a utilizar o conceito, uma vez que na sua obra é feita uma chamada de atenção relativamente ao facto da uma economia crescente tender a excluir grupos que refletem diminuição física, psíquica e social. No entanto, como verificaremos, o conceito de exclusão não se restringe exclusivamente à situação económica de um indivíduo ou grupo. Na mesma obra, Lenoir define categorias de indivíduos mais suscetíveis à exclusão, sendo eles: “as pessoas idosas, os deficientes e os inadaptados, grupos heterogéneos em que se encontram jovens em dificuldades, pais sós, incapazes de acorrer às necessidades familiares, isolados, suicidários, drogados, alcoólicos.” (Lenoir 1989, *apud* Xiberras, 1993, p.7).

² Costa, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva. (p.9)

³ Rodrigues, E. V. (2000), *O Estado-Providência e os processos de exclusão social: considerações teóricas e estatísticas em torno do caso português*, in *Sociologia*, 10, 173-202.

⁴ Xiberras, M. (1993) *As Teorias da exclusão – Para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget. (p.7)

⁵ Cf. René Lenoir, *les exclus. Un français sur dix*, Seuil, Paris, 4^aed.,1989

Na definição utilizada no artigo *Programa de Luta contra a Exclusão Social* o conceito é tratado como “um processo cumulativo e pluridimensional que afasta e inferioriza, com ruturas sucessivas, pessoas, grupos, comunidades e territórios dos centros do poder; dos recursos e dos valores dominantes”, como que um caminho com diversos degraus, não se tratando de um processo linear, e para que possamos compreendê-la é crucial que se compreendam primeiro as suas causas e origens. (Estivill, 2003, p.39)⁶.

Na ótica do mesmo autor, para avaliar uma situação de exclusão de um indivíduo ou grupo social, há que perceber primeiro o seu contexto, ter em atenção as origens familiares, os baixos níveis de literacia, uma formação profissional fraca ou escassa, os vencimentos reduzidos, uma habitação inadequada ou em más condições, doenças, a maior parte das vezes aliadas à falta de prestações sociais e à dificuldade de acesso aos serviços públicos, entre outros - pois todos estes são elementos e vulnerabilidades geradores de exclusão (Ibid).

Para Alfredo Bruto da Costa (1998) “A exclusão apresenta-se, na prática, como um fenómeno de tal modo complexo e heterogéneo, que pode, com razão, falar-se em diversos tipos de exclusão” (p.21):

A Exclusão de tipo Económica está evidentemente associada à pobreza e conseqüente falta de recursos. Caracteriza-se fundamentalmente pelas más condições de vida, baixas qualificações e instruções profissionais, entre outros aspetos. “No extremo, esta forma de exclusão social pode conduzir à situação de sem-abrigo, que é sem dúvida, a forma mais grave e complexa de pobreza e exclusão”. (Costa, 1998, p.22)

A Exclusão de tipo Social refere-se a uma privação ao nível relacional, muitas vezes causadas por isolamentos, falta de autonomia ou autossuficiência. Este é um exemplo de exclusão que pode não estar relacionado com a falta de recursos. Como afirma o autor, a causa da exclusão enquadra-se no domínio dos laços sociais (Ibid).

A de tipo Cultural, que se refere, por exemplo, a situações de racismo e xenofobia que excluem minorias étnicas e culturais.

As exclusões de *tipo Patológica* referem-se a fatores de natureza mental ou psicológica, que, tal como afirma Costa afirma, “só o estudo de cada caso poderá permitir esclarecer qual é a causa e qual o efeito” (1998, p. 23).

Por último, Costa fala-nos do tipo de exclusão *por Comportamentos Autodestrutivos*, comportamentos estes que provocam até a autoexclusão dos indivíduos ou grupos. A

⁶ Estivill, J., 2003, *Panorama da luta contra exclusão social. Conceitos e estratégias*, BIT/STEP, Genebra. (p.39)

toxicodependência, o alcoolismo, a prostituição, são comportamentos nomeados pelo autor, que se enquadram deste tipo de exclusão.

Tal como para Estivill (2003) para Alfredo Bruto da Costa (1998), existe um conjunto de vulnerabilidades que impedem que os indivíduos acedam a *sistemas sociais básicos*. Na impossibilidade de aceder a tais sistemas, os indivíduos vêm-se conduzidos a processos de exclusão. A condição de excluído pressupõe, à partida que exista um “contexto de referências do qual se é, ou se está excluído”, e quando se junta e qualifica a expressão “social” permite-se avaliar o conceito na medida em que esta relacionado com a “sociedade”, e por isso, na ótica do mesmo autor, “a exclusão tem a ver com a cidadania”. Sobre ela, Costa considera que “o exercício pleno da cidadania implica e traduz-se no acesso a um conjunto de sistemas sociais básicos⁷” (1998, pp.13 -14).

Tais vulnerabilidades a que se referem Estivill (2003) e Costa (1998), são denominadas por Rodrigues *et al.* (2000)⁸ como *handicaps*, e devido à acumulação dos mesmos, o mesmo autor aponta não só as categorias que refere como *clássicas*, bem como aquelas que considera como novas categorias sociais de vulnerabilidade à exclusão social.

As categorias clássicas, assinaladas pelos autores, acabam por ser: os idosos, mais propriamente aqueles que apresentam escassez de recursos económicos devido às baixas pensões, à solidão e/ou devido à desintegração familiar; os camponeses pobres, que se caracterizam pela dificuldade em rentabilizar a sua atividade tradicional; os assalariados que possuem baixas qualificações que, por conseguinte, resultam em baixas remunerações.

No que diz respeito às novas categorias de vulnerabilidade à exclusão social, segundo os mesmos autores, são elas:

⁷ Op. Cit.: Alfredo Bruto da Costa agrupa os sistemas sociais básicos em cinco domínios: o Social, o económico, o Institucional, o Territorial e o domínio das Referências Simbólicas. Em relação ao “Domínio Social”, Alfredo Bruto da Costa descreve-o como o conjunto de sistemas de relações sociais, por um lado com os grupos primários como a família, por outro os grupos secundários como amigos, vizinhos, colegas de escola e de trabalho, no processo de socialização. Processo este, que por sua vez possibilita a transmissão de padrões sociais e culturais, bem como normas e valores já existentes aceites socialmente. Já no “domínio Económico”, Costa engloba três sistemas: mercado de trabalho (salários e o sistema de segurança social); o mercado de bens e serviços”, “o sistema de poupança”. Por “domínio institucional”: sistema prestador de serviços, sistemas institucionais ligados aos direitos cívicos e políticos tais como as diversas instituições ligadas à participação política. O “domínio territorial” refere-se não só a um indivíduo ou a uma família, mas sim a todo um território carentes de “medidas que promovam o progresso de todo o espaço, nos domínios da habitação, dos equipamentos sociais, das acessibilidades e até de atividades económicas”. Por último, o “domínio das referências simbólicas”, refere-se, como afirma Costa, ao: “perda de identidade, de autoestima, de autoconfiança, de perspetiva de futuro, de capacidade de iniciativa, de motivações, do sentido de pertença à sociedade, etc.” (Costa, 1998, p.17)

⁸ Rodrigues, E. V. et al (1999) *A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal*. Sociologia, Série I, vol.1,63-101.

- Desempregados de longa duração, com sérias dificuldades de inserção no mercado de trabalho devido, em parte à baixa qualificação, acabando por sentir a privação de uma fonte de rendimento bem como o “vínculo mais importante de ligação à sociedade e à rede de relações interpessoais que o emprego proporciona” (Costa, 1998 citado em Rodrigues et al., 1999, p. 72);

- Minorais étnicas e culturais que vêm a sua vivência associada a más condições de vida, muitas vezes resultantes de processos de racismo ;

- Pessoas com deficiências, com um grau de capacitação e de oportunidades relativamente baixo, muitas vezes dependentes social e familiarmente, demonstrando uma difícil integração social;

- Jovens em risco, toxicodependentes, reclusos, ex-toxicodependentes, ex-reclusos, que são aparentemente “excluídos das principais instituições sociais como é o caso da família e da escola;

- Sem-abrigo, uma categoria muito diferente entre si, pois as suas causas podem estar associadas a diversos fatores como a toxicodependência, o alcoolismo, a rutura familiar, entre outras e por fim, trabalhadores de economia informal que “desenvolvem atividades sob forma de emprego precário, cuja vulnerabilidade à pobreza e à exclusão social é latente” (Costa, 1998 *apud* Rodrigues *et al.*, 1999, p.72).

2.2 À procura de um posicionamento entre a *marginalização* e a *exclusão social*:

Alfredo Bruto da Costa⁹, na obra *Exclusões Sociais* cita Robert Castel que se refere à *exclusão social* como fase extrema do processo de “*marginalização*” (Castel, citado por Costa, 1998, p.10).

Segundo Costa (1998), no início dos anos noventa, a Comissão Europeia inseriu no discurso comunitário europeu o conceito de *exclusão social*, tentou que o termo substituisse o de “*pobreza*”, e acabou por encara-lo não só como a fase final do processo de “*marginalização*”, mas sim como todo o processo (1998, p.10).

Robert Castel (1990) descreve a *marginalização* como sendo um fenómeno comparado a “um plano inclinado” onde vão ocorrendo fraturas sucessivas, sendo o extremo caracterizado

⁹ Costa, A. B. (1998). *Op. Cit.*: p.10

pela quebra dos laços familiares e afetivo, “bem como a rutura com o mercado de trabalho” (Castel 1990, citado por Costa, 1998, p.18).

Já Geraldo Caliman, no seu livro *Paradigmas da exclusão social* (2008) refere que a *marginalidade* “consiste na exclusão parcial ou total de acesso dos indivíduos aos recursos disponíveis num determinado sistema social, que não consegue integrar sujeitos ou grupos sociais, ou que os mantém num estado de dependência funcional” (2008, p.109). Segundo o mesmo autor, ser objeto de marginalização é ver-se excluído de direitos, decisões, recursos e privilégios. O indivíduo ou grupo marginalizado vê reduzidas as suas hipóteses de participação na vida pública, ainda que os direitos sejam constitucionalmente iguais para todos os indivíduos (Rodrigues, 2000, p.112).

Existem, no entanto, segundo Caliman (2008), dimensões pelas quais é possível identificar manifestações de marginalidade: a dimensão económica, a dimensão social, a dimensão ecológica, a dimensão cultural e a dimensão política.

A dimensão económica refere-se inevitavelmente à privação no que diz respeito por exemplo ao acesso recursos económicos; a dimensão social conjuga os direitos e a participação do indivíduo ou grupo em sociedade; a dimensão ecológica está relacionada com a estruturação do espaço urbano como é o exemplo dos bairros sociais resultantes do crescimento desordenado das cidades; a dimensão cultural que tem em conta a aceitação das normas partilhadas socialmente e, a dimensão política que tem em conta a participação ou a indiferença do indivíduo ou grupo social em relação à esfera política (2008, p.115).

Como podemos ver, os limites conceptuais entre *exclusão social* e *marginalização* são ambíguos e a sua diferenciação torna-se complicada. No entanto, tendo em conta que é necessário estabelecer um posicionamento para que se possam entender as temáticas abordadas ao longo deste Relatório de estágio, nomeadamente quando abordaremos especificamente o programa informativo ESFC, recorreremos aos autores já referidos para fixar o conceito de *exclusão social* como a condição na qual uma pessoa, ou um grupo de pessoas se vê privado, ou se priva, de exercer quer os seus direitos os direitos que dizem respeito à sua cidadania plena. O ou os processos pelos quais esta condição se verifica compreendem o que aqui entendemos como processo de marginalização (ou processo de *exclusão social*).

2.3 Conceitos e caminhos para a *exclusão social*:

O conceito de *exclusão social* já havia sido abordado por sociólogos clássicos que detêm várias interpretações e alcances diferentes conforme a sua tradição sociológica. Destacamos, em primeiro lugar, a concepção *interacionista-simbólica* que, incisiva nas interações do quotidiano e nos significados atribuídos pelos atores sociais, avalia a problemática da *exclusão social* perante a teoria da *rotulagem* e *estigmatização* por parte dos indivíduos ou das instituições com uma postura dita “normal”, em relação aos que revelam comportamentos ditos transgressores ou desviantes - o que cria situações de discriminação social ou marginalização (Capelo, Dias & Silva, 2005, p. 169)¹⁰.

Por sua vez, segundo Silva (2005, p. 5)¹¹, a teoria da *rotulagem* ou *etiquetagem*, com antecedentes da Escola de Chicago, centra-se nos comportamentos ditos “desviantes”, nos estereótipos e nos estigmas.

Na perspetiva do mesmo autor, nesta linha de pensamento, as sociedades podem ser caracterizadas consoante o seu grau de “fechamento” ou “abertura”, que se avaliam na forma como o “normal” se relaciona com o “diferente”. A aceitação de alguém como “normal” permite a sua banalização, demonstrando não só as suas diferenças, mas enaltecendo as suas semelhanças, permitindo assim a integração social. Quando o contrário acontece, são as suas diferenças étnicas e culturais que sobressaem, provocando quebras nos laços sociais e conduzindo à desconfiança, à discriminação ou ao racismo (evidentemente, formas de exclusão social).

Segundo Silva¹², esta corrente veio trazer uma nova visão, uma vez que as interpretações até então concebidas explicam o comportamento desviante recorrendo a duas variáveis: por um lado, pelas disfunções nas estruturas sociais, por outro, por aspectos da personalidade ou outros atributos característicos dos indivíduos. Assim, o *interacionismo simbólico* cruza os dois pontos de vista sobre os comportamentos transgressores: o da sociedade ou dos indivíduos ditos “normais” e o dos “desviantes”. Assim, o “desvio” é visto como consequência da interação entre os transgressores e os atores classificadas como “normais,” que reagem negativamente ao comportamento ou características que não se assemelham às normas estabelecidas (2005, p.5).

¹⁰ Capelo, F., Silva, M. C. e Dias, N. (2005) *Pobreza e exclusão social: um estudo de caso num bairro de município algarvio*: Configurações. (p.169)

¹¹ Silva, M. C. (2005), *Desigualdades e exclusões sociais: olhares sociológicos cruzados*, Configurações, Volume I, nº 1. (p.5)

¹² Op. Cit.: Silva, M. C. 2005. p.5

A acentuação das *desigualdades* é o fator primário da exclusão, sendo também responsável pelos mecanismos de reprodução da mesma (Rodrigues *et al*, 1999, p.64). Esse mesmo conceito de *desigualdades* está inevitavelmente relacionado com o de *estigma*, termo que, para Santelli & Brito¹³ pode ser percebido como um traço distintivo de alguém que chama à atenção e que denota a existência de uma característica não aceita na sociedade (2014, p.66).

Segundo as mesmas autoras *estigma* é definido por Goffman (2008) como “uma associação de um atributo, quase sempre depreciativo, a um estereótipo” (*apud* Santelli & Brito, 2014 p.66). O sociólogo distingue três circunstâncias em que o estigma pode ocorrer, sendo elas: “as abominações do corpo, como as diversas deformidades físicas; as culpas de caráter individual como: vontade fraca, desonestidade, crenças falsas; e os estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos pela linguagem” (Siqueira & Cardoso, 2011, p. 95)¹⁴. Entre estas três formas de estigma apresentadas por Goffman há uma semelhança: a sua presença é visível, por confronto à “normalidade”¹⁵, que conduzem toda a sua atenção à característica que origina o estigma, ignorando por completo todas as outras características que o indivíduo possa ter (Santelli & Brito, 2014, p.66). Portador de uma característica que o distingue dos demais, o indivíduo estigmatizado não pode pertencer à mesma categoria ou grupo de indivíduos, ocupando assim uma situação de exclusão. Vê-se impossibilitado de aceder aos mesmos direitos que os outros cidadãos.

No entanto, segundo Ainslie, Colman & Becker (1986, *apud* Siqueira & Cardoso, 2011, p. 95), o estigma é uma construção social onde as características individuais que desqualificam os indivíduos variam consoante os períodos históricos e a cultura, negando-se-lhes a aceitação social plena. O que significa, por sua vez, que a estigmatização não é um atributo individual, mas sim que os indivíduos são estigmatizados num determinado contexto face aos valores, acontecimentos históricos, políticos e económicos e, eventualmente, a qualquer outra situação social: o “stigmatization is entirely contingent on access to social, economic, and political power that allows the identification of differentness, the construction of stereotypes, the separation of labeled persons into distinct categories, and the full execution of disapproval, rejection, exclusion, and discrimination”. (Link & Phelan, 2001, p. 377)

¹³ Santelli, I. H. S. & Brito, A. G. (2014). *Da sociedade do desvio à criminologia crítica: os indígenes de Mato Grosso do Sul como outsiders*. Ciências sociais Unisinos. (p.66)

¹⁴ Siqueira, R.; Cardoso, H.. (2011) *O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana*. Imagonutas. (p. 96)

¹⁵ Xiberras (1990, p. 138) Op. Cit.: chamam-se “normais” as pessoas que não divergem das expectativas normais, quer dizer, que correspondem perfeitamente à categoria onde são classificadas, enquanto aquelas que possuem uma destas categorias estigmatizadas perdem os direitos aos quais os outros atributos dão acesso”

Para os mesmos autores, a *rotulagem* é um processo social que identifica uma característica e a aplica a alguém, sem que, forçosamente, o indivíduo rotulado a tenha que possuir. Link & Phelan¹⁶ acreditam que é a partir do rótulo atribuído a uma pessoa estigmatizada que surgem os *estereótipos* e que é desta forma que se criam processos de *estigmatização*. O *rótulo* acaba por ser aquilo que junta uma pessoa e um conjunto de características menos agradáveis, que por suas vez formam o estereótipo. (2001, p.369).

Seguindo esta linha de pensamento, os rótulos construídos socialmente conduzem a “uma separação delimitada de dois grupos: o nós e eles” (Siqueira & Cardoso, 2011, p. 97). O “nós” é caracterizado por todos os valores que determinam o que é o ser humano “normal”, manifestada pela ideologia dominante na sociedade. O “eles” refere-se, inevitavelmente, a todos aqueles que são diferentes do “nós” que, por conseguinte, são alvo de rótulos negativos: “The person is connected to undesirable characteristics that reduce his or her status in the eyes of the stigmatizer” (Link & Phelan, 2001, p. 371). Efetivando essa mesma separação, estamos, à partida, a aceitar uns e a excluir outros.

Siqueira & Cardoso afirmam, pois, que a *rotulagem* e o *estereótipo* estão na base da perda de *status* que, por sua vez, conduz à discriminação: “Por definição, discriminação é um comportamento manifestado em consequência da ligação entre perda de status, rotulagem, estereotipização e separação.” (Siqueira & Cardoso, 2011, p.98).

Segundo Cabecinhas (2013)¹⁷, há muito que as Ciências Sociais têm vindo a estudar a noção de *estereótipo* e a mesma tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo. A mesma autora faz referência a Lippmann (1922), que afirma que os *estereótipos* acabam por ser como “mapas” utilizados pelos indivíduos, que auxiliam o confronto com “informação complexa”, sendo igualmente “defesas” que os próprios indivíduos utilizam para salvaguardar os seus valores, interesses, ideologias e, tal como afirma a autora, “a sua posição numa rede de relações pessoais”. Tratando-se de posicionamentos “híper-simplificados da realidade”, os *estereótipos* nunca assumem uma posição neutra pois variam consoante o observador e aquilo que está a ser observado (p. 152)

Para Lippmann, os *estereótipos* criam-se com base no sistema de valores do indivíduo com o objetivo de organizar e estruturar a realidade, sendo, portanto, “imagens mentais que se

¹⁶ Link, B. G., & Phelan, J. C. (2001). *Conceptualizing Stigma*. *Annual Review of Sociology*, 27. (p.371)

¹⁷ Cabecinha, R. (2012) *Estereótipos sociais, processos cognitivos e normas sociais: Etnicidade, Nacionalismo e Racismo, Migrações, minorias étnicas e contextos escolares. Afrontamento*. In *Etnicidade, nacionalismo e racismo. Migrações, minorias étnicas e contextos escolares*. (p. 152)

interpõem, sob forma de enviesamento, entre o indivíduo e a realidade” (Lippmann 1922 *apud* Cabecinhas, 2013, p. 152).

Stangor¹⁸ (2009) considera que a forma como se tem conceptualizado os *estereótipos* tem mudado porque a realidade social muda, também; considera, contudo, que os “stereotypes represent the traits that we view as characteristic of social groups, or of individual members of those groups, and particularly those that differentiate groups from each other” (p. 2).

Martins & Rodrigues (2004)¹⁹ distinguem os estereótipos no sentido positivo e negativo, mas ambos existem em “vários domínios da vida social: relativos a ambos os sexos, à ocupações, ao ciclo vital, à família, à classe social, ao estado civil, aos devios sociais e a qualquer campo da vida que desejamos diferenciar” (p. 249)

Já Bisell²⁰ e Scott Parrott (2015) consideram que “while certain prejudices may be less overt today than in decades past, they continue to influence modern beliefs, emotions, and behavior.” (p. 220); o mesmo autor considera que os estereótipos são crenças²¹ que se inscrevem na configuração de grupos sociais.

Fazendo o balanço dos conceitos de *desigualdade*, *desvio*, *estigma*, *margem*, *rótulo* e *estereótipo*, percebemos que todos eles conduzem, de forma mais ou menos direta, à compreensão das causas de *exclusão social*.

Em jeito de conclusão, importa lembrar que o presente relatório de estágio tem como foco principal o ESFC; o programa procura identificar, mostrar, simular e discutir situações de rutura e de margem relativamente à cidadania plena. A revisão conceptual sucinta que acabámos de fazer deverá servir-nos como construção teórica para compreender as temáticas retratadas no programa em análise. Após tal revisão, e pensando nos temas abordados no ESFC, rapidamente percebemos que todos eles traduzem estes conceitos e que, por conseguinte, conduzem a uma leitura crítica da condição de *exclusão social* dos indivíduos ou grupos retratados. Com a elaboração do programa, assiste-se também a uma forma de conferir um *empowerment* à pessoa ou pessoas retratadas – assente, em certa medida, na plurivocalidade presente no discurso

¹⁸ Stangor, C. (2008) *The Study of Stereotyping, Prejudice, and Discrimination Within Social Psychology A Quick History of Theory and Research* in Nelson, Tood D. (ed.) *Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination*. Psychology Press. New York & London. (p.2)

¹⁹ Op. Cit.: Martins, R.M.L. & Rodrigues, M.L.M. (2004). *Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica*. Educação, Ciência e Tecnologia. [S.l.: s.n.]. (p. 246)

²⁰ Op. Cit.: Bissell, K; Scott, P. (2013) *Projudice. The Role of the Media in Development of Social Bias*.in *Jornalism & Communication Monographs*. (p.220)

²¹ (Martins & Rodrigues 2004, p.251) Op. Cit.: Por crenças podemos entender “um conjunto de informações sobre um assunto ou pessoa, determinante das nossas intenções e comportamentos, formando-se a partir das informações que recebemos.”

jornalístico adotado, no decurso do qual os jornalistas dão às pessoas que estão a entrevistar, a possibilidade de enunciarem não apenas as respostas às perguntas a que são sujeitos, mas dando-lhes a possibilidade de evidenciarem os tópicos que lhes parecem pertinentes, face à categoria de exclusão em que se inscrevem. Trata-se de um empowerment²² pouco vulgar, dando-lhes a possibilidade de elaborarem a sua própria narrativa. No produto final de cada programa, as problemáticas levantadas têm boa parte do seu tratamento na articulação da perspectiva dos jornalistas e dos entrevistados. A questão consiste em saber como é que, do ponto de vista jornalístico, estes discursos são tratados e, no final, os personagens (entrevistados) se revêm no retrato formulado pelo programa. Ao longo de todo o trabalho e na sua conclusão, faremos então esforços para responder a essa questão.

3. O Estágio Curricular

O culminar de dois anos letivos no mestrado em jornalismo pressupõe a realização de um trabalho final: uma dissertação, um relatório de estágio ou um projeto.

No meu caso, a escolha por um destes trabalhos finais não foi difícil. O primeiro motivo pelo qual optei por fazer um estágio nesta fase académica recaiu sobre a disponibilidade para uma experiência profissional concreta. O segundo, que depende diretamente do primeiro, prendia-se pelo facto da minha formação base, a licenciatura²³, não estar relacionada com o jornalismo de forma imediata. Por esse motivo, quando cheguei às aulas do mestrado senti uma certa desvantagem, em comparação com muitos dos meus colegas, no que dizia respeito não só às conceções teóricas, mas também no desempenho de atividades práticas relacionadas com a profissão.

O interesse pelo jornalismo, enquanto profissão, é algo que me acompanha desde sempre; e, porventura, terá sido o jornalismo televisivo que me atraiu mais, pela sua complexidade: é preciso conjugar o som, o texto e a imagem para que a informação chegue ao outro lado da forma mais clara e fiel possível.

²² Cf. Pinto, C. (2009). *Serviço social na modernidade tardia: que empowerment é possível?* - Lusíada, Intervenção social, n.35, Lisboa: "um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder - psicológico, socio-cultural, político e económico - que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania" (Pinto 1988 citada por Pinto 2009 p. 401)

²³ Sou licenciada e Educação Social, pela Escola Superior de Educação e Comunicação do Algarve.

E por isso, depois de investir na minha formação nesse aspeto, ter tido oportunidade de realizar um estágio na área foi fundamental para testar as minhas pretensões, as minhas capacidades: uma tonelada de experiências e uma constante entre falhas e êxitos. Um dia nunca foi igual ao outro, não só porque a atualidade noticiosa gira ao ritmo frenético do mundo, mas porque todos os dias surge um novo desafio.

Se para uns o estágio curricular é um caminho para ingressar no mercado de trabalho, para outros é também uma oportunidade de aprender, envolvendo-se num processo de formação contínuo tirando partido da experiência dos profissionais da área partilhando com eles o seu quotidiano, o desempenhar das suas tarefas. Para Miguel Aurélio & Alonso Garcia²⁴ “aplicar em ambiente de trabalho as competências aprendidas em contextos puramente educativos permite aos indivíduos tomar consciência da eficácia do seu trabalho e das suas reais capacidades” (s.d., p.55). Neste sentido, no que diz respeito à aprendizagem no contexto de estágio, os processos de socialização²⁵ podem revela-se preponderantes para atingir tais objetivos.

Alguns estudos e dissertações de mestrado nas áreas das Ciências da Comunicação, nomeadamente a Sociologia e a Psicologia Social, têm trabalhado o conceito de socialização organizacional como um processo através do qual os alunos (no momento do estágio) adquirem as aprendizagens, valores e capacidades para ingressar no mundo profissional.

David Relvas²⁶, na sua dissertação de mestrado intitulada *Socialização e satisfação nos diferentes tipos de estágio*, acredita que “os estágios curriculares devem contribuir para uma aprendizagem ativa e simultaneamente ajudar o estagiário a potencializar a sua identidade e perfil profissional” (2012, p.28).

Trabalhando o conceito de socialização organizacional²⁷, o autor afirma que o mesmo tem evoluído ao longo tempo. Se por um lado se comportava nas teorias comportamentais “como uma transição do indivíduo para o novo papel organizacional, onde o indivíduo adapta-se e

²⁴ Aurélio, M. & García, A (s.d) *A concepção e avaliação dos programas de estágio de formação na empresa: perfil da equipa de apoio*, em Revista Europeia nº 25. Departamento de Psicologia Diferencial e do Trabalho, Faculdade de Psicologia. Universidade Complutense de Madrid (p.55)

²⁵ O conceito de *Socialização* pode ser definido como “o processo pelo qual uma pessoa interioriza as normas do grupo em que vive, de modo que suje um ‘eu’ distinto, único para cada um dado indivíduo” (*Horton & Hunt, 1980, citado por Relvas 2012, p.11*)

²⁶ Relvas, David José Nunes (2012) *Socialização e Satisfação nos diferentes tipos de estágios*. Lisboa – Universidade Lusófona de humanidades e tecnologias, faculdade de psicologia. Dissertação de mestrado. (p.28)

²⁷ Ob. Cit.: (Van Man Maanen 1996 *apud* Relvas 2012, p.7) - “processo pelo qual uma pessoa aprende os valores, normas e comportamentos necessários para lhe permitir participar como membro da organização”.

reage aos sinais do novo ambiente”, por outro, à luz das abordagens *interacionista e culturalista*, a socialização organizacional é tratado como:

“processo de ajustamento e, simultaneamente, de aprendizagem de um indivíduo para outro papel organizacional e cultural da organização em que se insere. Neste amplo quadro teórico, o indivíduo já não atende apenas a sinais do seu ambiente, mas interage com ele.” (p.15)

Serão, portanto, as relações que estabelecemos no período de estágio que contribuem para a nossa aprendizagem. E tratando-se de interações pessoais,

“contribuem para a construção de uma identidade social, ajudam a identificar as políticas e as competências valorizadas pela organização, constituem verdadeiros meios de informação, de suporte social e redução do *stress*, e ajudam a clarificar o papel de novo colaborador tendo em conta expectativas da organização.” (Asford & Black, 1996, *apud* por Relvas 2012, p.18)

Sandra Ferreira²⁸, na sua tese de mestrado *Acolhimento, integração e empenhamento organizacional: estudo de caso no sector das telecomunicações*, defende que o sucesso da experiência individual, no contexto do estágio organizacional, está fortemente dependente “das interações sociais que cada indivíduo estabelece desde o primeiro dia” (2008, p.34).

Através da experiência de estágio, das relações que estabeleci durante o mesmo, e das oportunidades surgidas, foi-me possibilitado um sem fim de ensinamento fundamentais à minha formação profissional no que diz respeito: ao desempenho e realização de funções; à linguagem profissional, ou seja, ao conhecimento da terminologia técnica como os jargões jornalístico compartilhados (*o lead*, *o off*, *o vivo*, etc); ou ainda à compreensão dos princípios éticos, morais ou técnicos que mantêm a integridade da profissão.

Relvas (2012) define três objetivos específicos dos estágios curriculares, com as quais concordamos; no que diz respeito ao desenvolvimento de conhecimento e de competências, o estágio deve ser capaz de “abrir horizontes, criar situações de questionamento, de situações de prática quotidiana e simultaneamente de aprendizagens do âmbito profissional através do aperfeiçoamento e desenvolvimento de competências diversas, contribuindo para a autonomia do estagiário.”; a articulação de conhecimentos basear-se na “partilha de conhecimentos, quer teórico, quer práticos (...) os planos de Ação ou interesses de investigação adequados aos estagiários são sempre uma mais-valia;” e a promoção da maturação pessoal e profissional, uma

²⁸ Ferreira, S. (2008). *Acolhimento, integração e empenhamento organizacional: estudo de caso no sector das telecomunicações*. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de ciências da educação. (p.34)

vez que esta fase “permite ao estagiário ‘crescer’ quer pessoalmente, quer profissionalmente, saber gerir emoções, atitudes, comportamentos e até mesmo deceções” (pp.28-29).

E, portanto, no que diz respeito a estes objetivos, o Relatório de estágio curricular, para além de refletir a contribuição do estágio para a minha formação como jornalista, deve fazer uma “avaliação crítica do caminho que vai dos objetivos iniciais aos resultados atingidos.”²⁹

Realizar um estágio curricular é mais complexo do que se possa pensar à partida, reque um esforço por parte do aluno/estagiário na articulação de: tirar partido da experiência para a aquisição formação quer pessoal quer profissional, tentar corresponder às expectativas no ambiente profissional em que está inserido, ao mesmo tempo que se mantém o compromisso de produzir uma reflexão crítica sobre a própria prática/experiência.

3.1 - Delimitação do objeto de estudo

Delimitar o tema é provavelmente das tarefas mais difíceis na fase preliminar da realização de um relatório de estágio. O mundo dos jornalistas e da televisão é tão complexo e oferece uma multiplicidade de perspetivas de análise que se torna complicado escolher um “ângulo” de trabalho.

Às vezes, estamos tão preocupados em nos ambientarmos à instituição de acolhimento, aos seus hábitos e rotinas, tentando não decepcionar, que corremos o risco de comprometer o nosso trabalho. Tal como afirma Giles Harrison-Conwill³⁰, no seu artigo *Informal ethnography in the corporate workplace: Applying foundational research methods in professional life*: “many of us may expend a great deal of energy learning and adjusting to organizational culture before effectively or efficiently accomplishing the tasks for which we are hired to do” (2014, p.17).

No desenvolvimento de estágio, a definição de um ou mais objetos sobre os quais deve incidir o trabalho dependem, necessariamente, do desenvolvimento do próprio estágio e dos desafios criados pelos principais interlocutores; o que, de resto, justifica o formato de relação e os procedimentos metodológicos adotados. Persistem como balizas previamente definidas a

²⁹ ESCS - Regime de Frequência e Avaliação do 2.º Ciclo. Artigo 4.º Definição da unidade curricular – Dissertação de Mestrado / Trabalho de Projeto / Estágio com Relatório. Disponível em: http://static.escs.ipl.pt/old/pdfs/info_academica/mestrados/Regime_de_Frequencia_e_Avaliacao_do_2_Ciclo.pdf

³⁰ Harrison-Conwill, G. (2014) *Informal Ethnography in the Corporate Workplace: Applying Foundational Research Methods in Professional Life*, in *Practicing Anthropology*. Vol. 36, nº2 (p.17)

caracterização da instituição e a leitura dos seus propósitos e da sua moldura ética, geralmente fixadas em texto; para além disso, o objeto de trabalho resulta de uma negociação que pondera, de forma necessariamente desigual, a nossa curiosidade e as oportunidades que nos são proporcionadas.

Ao mesmo tempo que um estagiário se insere numa empresa, para além de ter como objetivo aprender com os colegas e de realizar ao mesmo tempo uma investigação, é também esperado que aplique os conhecimentos obtidos no período de formação e por isso seja “mais um” a contribuir para a produção informativa. Reforça-se, pois, a necessidade de encontrar, nas oportunidades que surgem no estágio, os temas sobre os quais refletiremos no trabalho final.

Foi quando surgiu a oportunidade de integrar a equipa do programa informativo ESFC que percebi que esse era o mote ideal para a construção e reflexão neste trabalho. O programa conjugava as minhas duas áreas de interesse iniciais: os temas da exclusão social como a marginalização e o preconceito (inevitavelmente relacionados com a minha formação académica) e a prática profissional jornalística. Estar inserida na equipa de trabalho do programa poderia ajudar-me a perceber como é que estes temas entram no campo jornalístico e, partindo dos casos concretos abordados do programa, identificar quais as estratégias e recursos jornalísticos utilizados para os retratar.

Quando integrei a equipa de trabalho o programa ia na segunda de nove emissões, mas era já possível identificar as suas características distintivas no âmbito jornalístico, como veremos mais à frente, cujo desenho estabelece uma condição de estudo de caso.

Foi aí, portanto, que decidi privilegiar o programa como foco principal deste trabalho. Foi então definido o intervalo entre 26 de abril e 13 de junho, período que corresponde à minha permanência no programa.

É na primeira reflexão, tirando partido da minha experiência direta com o programa, que se identifica os seus antecedentes, o percurso do seu projeto, o conceito, as características, os recursos e as estratégias informativas. Já no que diz respeito à reflexão sobre a prática, esta também privilegia o intervalo de tempo definido, mas não menospreza a experiência de estágio no seu todo.

A figura 1 clarifica no tempo as várias oportunidades de colocação no período do estágio, ressaltando o período concreto em que se esteve, no estágio realizado, numa intersecção plena entre o programa ESFC e o intervalo de estágio, que compreende, na sua totalidade, o período de seis meses de estágio curricular na redação de informação da SIC; o período, dentro do tempo de estágio, destinado a cada área de intervenção, nomeadamente o intervalo de tempo em que colaborei com o ESFC; e o período de ocorrência do programa ainda anterior à minha permanência na equipa de trabalho.

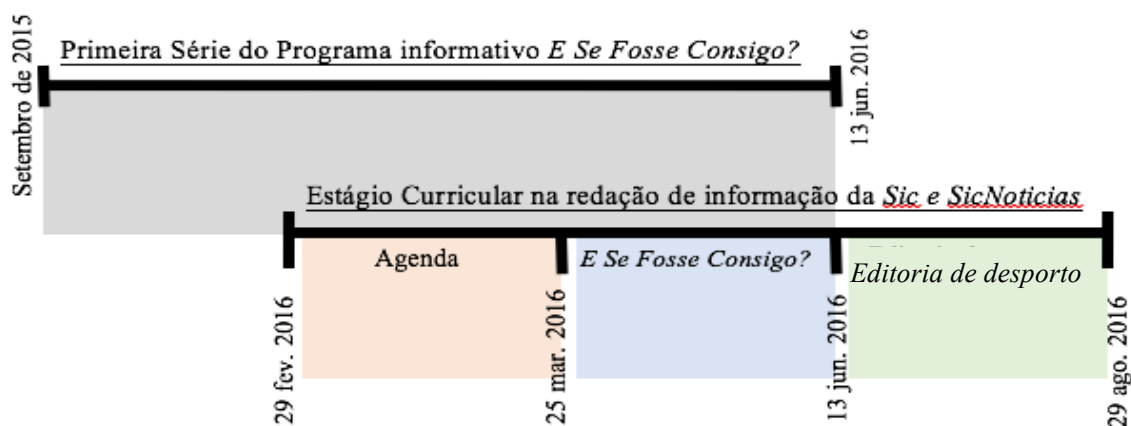


Figura 1 - Cronologia de estágio

4. Metodologia

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É caminhar para um melhor conhecimento. O seu propósito explícito é o de dar resposta a determinados princípios que conduzem ao conhecimento científico” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.29)³¹

Já aqui referimos, na apresentação deste trabalho que no presente no Relatório de estágio se pretendem desenvolver duas ordens de reflexão distintas: por um lado enunciar e refletir

³¹ Quivy, R.& Campenhoudt, L. (1992), *Manuel de investigação em ciências sociais*, Gradiva. (p.29)

sobre a minha experiência concreta, privilegiando um determinado período de tempo, mas sem menosprezar a importância do seu todo; ao mesmo tempo que, aproveitando a oportunidade surgida, refletir sobre a natureza do projeto do programa tendo em conta não só as suas estratégias e recursos e jornalísticos e o seu próprio conceito.

A metodologia de um trabalho científico, segundo Almeida & Pinto³² é a “organização crítica das práticas de investigação” (1995, p.93). Então, tendo em conta os objetivos já referidos, recorreu-se a várias técnicas e instrumentos de cariz qualitativo, que auxiliam nessa tarefa. Como técnicas de investigação podemos conceber, segundo os mesmos autores, o “conjunto de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação requerida pela atividade de pesquisa (p.85). É sobre esses procedimentos, utilizados neste Relatório de Estágio que refletiremos agora.

4.1 – Pesquisar:

Neste projeto de investigação procurei, à luz dos autores e perspetivas mais clássicas, mas também com recurso a estudos mais recentes que ajudam a trazer novas perspetivas e problemáticas, numa primeira fase proceder a um levantamento bibliográfico a dois níveis: sobre a própria natureza conceptual do programa (identificando comportamentos e situações de exclusão social, marginalização e preconceito), bem como sobre os recursos, procedimentos e soluções técnicas aplicadas à prática jornalística, nomeadamente no plano televisivo.

Este levantamento permitiu-me ter uma noção dos trabalhos desenvolvidos sobre as temáticas, bem como conceder-me algumas luzes e ideias de como podia desenvolver eu própria o meu trabalho. No entanto, dificilmente posso afirmar que li tudo o que havia sobre as temáticas conceptuais presente neste trabalho. No entanto a seleção do material documental deve ser feita com algum cuidado e segundo um critério de qualidade em função da quantidade, pois tal como afirmam Quivy & Campenhoudt, “selecionar muito cuidadosamente um pequeno número de leituras e de se organizar para delas retirar o máximo proveito” (1992, p.49).

A pesquisa documental – essencialmente através de livros, artigos científicos e da imprensa – ajudou a esclarecer conceitos e fenómenos, mas também a delinear o caminho, oferecendo pontos de vista e sugestões de análise.

³² Almeida, J. F. & Pinto, J. M. (1995), *A investigação nas ciências sociais*, Editorial Presença. (p.85)

4.2 –Participar

Uma vez que este trabalho resulta de uma experiência vivenciada na condição de estágio, prepõe-se então que ao mesmo tempo que participo no seu quotidiano reflita sobre o mesmo. Ao interagir e colaborar de forma direta com o grupo em estudo, foi possível observar os comportamentos dos jornalistas no seu dia-a-dia, analisar diretamente os seus métodos de trabalho, colocando-me assim num papel observadora-participante.

A observação participante é uma técnica fundamentalmente utilizada no método etnográfico³³, que “in order to ‘understand’ human behaviour these approaches examine social processes in as natural a way as possible, using several connected research methods that focus on social interaction and communications.” (Iphofen, 2015, p.3)

Salgado (2015)³⁴, afirma que a observação participante pressupõe “a performance, um estar e ser com o outro, de forma a melhor o compreender, enquadrando o seu habitat de significado, o enquadramento da sua vida ao contexto de análise” (p.28), e por isso implica “inserção do observador no grupo observado, o que permite uma análise global e intensiva do objeto de estudo” (Almeida & Pinto, 1995, p.105).

Estar dentro da equipa do programa informativo ESFC deu-me uma posição de análise privilegiada, sendo possível perceber a forma como cada programa era preparado, as rotinas da equipa de trabalho de um programa informativo deste género, as discussões de ideias, as decisões editoriais, entre outros aspeto. Mas, o facto de não ter ocupado unicamente o papel de observadora, tento contribuído e trabalhado juntamente com a equipa, tirou-me, no entanto, a possibilidade de analisar todas as fases com a mesma disponibilidade, uma vez que também eu desempenhava tarefas na produção de cada programa.

A técnica da observação participante pressupõe que o investigador “preserves a permanent retrievable record of their observations and activities” (Iphofen, 2015, p.9); por esse motivo, na aplicação deste procedimento utilizei um caderno de campo para registar informações pertinentes à minha reflexão, enunciando situações observadas e descrevendo atividades desenvolvidas. Para além disso, elaborei também vários registos fotográficos de

³³Ob. Cit.: Iphofen, R. (2015) *Research Etchics in Ethnography/ Anthoropology. European Comission.* (p.3): “Ethnography entails the study of a group through direct contact with its culture and social interactions. Ethnology involves the systematic comparison of different cultures using a range of ethnographic research methods to compare and contrast patterns within and between different cultures. In addition to covering similar topics to anthropology, ethnology is interested in notions of cultural invariants, universal taboos and concepts of ‘human nature’.” (p.6)

³⁴ Salgado, R. S. (2015) A Performance da Etnografia como Método da Antropologia. In CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Antropológicas, nº13. (p. 28)

situações e experiências vividas no decorrer da observação.

O diário contém, então, aquilo que observei sobre a minha experiência prática, sobre os gestos, comportamentos, expressões, conversas informais, reflexões. O seu registo foi muitas vezes feito em tempo real, no momento em que as coisas aconteciam, ou posteriormente no regresso a casa quando fazia uma retrospectiva do dia de trabalho.

As anotações efetuadas resultaram na construção de um *descritivo de práticas* (integralmente apresentado no trabalho), onde se recorreu a uma apresentação em quatro colunas, situado, respetivamente, da esquerda para direita, a data das observações, as observações e dados obtidos, o seu comentário e, finalmente, os tópicos patentes no índice do trabalho.

A utilização deste instrumento facilitou a construção da narrativa neste relatório de estágio, ajudando a construir um fio condutor para a reflexão que se pretende fazer. No entanto, através da análise deste *descritivo de práticas*, foi-me possível identificar algumas características a respeito das questões editoriais e dos seus procedimentos, que serviram, mais tarde, como matéria prima para a elaboração dos guiões de entrevista.

4.3 -Entrevistar

De forma a clarificar algumas questões levantadas no *descritivo de práticas*, no que diz respeito à minha participação no programa, procedi à realização de três entrevistas à equipa de trabalho (à autora e jornalista Conceição Lino, à jornalista Ana Lúcia Martins e à produtora editorial Isabel Mendonça).

Do ponto de vista da investigação, as entrevistas são “entendidas como procedimentos de recolha de informação que utilizam a forma de comunicação verbal. (Almeida e Pinto, 1995, p. 109) Segundo Quivy & Campenhoudt, “os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados”. (1992, p.93)

Ao longo da minha experiência como estagiária no programa ESFC apercebi-me de algumas características chave do próprio projeto. Por isso as entrevistas realizadas procuram comprovar, esclarecer e perceber tais características.

Deste modo, procedi a um conjunto de questões abertas, permitindo a cada entrevistada expressar-se através das suas próprias palavras, permitindo a exploração mais amplas de cada

questão. No que diz respeito à sua estrutura, Boni & Quaresma (2005)³⁵ afirmam que: “o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido.” (p.74). Embora gravadas, estas entrevistas assumem um carácter quase informal de conversa sobre os temas questionados, onde a minha intervenção foi o sentido de guiar a conversa, de acordo com os tópicos que considere importantes.

A informação que traduzem decorre então de dados que mantive como certos, devido ao resultado das minhas observações no terreno. Há, no entanto, que apontar pelo menos um constrangimento à aplicação deste tipo de entrevistas, pois foram realizadas a membros da equipa do programa no qual também estava inserida. Por me responderem a determinadas questões, poderão ter partido do princípio que não era preciso explicar de forma mais detalhada determinados aspetos, uma vez que o diálogo se inscrevia num contexto tácito, justificando, mais tarde, a contextualização dos comentários obtidos.

Portanto, as entrevistas realizadas assumem um carácter fundamentalmente factista, na medida em que, por haver a necessidade de responder adequadamente a uma série de questões e dando prioridade ao domínio declarativo dos intervenientes no programa, que contribuíram para melhor compreender o fio do trabalho desenvolvido e para cimentar, complementar e clarificar, o que está dentro deste relatório deste estágio.

As perguntas resultam, portanto, de aspetos que fui acumulando ao longo do processo prático e que ganhavam aqui por oferecem uma *big picture* dos antecedentes do projeto, das suas motivações e procedimentos.

Depois de realizadas, as entrevistas foram devidamente transcritas (encontram-se em anexo), e serão recuperadas ao longo do texto deste Relatório de Estágio sempre que se justifique.

5. O Estágio Curricular na SIC

5.1 Breve contextualização do Grupo *Impresa* e da SIC

O Grupo *Impresa* é considerado um dos maiores grupos de comunicação social do país, com participação em várias áreas de negócio no que diz respeito ao segmento dos média como jornais, revistas e canais de televisão pública e por cabo.

³⁵ Boni, V. e Quaresma, S. J. (2005) *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. In Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, (p. 74)

A *SIC*³⁶ - Sociedade Independente de Comunicação - surge a 6 de outubro de 1992, sendo a primeira televisão privada, independente e comercial em Portugal.

A grande aposta em informação, entretenimento, ficção e documentários, que chegavam aos telespetadores em português, fez com que a *SIC* liderasse as audiências três anos depois do seu lançamento, em 1995.

A informação da *SIC* caracteriza-se, desde o primeiro momento, pela independência, rigor e qualidade e irreverência.

5.1.1 O Universo SIC

Sempre com o propósito de inovar, de alargar o seu público e de oferecer aos telespetadores conteúdos de qualidade, o universo *SIC* foi se alargando com a criação de várias áreas e canais temáticos: *A SIC Internacional*, *a SIC Notícias*, *a SIC Radical*, *a SIC Mulher*, *a SIC Esperança*, *a SIC K*, *a SIC Caras*, *a SIC Online* e *a SIC Esperança*.

*A SIC Internacional*³⁷ começou a sua emissão em 1997, com o objetivo de chegar a todos os portugueses espalhados pelo mundo, e em especial a todos os países de língua oficial portuguesa. A programação diversificada com informação, desporto e entretenimento, com uma emissão vinte e quatro horas diárias, leva a atualidade nacional um pouco por todo o globo. Hoje, o canal chega a cerca de seis milhões e meio de telespetadores, através do sistema de cabo, satélite e IPTV, podendo ser visto em França, Suíça, Luxemburgo, Bélgica, Andorra, Estados Unidos, Angola, Moçambique, África do Sul, Brasil, Austrália e Reino Unido.

*A SIC Notícias*³⁸ surge a 8 de janeiro de 2011, um canal unicamente destinado à informação. Tentando responder ao público que quer estar permanentemente informado, este canal dispõe de grandes blocos de informação diária, ainda com espaço para emissões especiais temáticas sobre desporto, economia, política, saúde entre outros. Desde 2003 que este canal apostou também na internacionalização, e hoje é possível ver a *SIC Notícias* através de países como o Canadá, Estados Unidos da América, Luxemburgo, Suíça, Andorra, França, Moçambique, Angola e Cabo verde.

³⁶ Consultado em: <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2013-11-07-SIC>, 1/12/2016

³⁷ Consultado em: <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2013-11-07-SIC-Internacional>, 1/12/2016

³⁸ Consultado em <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2013-11-07-SIC-Noticias>, 1/12/2016

A *SIC Radical*³⁹ começou a sua emissão a 23 de abril de 2001, oferecendo um pacote de programas alternativos que apostam na irreverência e no entretenimento, como séries, programas de crítica social, de humor nacional e internacional, desenhos animados, entre outros. O seu público-alvo caracteriza-se pelos telespectadores mais jovens entre os quinze e os trinta e cinco anos. Este canal é também transmitido, desde 2015, em Angola e Moçambique.

A *SIC Mulher*⁴⁰ aparece assinalando o dia internacional da Mulher, a 8 de março de 2003, sendo um canal temático dedicado ao público feminino, com o grande objetivo de entreter e informar, onde os principais conteúdos estão ligados à temáticas da saúde, beleza, moda, decoração e culinária. Hoje, este canal é também transmitido em Cabo Verde, Angola e Moçambique.

A *SIC K*⁴¹ surgiu a 18 de dezembro de 2009, como um canal destinado aos mais novos, com um público-alvo compreendido entre os sete e os catorze anos. É um canal de entretenimento com programação em português, onde o principal objetivo é fomentar o espírito crítico e a responsabilidade social dos mais novos. Este canal está igualmente presente em Angola, Moçambique e Cabo Verde.

A *SIC CARAS*⁴² é o mais recente canal temático do universo *SIC*, criado em 2013, resultando da expansão da *Revista Caras* para o pequeno ecrã, a televisão. Com tal, a sua programação revê-se em conteúdos relacionados com o entretenimento pretendendo ser um canal de referência no que diz respeito ao mundo do espetáculo, com um olhar especializado pelo universo das celebridades nacionais e internacionais, transmitindo conteúdos tais como: notícias, reportagens, entrevistas, debates, *talk-shows*, *talent shows*, documentários e emissões especiais. Este canal é também transmitido em Angola e Moçambique, desde 2014.

A *SIC Online surge em 2001*, acompanhando a era digital. Nos dias de hoje a componente digital é bastante valorizada pela *SIC*, que reúne uma série de sites e multiplataformas *online* em permanente atualização, onde o público pode aceder a variadíssimos conteúdos que foram transmitidos em todos os canais do universo *SIC* e ainda a conteúdos exclusivos para a internet. Um exemplo dessa constante inovação, é a criação do *SIC Prime*⁴³, em 2016, um formato de informação concebido unicamente para o *online*.

³⁹ Consultado em <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2013-11-07-SIC-Radical>, 1/12/2016

⁴⁰ Consultado em <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2013-11-07-SIC-Mulher>, 1/12/2016

⁴¹ Consultado em <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2013-11-07-SIC-K>, 1/12/2016

⁴² Consultado em <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2013-11-07-SIC-CARAS>, 1/12/2016

⁴³ Consultado em <http://sicnoticias.sapo.pt/prime>, 1/12/2016

A *SIC Esperança*⁴⁴ nasce em 2003 como um projeto de solidariedade social, transversal a todo o universo *SIC* e do *Grupo Impresa*. Surgiu da necessidade de “colocar a televisão ao serviço da sociedade, para que, em conjunto, fosse possível criar um mundo melhor”, com o objetivo divulgar e na tentativa incansável de arranjar soluções para os problemas social no panorama nacional e também para a “responsabilização e credibilização da solidariedade”. Em 2007, a *SIC Esperança* foi reconhecida como “entidade de superior interesse público e passa a ter o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social”. Nos últimos 12 anos, a *SIC Esperança* esteve envolvida em mais de quinhentas e cinquenta campanhas humanitária, colaborou com quase mil instituições.

5.1.2 Caracterização da redação de Informação da SIC

Na redação de informação da *SIC*, local onde decorreu o meu estágio curricular, são produzidos todos os conteúdos noticiosos que compõe todas as plataformas de informação, desde os jornais da *SIC*, à *SIC Notícias* e à *SIC Online*.

O espaço físico de trabalho da informação da *SIC* está dividido em várias áreas distintas, entre elas: três redações, dois estúdios, duas régies de vídeo, duas régies de som e dez salas de edição. Existem ainda demais salas e espaços, no entanto, durante o meu período de estágio, estas foram as áreas com as quais tiver mais contacto.

A redação principal é um espaço amplo onde todas as editorias e equipas trabalham em conjunto: a agenda, o *online*, o desporto, a sociedade, a cultura, o internacional, a política, a economia, a equipa do primeiro jornal e a do jornal da noite, as equipas da edição da manhã, da tarde e da noite - agrupadas pelas secretárias corridas que compõe a redação onde, por outras palavras, se alia a área de especialização de cada profissional com as necessidades do trabalho editorial. No entanto, todos os jornalistas que aqui trabalham têm de estar preparados para produzir informação sobre qualquer tema pois, embora exista uma área preferencial de atuação, a atualidade noticiosa é imprevisível e é preciso saber atuar de forma rápida e eficaz, com a missão de ser-se o primeiro a informar da forma mais completa, sem nunca meter de parte o rigor.

Por uma questão de organização e hierarquização das notícias, cada editoria tem um responsável, ao qual que chama de Editor. Os Editores de determina seção são igualmente

⁴⁴ Consultado em <http://www.impresa.pt/arquivo/2016-02-24-Responsabilidade-Social>, 1/12/2016

jornalistas, que distribuem o trabalho pela equipa. Ainda, cada jornal da *SIC* e da *SIC Notícias* tem um coordenador, responsável por organizar o bloco informativo, distribuir o trabalho pela equipa, e a realização do alinhamento do programa informativo que coordenam.

Na redação mais pequena trabalham os jornalistas que fundamentalmente produzem informação não diária, como grandes reportagens ou reportagens especiais. Dentro desta redação existe ainda uma pequena sala, ocupada pela equipa do programa ESFC, tendo eu, por isso, passado parte do meu estágio nessa mesma sala. A redação da *SIC Notícias* só é ocupada pontualmente, uma vez que a maioria dos jornalistas estão concentrados nas outras redações.

É a partir dos estúdios da *SIC* que são transmitidos os dois principais jornais e onde são gravados outros programas da estação como é o caso da gravação dos pivots do programa EFSC. Do estúdio da *SIC Notícias* são transmitidos todos os blocos noticiários do canal. Foi também neste estúdio que se realizaram os debates que aconteciam após cada emissão do programa ESFC.

As régies de vídeo são os locais de controlo onde são coordenadas as diversas tarefas que dizem respeito à criação de conteúdos audiovisuais em estúdio. É na régie de vídeo que são coordenadas as gravações, o teleponto, a entrada e saída das peças, a entrada e saída de pontos de direto no terreno. Já na régie de áudio é controlada a qualidade do som de cada emissão ou programa que está a ser gravado em estúdio.

Nas salas de edição trabalham os editores de imagem que ajudam os jornalistas na montagem e edição das peças jornalísticas, quer para a informação diária, quer para trabalhos jornalísticos mais demorados.

Para além dos jornalistas e dos editores de imagem já referidos, compõe a estrutural organizacional da informação da *SIC* os repórteres de imagem, os produtores editoriais, os responsáveis pelo arquivo e ainda os técnicos de imagem.

A plataforma interna de comunicação, utilizada por todos os trabalhadores da *SIC* é o ENPS (The Essential News Production System), é nesta plataforma que toda a produtividade acontece: é onde são escritas as peças noticiosas, onde são construídos os alinhamentos dos telejornais, entre outras funcionalidades como o envio de informação que chega a toda a redação. Existe ainda outro programa informático utilizado pela generalidade dos trabalhadores que é o programa de edição de vídeo onde todas as imagens são montadas e editadas, o XPRI.

Para que toda a equipa *SIC* disponha de um sistema de informação abrangente e integrado, é necessária a existência de uma direção de informação e coordenação. Neste caso a mesma é constituída por: um diretor de informação, Ricardo Costa; um diretor geral adjunto,

Alcides Vieira; um diretor adjunto de informação, José Gomes Ferreira; dois subdiretores: Pedro Cruz, e Bernardo Ferrão; vários editores conforme a área temática: Isabel Horta (Sociedade), Pedro Benevides (Política), Graça Costa Pereira (Cultura), Elisabete Marques (Desporto), Cândida Pinto (Internacional), José Gomes Ferreira (Economia).

5.2 Estágio na SIC e no Programa Informativo E Se Fosse Consigo?

“Para nós, jornalistas que trabalhamos com pessoas, que procuramos compreender as suas histórias, que temos de investigar e pesquisar, a experiência pessoal é obviamente fundamental”

(Kapusinski, 2008, p.30)⁴⁵

O estágio curricular que realizei na *SIC e SIC Notícias*, e que tem como pressuposto a realização deste trabalho final, teve um período de duração de seis meses, oito horas diárias, muitas vezes mais, tendo começado a 29 de fevereiro de 2016 e terminado a 29 de agosto do mesmo ano, e onde desempenhei funções como jornalista estagiária. Na redação de informação da SIC, pude acompanhar e desempenhar tarefas que correspondem ao quotidiano dos jornalistas e das suas rotinas produtivas: da saída em reportagem, ao processo de pesquisa, verificação, e tratamento de informação, ao processo de montagem e edição de peças noticiosas.

Ao longo destes seis meses, tive oportunidade de experienciar as vivências profissionais de algumas secções que compõe a produção noticiosa da *SIC* e da *SIC notícias*: a Agenda de Informação, o programa informativo “E se Fosse Consigo?”, a Editoria de Desporto e as Madrugadas.

Quando me candidatei a estágio na informação da *SIC*, ia com a ideia de que a editoria de Sociedade seria uma área pela qual gostaria de passar, talvez por a considerar mais relacionada com a minha formação académica, o que acabou por não acontecer. Embora me tenha sido possível sugerir por quais editorias gostaria de passar ao longo do tempo de estágio, à exceção da passagem pela agenda – obrigatória, mas indispensável - o meu percurso foi feito de oportunidades que acabaram por surgir.

⁴⁵ Kapuscinski, R. (2008) *Os cínicos não serve, para este ofício – Conversas sobre bom jornalismo*. Lisboa. Relógio D'Água

Para a realização deste trabalho, foi escolhido um intervalo de tempo, no que diz respeito à análise, compreendido entre 26 de abril e 13 de junho, período que corresponde à minha passagem pelo programa informativo “E se Fosse Consigo?”.

Importa, antes de descrever de forma mais exaustiva a minha experiência no programa, fazer uma referência sucinta às áreas da redação de informação pelas quais passei ao longo destes seis meses. Ressalvo a importância de cada uma das fases do percurso de estágio, todos contribuíram de diferentes formas para a minha aprendizagem.

À agenda de informação da *SIC* chegam todos os dias centenas de email com propostas de reportagem, eventos e comunicados de imprensa. Aos jornalistas que trabalham nesta secção, cabe a difícil tarefa de fazer a triagem daquilo que é informação e é pertinente agendar, para que posteriormente os Editores, responsáveis por cada secção, mobilizem as equipas, jornalistas e repórteres de imagem, para realizar os serviços.

É também na Agenda que são recebidos todos telefonemas dos telespectadores, que de certa forma querem partilha uma história ou uma denúncia, plausível de ser notícia – nestas situações, cabe ao jornalista que recebe o telefonema averiguar a veracidade da situação, e reporta-la à redação se houver necessidade disso.

A Agenda de informação é uma secção bastante importante porque, segundo a percepção que tive enquanto experiência de estágio, é aqui que começa a maior parte da produção, que se elenca tudo o que de mais importante vai acontecer que merece cobertura noticiosa. Os jornalistas que trabalham na Agenda têm, em primeira instância, o espírito crítico de avaliar a pertinência de acompanhar determinada situação. Com isto não quero dizer, também que tudo o que se agende seja trabalhado e convertido numa reportagem, até porque muitas vezes depende de fatores como a disponibilidade de equipas para irem ao terreno ou a imprevisibilidade da atualidade, mas significa sim que grande parte dos assuntos noticiados, maioritariamente os que ocorrem em território nacional, passaram e foram reportados em primeiro lugar pela Agenda de informação. Nesta secção passei quase dois meses do meu período de estágio e realizei tarefas de agendamento e seleção de informação que chegava quer por email, quer por telefonema.

Em relação à minha passagem pela Editoria de Desporto, esta correspondeu a um período compreendido entre 14 de junho e 29 de agosto. É nesta editoria que todos os temas relacionados com a atualidade desportiva, quer a nível nacional quer a nível internacional, são trabalhados. Os jornalistas desta secção produzem conteúdos noticiosos não só para os principais jornais da estação generalista, a *SIC*, mas também para todos os noticiários da *SIC*

Notícias, e em especial para os três blocos informativos destinados ao Desporto, que, salvo raras exceções, ocupam a grelha de programação informativa da SIC Notícias.

Na verdade, e embora não esteja em análise neste trabalho, quando integrei a editoria de Desporto acontecia, em França, o Campeonato Europeu de Futebol, um evento que teve uma grande cobertura jornalística, por parte da SIC e SIC Notícias e de muitos outros órgãos de comunicação, e sobre o qual se trabalhava todos os dias.

Durante esta fase, sai muitas vezes em reportagem, realizei peças noticiosas, escrevi e montei “OFF”, “pivots” e blocos de imagens, e pude ainda acompanhar momentos de reportagem “direto”. Passar por esta editoria foi um grande desafio para mim. Era de todas as áreas aquela com a qual me sentia menos à vontade, mas foi também aquela onde sinto que mais aprendi sobre informação diária e a lidar com as suas especificidades – a atualidade que muda ao segundo, o exclusivo e o imediato tão característicos da televisão.

Em relação às madrugadas, esta é uma experiência pela qual todos os jornalistas estagiários passam, pelo menos uma semana durante o estágio curricular, fazendo o horário da meia-noite às seis horas da madrugada. Durante este turno, a redação fica entregue ao jornalista estagiário e ao repórter de imagem. Ao estagiário cabe a tarefa de estar atento a eventuais acontecimentos que justifiquem a saída em reportagem. Para isso é preciso verificar o que vai chegando das agências noticiosas, nacionais e internacionais, contactar de hora em hora as entidades de segurança como a GNR, a PSP e os Bombeiros da área metropolitana de Lisboa, e ouvir os noticiários da rádio. Caso aconteça algo de relevante, é preciso transmiti-lo ao repórter de imagem e decidir com ele a pertinência da saída em reportagem. É à equipa da Edição da manhã, que chega à redação para começar a preparar o primeiro jornal do dia entre as quatro e as seis horas, que a informação recolhida durante a madrugada deve ser transmitida, bem como o material recolhido, se assim for o caso.

Durante o meu estágio curricular, fiz pouco mais de uma semana de madrugadas. Durante esse tempo, tive oportunidade de sair em reportagem, e de realizar todas as tarefas em cima enunciadas. E, uma vez que a minha semana de madrugadas correspondeu também ao período de tempo em que integrei a equipa do ESFC, aproveitei também para adiantar o trabalho que podia em relação ao programa.

5.2.1 Processo de acesso

Trabalhar com a equipa do programa ESFC foi também uma das oportunidades que surgiram durante o estágio curricular, com a qual não contava. Faltavam poucos dias para terminar a minha passagem pela Agenda quando me foi sugerido que reforçasse a equipa do programa, uma vez que havia essa necessidade, devido ao volume de trabalho a que a equipa estava sujeita naquele momento.

Como já referi neste trabalho, foi também nesta altura que decidi que este seria o período de tempo ideal para analisar neste trabalho, uma vez que conjugava duas áreas que me são familiares no que diz respeito ao meu percurso académico: as temáticas da exclusão social e o jornalismo.

A primeira coisa de que me apercebi foi que parte do trabalho de campo já havia sido realizado. As experiências sociais e algumas entrevistas já haviam sido feitas, mas de tema após tema, ainda havia muito trabalho por fazer para que todas as semanas um programa pudesse estar no ar. Inclusive, o primeiro programa, referente ao tema do Racismo, já tinha sido transmitido e o segundo, sobre o *Bullying*, estava praticamente preparado.

A integração na equipa foi bastante fácil, desde logo fui posta a par do trabalho que estava a ser realizado e todos se mostraram disponíveis para responder às dúvidas que me fossem surgindo, quer a nível técnico quer a nível editorial. Foi-me também possibilitado o acompanhamento de todos os processos de produção do programa, como as saídas em reportagem. Ao fim de poucos dias de estágio na equipa, já me sentia parte da mesma. Estava dentro do material recolhido e do que faltava recolher, conhecia a dinâmica de trabalho do grupo, estava presente e participava nas discussões de ideias. A boa integração na equipa de trabalho, fez com que nunca me sentisse desmotivada em contribuir para este projeto, mas sim com muita vontade de colaborar cada vez mais. É ainda fundamental referir que o trabalho em equipa é uma componente crucial do trabalho jornalístico. É preciso ter ciente que as tarefas desempenhadas culminam todas num propósito comum. O êxito do produto final só é possível depois de um conjunto de esforços e competências individuais. Quando toda a equipa colabora com a produtividade, a adaptação torna-se sempre mais fácil.

5.2.2 Visionamentos

Muitas das tarefas desenvolvidas durante o período em que colaborei com a equipa do programa informativo ESFC recaíram sobre o visionamento e transcrições de entrevistas realizadas.

Visionar uma entrevista não pressupunha unicamente rever o material bruto que tinha sido recolhido. É um trabalho minucioso, onde é preciso transcrever na íntegra os depoimentos prestados pelos entrevistados, respeitando ao máximo a sua espontaneidade e registando com frequência os *timecodes* das falas, para que no processo de edição seja mais fácil encontrar as partes que melhor contam a história que se quer transmitir. Era também preciso intitular os temas pelos quais a entrevista ia passando e até destacar, com comentários, as partes que considerava mais interessantes.

Para além das entrevistas que pressupunham a recolha dos depoimentos a serem utilizados em cada programa, surgiram também alturas em que visionei outro tipo de material, que teve por base o trabalho de campo que já havia sido realizado pela equipa antes da minha integração na mesma, nomeadamente o material bruto de uma das experiências sociais. Em termos técnicos, a dificuldade de transcrever um conteúdo deste género é acrescida, uma vez que não se tratava de um contexto “jornalista e entrevistado”, mas sim de uma cena com vários atores e intervenientes. Visionar este tipo de matéria, deu-me, no entanto, a conhecer a dinâmica sobre a qual estas situações foram realizadas e construídas: a forma como foi coordenada a atuação dos atores e de toda a equipa de trabalho desde os jornalistas, aos produtores editoriais, aos repórteres de imagem e ao realizador; a forma como as reações das pessoas que compunham a cena, de forma involuntária, foram captadas e posteriormente confrontadas com a situação.

Cada jornalista na *SIC* tem o seu método de trabalho. No entanto uma das coisas que aprendi no programa foi a respeitar esta etapa do trabalho jornalístico. Por isso, quando passei para a editoria de desporto foi uma prática que mantive disciplinadamente, por se tratar de um procedimento que me ajudava a hierarquizar melhor as informações que tinha recolhido no terreno.

5.2.3 Saídas em reportagem - o acompanhamento, os processos de edição e a oportunidades surgidas

A saída em reportagem e o processo produtivo de uma peça noticiosa com base no material recolhido fora uma das valências da unidade curricular do primeiro ano de Mestrado

– Atelier de Jornalismo televisivo. No entanto, o acompanhamento do mesmo processo no contexto do estágio permitiu-me aprofundar conhecimentos até então apreendidos e claro aproveitar toda a experiência de quem partilhou comigo o seu método de trabalho. Portanto, outra das mais-valias da minha presença na equipa do programa ESFC foi a possibilidade de experienciar numa primeira fase a saída em reportagem. Estas experiências foram uma mais-valia para os momentos em que mais tarde me deram a responsabilidade de assumir uma saída em reportagem sozinha.

No dia 1 de maio surgiu a primeira oportunidade para acompanhar a jornalista Ana Lúcia Martins numa saída em reportagem para realizar uma entrevista semelhante às que tinha visionado até então. Desta vez os entrevistados foram o Hugo, um jovem homossexual e aos seus pais. Do ponto de vista editorial, esta entrevista trouxe a possibilidade de perceber como é que aquela família lidou e olhou para as questões da homossexualidade tendo em conta as várias perspetivas- tanto a do próprio Hugo, como também a dos seus pais. Os entrevistados vieram de Coimbra de propósito para prestar esta entrevista e, na impossibilidade de captar o seu contexto familiar mais verdadeiro, o cenário da entrevista foi pensado para se adequar às características da família. Desde logo, me apercebi que a composição da imagem ambiente da entrevista era um aspeto bastante valorizado pela equipa do programa, para que no processo de edição e montagem de cada emissão, o produto final, para além de uma mensagem própria, contemplasse igualmente uma imagem forte e marcante. Esta minha perceção foi também confirmada pela Ana Lúcia Martins, quando falávamos das funcionalidades da imagem e do poder comunicativo que tem:

No dia 2 de maio, voltei a acompanhar a jornalista Ana Lúcia Martins noutra saída em reportagem. Desta vez não se tratava de recolher um testemunho para utilizar no programa, mas sim em realizar duas entrevistas para uma peça destinada à informação diária. O objetivo passava por promover o lançamento de uma campanha⁴⁶ que passaria na emissão da SIC, desenvolvida pela associação ALMPOS e por uma empresa publicitária, com a parceria da estação de televisão, para sensibilizar contra a discriminação da homossexualidade. Deslocamo-nos então aos escritórios da empresa publicitária onde realizamos duas entrevistas: à Diretora da AMPLOS e ao Diretor criativo da empresa publicitária. Neste dia, de volta à redação, foi-me também possível acompanhar o processo de escrita e montagem da peça.

De volta à redação, o repórter de imagem inseriu no sistema informático interno o material recolhido. Normalmente, é da responsabilidade do repórter de imagem esta tarefa.

* Campanha disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD73-nte9jU>

Depois, a jornalista visionou as entrevistas realizadas e selecionou os “vivos” - as partes do discurso dos entrevistados que queria utilizar para a peça. Tendo em conta o ângulo escolhido, e com base nos relatos dos entrevistados, a jornalista escreveu o texto da peça. Depois desta fase, passámos então à montagem da mesma.

Na *SIC* muitos jornalista montam as suas próprias peças. Leia-se montar uma peça, o processo de edição de imagens em que as mesmas conjugadas com o som e o texto resultam num produto final: uma peça informativa. Embora existam editores de imagem para ajudar os jornalistas a otimizar essa tarefa, às vezes o fator tempo não permite esperar por um editor de imagem disponível, e obriga-os a realizar a montagem. Outros gostam de trabalhar eles próprios a imagem e por isso não solicitam essa ajuda, a não ser em trabalhos mais elaborados com as grandes reportagens ou as reportagens especiais. Neste caso em concreto, a peça⁴⁷ foi montada com a ajuda de um editor, numa sala com equipamento eletrónico específico para a tarefa. Nesta sala, a jornalista sonorizou o texto anteriormente escrito. O momento da edição de uma peça noticiosa é uma fase importante e complexa especialmente quando falamos em jornalismo televisivo. É também um momento de partilha e discussão entre o jornalista e o editor que em conjunto selecionam aspetos como os planos e os sons adequados para transmitir a mensagem.

A partir deste momento, em que perguntei se podia acompanhar o processo, a jornalista Ana Lúcia Martins deixou-me sempre à vontade para participar com ela em todos os processos de edição e montagem de peças noticiosas, para que pudesse ver experienciar como funciona. Ao longo do período de estágio acompanhei o processo de escrita e edição de várias peças para os jornais diários da *SIC* e da *SIC Notícias* relacionadas com os temas dos programas. No que diz respeito ao processo de montagem, este ganha maior importância uma vez que afeta, de forma direta, a capacidade narrativa e a estratégia de exposição jornalística.

Como já tinha referido, cada dia de estágio era diferente do outro. No dia 10 de maio surgiu a oportunidade de acompanhar a jornalista Conceição Lino numa entrevista à cantora Chonchita Wurst, vencedora do Festival da Eurovisão em 2014, que na altura levantou alguma polémica devido à sua imagem. Aproveitando o facto de Conchita Wurst estar em Portugal para uma conferência, o seu depoimento foi recolhido a pensar na possibilidade de abordar o tema da transexualidade numa outra edição do programa. Esta entrevista apresentou mais uma particularidade, a cantora veio a Portugal acompanhada da avó, uma mulher austríaca que viveu alguns momentos da sua infância em Portugal, e a entrevista foi feita exatamente na casa onde a avó vivia.

⁴⁷ <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/e-se-fosse-consigo/2016-05-05-Campanha-da-AMPLIOS-quer-combater-o-preconceito>

Depois de ter tido oportunidade de acompanhar a realização desta entrevista, a Jornalista Conceição Lino sugeriu-me que a traduzisse, transcrevesse e que escrevesse eu própria um esboço de uma peça jornalística que desse conta da paragem da artista e da avó por Portugal, com uma duração mais alargada, para posteriormente passar no telejornal do fim-de-semana. E foi a essa mesma tarefa que me dediquei nos dias 11 e 12 de maio.

Após visionar e transcrever a entrevista, uma das maiores dificuldades que senti na realização desta peça foi na hierarquização da informação que tinha disponível, de forma a contar a história da melhor forma possível.

Durante esta tarefa, e como todas as outras que me foram propostas, houve sempre lugar para a partilha de ideias e a colocação de dúvidas a toda a equipa do programa.

A peça foi depois corrigida e lida pela jornalista Conceição Lino. É importante salientar a mais-valia de ser sempre possível partilhar e usufruir de diferentes perspetivas jornalísticas, discutir, perguntar, propor e até falhar.

Os três dias de estágio seguintes, 13, 16 e 17 de maio foram mais uma vez dedicados ao visionamento de entrevistas já realizadas. Visionei: a entrevista da “Cátia” (nome fictício uma vez que não quis revelar a sua identidade), uma jovem que fala sobre os consumos abusivos de álcool e drogas que manteve durante algum tempo; a entrevista da Ana Luzia Martins, uma mulher que também fala dos consumos excessivos de álcool que teve durante a adolescência e as repercussões que teve ao longo da sua vida; e a de uma técnica da Associação Coração Amarelo, uma instituição de solidariedade social dedicada aos mais velhos, uma entrevista a utilizar no programa sobre os maus tratos a idosos.

Houve sempre muito interesse, da minha parte e por parte de toda a equipa, que estivesse presente em momentos nos quais podia tirar partido da experiência presencial para adquirir competências enquanto jornalista estagiária. Uma destas ocasiões surgiu no dia 21 de maio, no final de um dia de trabalho, recebi um telefonema da jornalista Ana Lúcia Martins, que me disse que no dia seguinte iria realizar duas entrevistas fundamentais para a construção do programa sobre a temática dos jovens e o álcool. Desde logo me disse que não era minha obrigação ir, uma vez que seria um dia em que estaria de folga, mas que se quisesse acompanhar estaria à vontade para o fazer. Na verdade, uma das coisas que aprendi, foi que os jornalistas não têm horários e que devem estar sempre dispostos a aproveitar as oportunidades que vão surgindo, e por isso, prontamente me dispus a acompanhar a equipa nessa saída em reportagem.

A primeira entrevista foi na Comunidade Terapêutica Lugar da Manhã⁴⁸, em Setúbal, onde o Fábio cumpria o segundo dos seis meses de um programa de reabilitação. Há dois meses que o único contacto que mantinha fora da comunidade eram através dos telefonemas esporádicos com a família, e mesmo esses tinham regras específicas. Também a nossa presença lá teve de ser autorizada previamente pelos responsáveis clínicos da Comunidade, e claro com o consentimento do próprio entrevistado. Ao longo da entrevista o Fábio conta a história de como aos 14 anos o primeiro contacto com o álcool resultou numa “brincadeira que correu mal”. O consumo sucessivo traduziu-se numa dependência incontrolável com a qual naquele momento ainda estava a travar. Em termos editoriais a história do Fábio tinha uma mensagem de esperança e um testemunho que faziam todo o sentido incluir do no programa.

Depois da entrevista na Comunidade Terapêutica Lugar da Manhã, seguimos para Setúbal, onde tínhamos marcado encontro com os segundos entrevistados do dia. Íamos conhecer a história do “Mauro”⁴⁹, um jovem sinalizado pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens por uma série de comportamento de risco, nomeadamente de abandono escolar. Quisemos também ouvir o testemunho da mãe “Isabel”, que confessava já não conseguir controlar o comportamento do filho menor. Entre vários fatores de risco, também o consumo de álcool e outro tipo de substâncias faziam parte do dia-a-dia do jovem. Posteriormente, a equipa do programa decidiu não incluir a história do Mauro e da Isabel no programa sobre os jovens e o álcool. A situação de risco e marginalização em que o Mauro se encontrava não se refletia unicamente na dependência do álcool, mas sim a todo um conjunto de situações e comportamento que necessitavam de um trabalho jornalístico e de um enquadramento editorial mais aprofundando.

Depois de duas entrevistas com relatos impressionantes, a viagem de volta à *SIC* foi feita entre conversas e reflexões sobre os testemunhos que tínhamos acabado de ouvir. Depois de cada entrevista, a jornalista Ana Lúcia Martins discutia comigo alguns tópicos da mesma, bem como algumas partes que me tinham chamado à atenção. Inevitavelmente falávamos de parte emocional de lidar com histórias complicadas, mas ao mesmo tempo não perder de vista a responsabilidade e exceção jornalística que a profissão exige. Os jornalistas que trabalham temas como relacionados com o preconceito e a discriminação têm de ter uma capacidade extra para gerir as suas emoções. Os jornalistas passam um bom bocado de tempo naquela história quer antes durante e após a entrevista. A própria jornalista Ana Lúcia Martins confessa essa

⁴⁸ <http://www.lugardamanha.net/docs/index.php>

⁴⁹ Apresenta-se entre aspas por se tratar de um nome fictício.

dificuldade: “é difícil tu não te envolveres com elas, ao conheceres aquelas histórias aproximamente muito. Mas claro que tens de te tentar distanciar sempre”.

No dia 26 de maio, voltei a sair em reportagem com a jornalista Ana Lúcia Martins para a recolha mais um testemunho. Desta tratava-se de uma mulher que havia sido vítima de violência doméstica num passado muito próximo. Este foi talvez um dos relatos que mais me impressionou. A Liliana, a nossa entrevista, à data da entrevista, ainda sofria sequelas desse passado. Lutava pela guarda do filho menor que fora atribuída pela Justiça ao agressor, pai dos seus três filhos. Para além disso, garantia a sua segurança através de um dispositivo eletrónico que a avisava caso o agressor se aproximasse geograficamente mais do que aquilo que terá ficado decidido em tribunal.

Após cada entrevista, o repórter de imagem filma uma série de planos do entrevistado e do ambiente da entrevista. Estas imagens são também elas importantes, devem ser capazes de ilustrar aquilo que o entrevistado tem para nos dizer, contam também elas a história que se está a ouvir. Mas a importância da imagem no programa foi além destes procedimentos. Desde logo houve a preocupação por parte da equipa e construir uma linguagem própria através da imagem:

“E parecendo que não, a imagem pode te obrigar a parar, um enquadramento com um plano bastante fechado em que tu te consegues aquela pessoa, em que tu te conectas com aquele olhar, ajuda-te a parar. Imagens lentas e planos tipo retrato em que acontece muito pouca coisa ou nada ajuda-te a parar”. (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

E esta preocupação não se traduziu só no momento em que eram feitos planos com o para pintar entrevistas. Na gravação dos próprios testemunhos, o enquadramento da imagem foi sempre pensado de forma a promover uma maior proximidade entre o testemunho e o telespetador: “Bons testemunhos com uma imagem cuidada, com planos retratos, com bons enquadramentos, bem filmados, focados naquelas pessoas, no entrevistado, dão para te focares.” (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

Uma das experiências mais importantes, enquanto jornalista estagiária na equipa do programa surgiu no dia 2 de junho, com a tarefa de realizar uma entrevista sozinha. Era a primeira vez que ia sair em reportagem apenas com o repórter de imagem, era minha responsabilidade conduzir e estruturar a entrevista. Senti, nessa altura, o voto de confiança, por parte de toda a equipa, de deixar as minhas mãos uma tarefa tão importante. “Tem tudo para correr bem”, disse-me a jornalista Conceição Lino, que antes da saída em reportagem, me deu as orientações necessárias e explicou-me o propósito do testemunho de quem ia entrevistar.

A entrevista era a Paula, uma senhora que a equipa do programa conheceu nas gravações da experiência social sobre violência doméstica. A Paula tinha sido uma das pessoas que não conseguiu ficar indiferente à situação ficcionada, por também ela, um dia, ter sido vítima de violência doméstica. O seu testemunho era importante e seria inserido no último programa, que tinha como objetivo fazer um balanço geral de todos os temas anteriores. Para a realização desta entrevista, tentei meter em prática não só as competências que tinha adquirido ao longo das unidades curriculares lecionadas no mestrado, nomeadamente no Atelier de Televisão e Jornalismo Televisivo, mas também tudo o que aprendi ao longo das entrevistas que fui acompanhado, no meu percurso pelo programa: recolher toda a informação disponível sobre a entrevistada, junto da equipa de trabalho, e revendo as gravações daquele dia de experiência social em que a Paula surgiu. Não preparei um guião rígido porque sabia que a nossa conversa ia ser muito espontânea e, por se tratar de um tema sensível, muito ia depender da abertura para falar sobre ele que a entrevistada revelasse ao longo da entrevista. Preparei sim alguns tópicos pelos quais era necessário que a nossa conversa passasse, uma vez que tinha por base o ângulo sugerido pela jornalista Conceição Lino.

A entrevista foi realizada em casa da Paula. Outra preocupação que tive, foi em relação ao enquadramento da entrevista, no que diz respeito à imagem. Lembrando-me das sugestões e conversas que surgiram nas vezes que acompanhei as saídas em reportagem da jornalista Ana Lúcia Martins, que tantas vezes me falou da importância que tem uma imagem capaz de passar uma mensagem clara, sem obstáculos ao olhar, e em que a única protagonista é a pessoa que se esta a entrevistar e a sua própria história. E, desde logo, discuti esses pormenores com o repórter de imagem, que se mostrou sempre recetivo às minhas dúvidas e sugestões.

Enquanto o repórter de imagem preparava o material necessário e compunha o ambiente, tentei manter uma conversa “quebra-gelo” com a Paula. Os motivos pelos quais a ia entrevistar não eram fáceis de falar com estranhos, sobretudo sabendo que grande parte do que me ia confessar naquele momento, depois ia ser visto por milhares de pessoas que quisessem, conhecer a sua história. Tive a certeza que, naquele momento, a pessoa mais nervosa naquela sala era eu. Não sei se isso transpareceu, mas sabia que tinha nas mãos a responsabilidade de recolher aquele testemunho, sem nunca me esquecer de que estava lá enquanto jornalista, que a minha missão era, acima de tudo, ser a porta-voz daquela história de vida, mas sempre com a preocupação de mostrar-me sensível e interessada em explorar os caminhos possíveis. A nossa conversa durou cerca de 30 minutos, onde a Paula me deu oportunidade para perguntar tudo sobre a sua experiência, sem hesitações. Depois da entrevista, o trabalho foi conduzido pelo repórter de imagem, que fez uma série de imagens e planos da Paula, tentando retratar o seu

dia-a-dia. Imagens essas que depois serviriam para “pintar” o produto final da entrevista, no processo de edição.

Quando voltei à redação, visionei e transcrevi a entrevista. Tive também a preocupação de mostrar o material recolhido à equipa, e pedir um *feedback* sobre o meu desempenho em relação à importante tarefa que me tinham dado. Este foi um dia longo, o último programa estava a ser preparado e ainda havia muito material para visionar. No fim desse longo dia, a jornalista Conceição Lino disse-me algo que guardo como uma componente essencial a usar no futuro, em todos os trabalhos jornalísticos que se colocarem no meu caminho, independentemente dos temas: “Estavas muito interessada na história que esta senhora tinha para te contar, e isso é fundamental para fazer um bom trabalho. É preciso não só demonstrar interesse por aquilo que as pessoas têm para nos dizer, mas é fundamental estarmos realmente interessados” (Conceição Lino).

6. Cronologia da atividade desenvolvida

	Descrição	Comentário	No texto
16.03.29 a 16.04.25	Período de permanência na <i>Agenda</i> da na redação de informação da <i>SIC</i>		
	O meu estágio na redação de informação da <i>SIC</i> teve início na <i>Agenda</i> – a secção onde são categorizados e agendados todos os eventos passíveis de matéria noticiosa.		5
	À agenda de informação chegam todos os dias centenas de <i>e-mails</i> com propostas de reportagem, eventos e comunicados de imprensa. Aqui são também recebidos todos telefonemas dos telespectadores, que de certa forma querem partilhar uma história ou uma denúncia, plausível de ser notícia - nestas situações, cabe ao jornalista que recebe o telefonema averiguar a veracidade da situação, e reporta-la à redação se houver necessidade disso.	A <i>Agenda</i> de informação é uma secção bastante importante porque, segundo a perceção que tive enquanto experiência de estágio, é aqui que começa a maior parte da produção, que se elenca tudo o que de mais importante vai acontecer que merece cobertura noticiosa	5
	Aos jornalistas que trabalham nesta secção, cabe a difícil tarefa de fazer a triagem daquilo que é informação e é pertinente agendar, para que posteriormente os Editores, responsáveis por cada secção, mobilizem as equipas, jornalistas e repórteres de imagem, para realizar os serviços. É essencial ao jornalista que trabalha nesta secção colocar-se no papel do jornalista que vai realizar o	Os jornalistas que trabalham na <i>Agenda</i> têm, em primeira instância, o espírito crítico de avaliar a pertinência de acompanhar determinada situação. Com isto não quero dizer, também que tudo o que se agende seja trabalhado e convertido numa reportagem, até porque muitas vezes depende de fatores como a disponibilidade de equipas para irem ao terreno	5

serviço e pensar em todas as informações que lhe pode facultar para facilitar o trabalho: Hora, data local, contactos, mais informações sobre o tema.

Story Slug	Hora Saída	do Evento	SIC	Local
EMBARCAMENTO				
EFEMÉRIDES				
Dia em Memória Genocídio dos Ciganos		--		Bruxelas
2				
GREVES, MANIFS E AFINS				
Manif Frente Democrática Brasileira	20:00			Lisboa
4				
5				
SOCIEDADE				
Min Ciência+Programa UT Austin-Portugal (e 3)		--		Texas, EUA
Min Defesa+ Visita Região Autónoma Madeira	08:00			Madeira
Primeiro Briefing Proteção Civil # CANCELADO	09:00			Carnaxide
MNE+CI Candidatura Agência Medicamento	11:30			MNE
Chegada 20 pinguins africanos	13:00			Zoo Lagos
Min Justiça+Reunião Sind Trab Registos Notariado	14:30			Ministério Justiça
60 Caricaturas Cristiano Ronaldo (a 21 Set)	18:30			Aveiro
Segundo Briefing Proteção Civil CANCELADO	19:00			Carnaxide
Min Adjunto + Festival da Sardinha (a 6)	19:20			Portimão
9				
10				
POLITICA				
Suspensão Recenseamento Eleitoral (a 1 Out)		--		Nacional
Entrega Listas Autárquicas BE #	11:00			Palácio da Justiça
CI PCP Forças Segurança	12:00			Lisboa
Catarina Martins + Comício BE	21:30			Monte Gordo

Figura 2- The Essencial News Production System) – Sistema informático utilizado na redação de informação da SIC

ou a imprevisibilidade da atualidade, mas significa sim que grande parte dos assuntos noticiados, maioritariamente os que ocorrem em território nacional, passaram e foram reportados em primeiro lugar pela Agenda de informação.

No que diz respeito à execução técnica, há uma área específica no *ENPS* para a agenda, com uma espécie de calendário onde cada dia tem um painel dividido em tópicos temáticos relativos a cada editoria (tal como podemos ver na imagem). Por baixo de cada tópico vão surgindo os eventos agendados em cada linha.

5

Do ponto de vista do critério de agendamento, com base na experiência que tive no estágio este funciona da seguinte forma:

5

-Eventos que contem com a presença de personalidades com cargos políticos e sociais de grande responsabilidade são sempre agendados, mas só quando confirmado diretamente com os devidos assessores de imprensa (Presidente da república, Ministros, Procuradora-Geral da República);

- Casos de justiça como os julgamentos são agendados os mais polémicos bem como aqueles de que a *SIC* já tenha noticiado para poder dar seguimento à notícia.

-Há tópicos que só são agendados pontualmente. Por exemplo: não é habito agendar eventos onde estejam presentes os secretários de estado, mas se na altura há um secretário de estado envolvido numa polémica de corrupção e ainda é um tema quente na atualidade noticiosa, enquanto assim for esse evento será agendado.

- São agendadas as tradicionais festas que acontecem anualmente em todo o país;

O volume de informação que chega todos os dias à agenda da *SIC* é de facto enorme. O que leva a uma triagem bastante minuciosa. A coordenadora da Agenda confessa que gostaria de ter mais tempo para agarrar e explorar melhor as Histórias que muitas vezes chegam e que podem dar boas reportagens. A agitação da informação diária rouba o tempo necessário para averiguar, investigar e explorar histórias diferentes

5

Para o estagiário que acaba de chegar a uma redação de informação, começar na agenda é uma boa forma de se inteirar das rotinas produtivas do local em questão. É quase como um *briefing* sobre a forma como funciona internamente o órgão de comunicação. A necessidade de confirmar eventos, solicitar mais informações, decidir sobre a área temática em que determinado evento se posiciona, recolher depoimentos passíveis de cobertura jornalística ou de reportagem é uma boa forma de começar a “quebrar o gelo” nos aspetos como a vergonha ou a insegurança de quem está a começar, mas também uma fonte de conhecimento sobre a dinâmica de uma redação de informação bastante importante para um estagiário.

16.04.26 Primeiro dia na equipa do programa ESFC

- Conheci a equipa composta por 4 jornalistas – São todos muito simpáticos.
- Fui posta a par do trabalho desenvolvido e do que faltava desenvolver;
- Fui posta a par das rotinas produtivas da equipa;
- Foi-me mostrado no *xpri* onde são colocados os materiais vídeo/áudio do programa.

A integração na equipa foi fácil. Fui posta a par do trabalho que estava a ser realizado e todos se mostraram disponíveis para responder às dúvidas quer a nível técnico quer a nível editorial.

6.2.2

A boa integração na equipa de trabalho, fez com que nunca me sentisse desmotivada em contribuir para este projeto, mas sim com muita vontade de colaborar cada vez mais.

O *xpri* é o programa de edição utilizado na SIC. Parece muito confuso. Na agenda não utilizava.

- A sala está cheia destes panfletos que sobraram da promoção do programa.

(Acabei por guardar um de recordação.)

Sobre a autopromoção: o programa recebeu um prémio nos Prémios M&P Criatividade em Autopromoção.

6.2.2

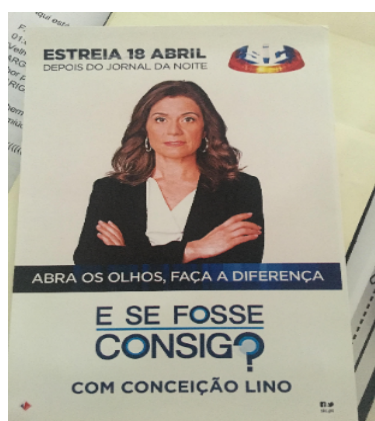


Figura 3- Folheto promoção do programa

- Enquanto a Isabel me mostrava algumas entrevistas já realizadas e onde (no *xpri*) as podia encontrar, perguntei-lhe porque que o Racismo tinha sido o primeiro tema a ser abordado. Ela disse-me que não tinha havido um motivo especial, apenas que era aqueles em que o trabalho ia mais avançado.

Não houve, portanto, uma hierarquização dos temas, ou seja, uns mais importantes que outros. A sequência fez-se em função do ritmo de trabalho.

5.2.2

<p>- A Ana Lúcia Martins (jornalista da equipa do programa) pediu-me que começasse por visionar a entrevista do Lorenzo e do Pedro (Casal homossexual)</p>	<p>É um trabalho minucioso o de transcrever uma entrevista.</p>	<p>5.2.2</p>
<p>- Deu-me as seguintes indicações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Transcrever na integra; • Ir apontando os <i>timecodes</i> com frequência; • Ir dando títulos aos momentos da conversa • Deixar uma indicação se considerar algum momento do texto bom ou mau. 	<p>Estes procedimentos facilitam o trabalho de quem os está a editar.</p>	
<p>- A entrevista tem cerca de 40 minutos.</p>	<p>Levei quase um dia inteiro para visionar esta entrevista. Agilizar o ouvir, compreender, memorizar e transcrever é uma tarefa complicada. É também um tanto monótona, mas ao mesmo tempo que transcrevia estava entusiasmada em conhecer a história daquelas duas pessoas.</p>	<p>5.2.2</p>
<p>- A Ana pediu-me a meio da tarde que ajudasse um repórter de imagem a filmar a página da rede social do programa no <i>Facebook</i>. Estas imagens seriam necessárias para a execução de uma peça que refletia a participação e discussão dos telespectadores, nesta rede social, sobre os temas que até então tinham sido abordados nos programas já emitidos.</p>	<p>Escolhi as imagens com as caixas de comentários que mostram os usuários da rede social a debaterem as temáticas já abordadas, os indicadores de partilhas e de “likes”.</p>	<p>5.2.3</p>
<p>- A peça foi montada pela Ana Lúcia Martins com a ajuda de um editor de imagem</p>	<p>A Ana disse-me que estava a vontade para participar nestes processos de edição sempre que quisesse.</p>	<p>5.2.3</p>

16.04.27

a Transcrição de duas entrevistas:

16.04.29

<p>- Bernardo – para o programa sobre a homofobia</p> <p>- Nicole – Uma jovem que sofreu de violência no namoro</p>	<p>Ambas as entrevistas retratam os fenómenos em contextos diferentes, realidades menos urbanas e cidadinas. Mostram como o preconceito e a marginalização também se manifestam neste contexto.</p>	<p>5.2.2</p>
---	---	--------------

Notas do caderno de campo:

“Esta entrevista deixou-me sensibilizada. Tornar estes depoimentos públicos é também mostrar a realidade crua e tentar minimizar a violência no namoro, no futuro.”

Quando integrei a equipa do programa sabia que ia lidar com temas de alguma forma sensíveis. 5.2.2

O desafio passa por “controlar” o envolvimento emocional com os depoimentos.

O jornalista que trabalha temas como este da marginalização e do preconceito acaba por ter de lidar muitas vezes com emoções e sensibilidades a um nível mais profundo, uma vez que a natureza do formato exige, muitas vezes, uma maior proximidade com os protagonistas, quer presencialmente, na medida em que passam muito tempo com as pessoas para a produção do trabalho, ou uma proximidade emocional, quando tratam assuntos delicados ou pessoais. 5.2.3

16.05.01 Acompanhamento da saída em reportagem para a entrevista ao Hugo e aos pais.

É a primeira vez que acompanho uma entrevista no exterior.

Figura 4- Momento da entrevista ao Hugo e aos pais.



O Hugo e os pais. A família reside em Coimbra e deslocou-se a Lisboa propositadamente, assumindo a SIC todas as despesas.

Há uma determinada flexibilidade orçamental para evitar que existam barreiras na recolha de casos em qualquer ponto do país. 5.2.3

Notas do caderno de campo:

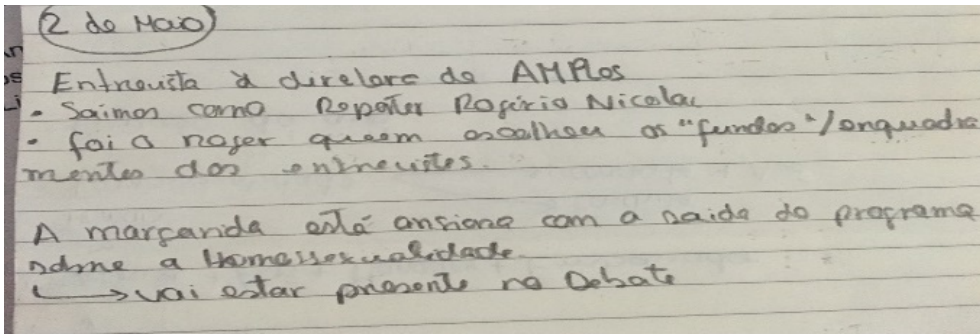
“Problemas técnicos acontecem, valeu-nos o facto de estarmos a gravar perto da redação. Rapidamente voltei à SIC com a Ana Lúcia para trocar os microfones.

Antes de começar a entrevista apercebemo-nos que os microfones não estavam a funcionar e foi preciso regressar à redação para substituí-los. 5.2.3

Antes de sair em reportagem há um conjunto de verificações técnicas que são precisas fazer: - Se está tudo bem com a câmara e com o tripé, se temos discos suficientes, se precisamos de material de iluminação, o estado das baterias para a câmara e dos microfones;

O Roger, repórter de imagem, ficou em o Hugo e os pais adiantando as imagens para ‘pintar’ a entrevista.”

Para além das entrevistas é feito um conjunto de imagens dos entrevistados para utilizar no tratamento e edição da mesma.



5.2.3

Figura 5 - Momento da entrevista à Diretora da AMPLOS

Fomos entrevista-la para fazer uma peça* sobre o lançamento de uma campanha de sensibilização da AMPLOS que iria começar a passar na SIC na mesma semana que passava o programa sobre o tema. Esta é uma das associações representadas no programa sobre a homofobia.

O *timing* do lançamento foi combinado entre a produtora e o programa para bater certo com a estreia do tópico “homofobia”



Figura 6 - Momento da entrevista à Diretora da AMPLOS

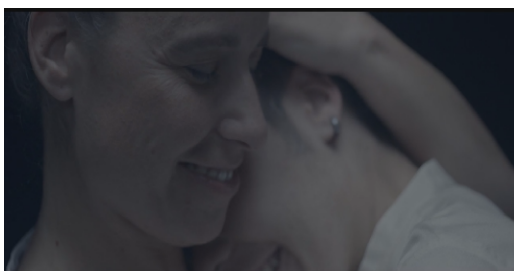


Figura 7 - Imagem da campanha publicitária

Na campanha lançada pela AMPLOS (Associação de Mães e Pais Pela Liberdade de Orientação Sexual), podem ver-se duas mulheres que se abraçam e trocam gestos carinhosos. Num primeiro momento, parecem um casal. Mas afinal são mãe e filha. A mensagem transmitida pela campanha é "Isto é amor. Isto é o que parece".

7.4.4

As duas protagonistas desta campanha deram o seu testemunho para o programa sobre a homossexualidade.

- Quando chegamos a redação à redação acompanhei o processo de escrita e edição da peça.

A Ana visionou as entrevistas e escolheu os “vivos” - as partes do discurso dos entrevistados que queria utilizar para a peça, depois escreveu o texto intercalando-o com os vivos. Depois fomos

5.2.3

* <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/e-se-fosse-consigo/2016-05-05-AMPLOS-ajuda-pais-a-lidarem-com-orientacao-sexual-dos-filhos>

para uma ilha de montagem editá-la com um editor de imagem.

16.05.04 Transcrição da Entrevista do Ricardo

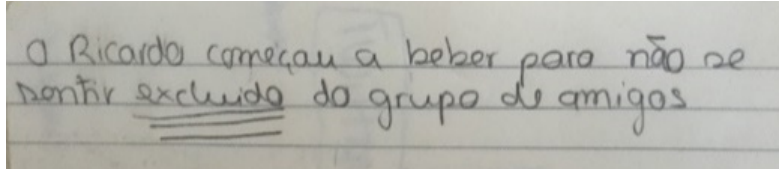


Figura 8 - Notas do Caderno de Campo II

(jovem em tratamento devido ao álcool)

Em todas as entrevistas do género que transcrevi, é possível encontrar consciência de exclusão por parte do entrevistado. No caso do Ricardo, ele tem consciência que tomou um mau caminho para não se sentir excluído. É uma condição diferente por exemplo da obesidade que provoca a exclusão de alguém sem que essa pessoa opte por esse caminho.

2

- Hoje a equipa discutiu sobre a inclusão de Catarina Martins na experiência social sobre a Violência no namoro.

A equipa sabia, à partida, que a veracidade da sua intervenção iria ser questionada. Mas o princípio foi simples – A coordenadora do bloco de esquerda é uma cidadã como todos nós, tem uma responsabilidade política e social acrescida intrínseca à sua profissão, mas porque não incluí-la? Se a sua atitude perante a situação ficcionada fosse outra a decisão seria a mesma.

7.4.7

Num artigo no jornal Expresso, Conceição Lino desmentiu a polémica: “As vozes que criaram ‘o caso Catarina Martins’ estão preocupadas com a realidade da violência no namoro? Não reparei”.

Num programa que aborda questões graves de discriminação, violência e preconceito, não faria sentido excluir a reação de Catarina Martins pelo lugar de visibilidade que tem na sociedade portuguesa. Foi na qualidade de cidadã que decidiu intervir. Não sabia que havia câmaras apontadas para ela.

16.05.10 Entrevista à cantora Conchita Wurst e à avó Maria Margareta



Figura 9- Momento da entrevista à Conchita Wurst e Maria Margareta

Conchita Wurst, a cantora austríaca que venceu o Festival Eurovisão da Canção de 2014, esteve em Lisboa a propósito de uma conferência sobre os Direitos Humanos na Fundação Gulbenkian. Veio acompanhada pela avó que passou parte da infância na capital portuguesa. Maria Margareta foi uma das cinco mil crianças refugiadas que o país acolheu durante a Segunda Guerra. Foi aproveitado do facto da cantora estar em Portugal para a entrevistar, na possibilidade de incluir o seu depoimento numa série posterior onde se possa abordar o tema da transsexualidade.

5.2.3

Achei que oportunidade foi bem agarrada. Aproveitar a presença de Conchita Wurst foi bastante bem pensado, uma vez que é um ícone, um exemplo para muitos jovens e recolher o seu testemunho sobre o tema da transsexualidade é bastante importante para posteriores trabalhos. Para além disso, mostra interesse por parte da equipa de dar continuidade ao ESFC.

Nesta imagem vemos esse momento, em que Margareta mostra um álbum de fotografias antigas tiradas naquele local.

Antes de uma entrevista é preciso criar um momento “Quebra-gelo” com o entrevistado de forma a deixá-lo mais à vontade para o momento que se segue.

5.2.3



Figura 10- Conceição Lino e Maria Margareta

De regresso à SIC, a Conceição sugeriu-me que transcrevesse a entrevista feita às duas, e que posteriormente escrevesse uma peça que desse conta

Pela primeira vez surge uma tarefa um pouco diferente daquelas que têm sido da minha responsabilidade até então, que exige um pouco

5.2.3

da visita de ambas a Portugal, à casa onde a avó passou a infância, passando claro pela história irreverente de Chonchita Wurst.

- Comecei a transcrever a entrevista.

mais das minhas competências enquanto jornalista. Darem-me esta tarefa revela uma oportunidade e alguma confiança por parte da equipa no meu trabalho.

Ambas falam inglês, o que acresce a dificuldade em perceber tudo da melhor forma. Transcrever esta entrevista deu o dobro do trabalho também devido à língua uma vez que a transcrevi em português.

16.05.12 Escrita da peça

- Assim que cheguei à SIC comecei a seleccionar os vivos que queria usar.

Notas do caderno de campo:

- “Começar pela notícia: Chonchita e avó estão em Portugal.
- Contextualizar a história da avó com o país;
- A avó relação de avó neta;
- A transsexualidade”

“OFF1 –

Nunca tinham estado ao mesmo tempo em Portugal.

Numa passagem por Lisboa,

Conchita Wurst aproveitou para conhecer o lugar

onde a avó passou parte da infância...

hoje um hotel.

A casa que Conchita só conhecia pelas histórias que a avó contava.”

- No final do dia entreguei à jornalista Conceição Lino, que embora bastante atarefada com o programa da semana, fez algumas correções naquilo que lhe parecia pouco claro e que podia se melhorado.

Foi Conceição Lino que deu voz à peça³¹ e que a montou com a ajuda do editor de imagem.

A segunda dificuldade surge na hierarquização da informação que tinha ao meu dispor: 30 minutos de entrevista da qual tinha de escolher os vivos que queria usar. 5.2.3

Demorei pelo menos uma hora a arrancar, fui sempre pedindo a opinião da jornalista Ana Lúcia Martins sobre o texto que ia escrevendo.



Figura 11 - Peça Visita de Conchita Wurst a Portugal

5.2.3

Fiquei com pena de não ter concluído o processo do início ao fim. Isto é, de tê-la editado e ter tido mais oportunidade para discuti-la com a jornalista Conceição Lino. No entanto, a jornalista estava bastante atarefada com a preparação do próximo programa por isso não teve muito tempo para me acompanhar neste processo.

³¹ <http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2016-05-21-Conchita-Wurst-visita-Portugal-com-a-avo>

16.05.15

a Transcrição das Entrevistas:

16.05.17

-A Carolina é um testemunho para o programa dos Jovens e o Álcool. A imagem dela aparece em contraluz porque ela não quer revelar a Carolina” – nome fictícia

-Ana Luzia Martins – Jovens e o álcool;

- Técnica da Associação Coração Amarelo – Programa dos idosos.

Nunca cheguei a ver o rosto da “Carolina”, ela preferiu não dar a cara e por isso a entrevista foi toda filmada em contraluz. No momento da edição, também a voz foi modificada para não ser reconhecida.

7.2.2

Na verdade, nem sei o nome verdadeiro da “Carolina” Entre o jornalista e o entrevistado deve existir uma relação de confiança. Essa confiança pode incluir o compromisso de não revelar a identidade de um entrevistado.

16.05.18

e Visionamento e transcrição de um trecho da experiência social relacionada com o programa sobre os jovens e o álcool

16.05.18

LINA GOMES (Senhora com óculos de sol por cima dos de ver, casaco creme)
00:21 - Lina - Porque eu acho que que é o nosso dever, é colaborarmos para estas coisas não chegarem a este limites, não é?
02:26 - ... Portanto todo o que nós podemos fazer é tentar, meter-lhes naquelas cabecinhas qualquer coisa que eles fiquem a pensar, plantar lá uma sementezinha para ver se eles pensam um pouco.

Figura 12- Exemplo de transcrição

Visionar e transcrever este tipo de material é bastante mais complicado do que quando se trata de uma entrevista. Cada “cena” conta com muitos intervenientes, é preciso estar especialmente atenta às reações de todos e tentar de alguma forma descreve-los para ser possível depois identifica-los.

16.05.20

Gravação de Pivots para o programa e Transcrição de entrevistas

-Assisti pela primeira vez à gravação de pivots



Figura 13- Gravação de pivots

As gravações foram realizadas no estúdio principal da redação de informação da SIC, no cenário *chroma* para depois ser aplicada a cenografia própria do programa.

5.2.3

Nestes momentos, ocupando o papel unicamente de observadora, apercebi-me da complexidade desta tarefa que muitas vezes era demorada, os pivots eram gravados de várias perspetivas e enquadramentos, e repetidos as vezes que fossem precisas para que o produto final fosse do agrado de todos.

		Do ponto de vista técnico este é um processo que, envolve uma vasta equipa de trabalho: técnicos de iluminação, operadores de câmara, assistentes de estúdio, técnicos de controlo de som e de imagem, um realizador. Todos estes profissionais têm um papel na gravação dos pivots de cada programa.	
	- Visionei uma serie de entrevistas de uma saída em reportagem quem que não estive presente.	Estas entrevistas foram realizadas no âmbito de uma ação de sensibilização contra o consumo de álcool e outras substâncias da Associação Check-in. Esta reportagem tentou também perceber até que ponto os menores de 18 anos frequentam as zonas de animação noturna e se consomem álcool de forma fácil e abusiva.	5.2.2
	-O Lima e a Ana Lúcia fizeram vários telefonemas para associações cujo o trabalho recai sobre os jovens e os consumos excessivos. Contaram o projeto que estavam a desenvolver e tentaram angariar casos de possíveis entrevistados. Eu auxiliei neste processo pesquisando na internet associações na zona da Grande Lisboa que trabalhassem com jovens com comportamentos de consumo excessivo de álcool.	As associações foram sempre uma base, um ponto de partida para cada tema, uma ponte entre os as situações concretas e os rostos por detrás delas. Ainda para mais, com o acesso à internet é possível fazer uma pesquisa rápida de organizações e associações que trabalhem sobre determinados tópicos, e chegar com alguma facilidade ao contacto com as mesmas. A angariação de casos depende depois da disponibilidade de cada associação.	5.2.1
16.05.21	Notas do Caderno de campo: “Depois do trabalho a Ana Lúcia ligou-me. Sabe que amanhã não estou com a equipa porque estou a fazer o horário da madrugada. Mas como vão fazer duas entrevistas importantes para os jovens e o álcool ela quis saber se queria ir”		5.2.3
16.05.22	Acompanhamento de saída em reportagem		
	- Saí com o repórter de imagem da SIC e a apanhos a Ana a caminho de Setúbal.	A primeira entrevista foi na Comunidade Terapêutica Lugar da Manhã, onde iríamos entrevistar o Fábio. O Fábio cumpria o segundo dos seis meses de um programa de reabilitação. Há dois meses que o único contacto que mantinha fora da comunidade eram através dos telefonemas esporádicos com a família, e mesmo esses tinham regras específicas.	5.2.3
	-A nossa presença na associação teve de ser autorizada previamente pelos responsáveis clínicos da Comunidade, e claro com o consentimento do próprio entrevistado.	Os pedidos de autorização são normalmente tratados pelas produtoras de informação que colaboram os com projetos, neste caso pela Isabel Mendonça membro da equipa de produção.	5.2.3
	-Ao longo da entrevista o Fábio conta a história de como aos 14 anos o primeiro contacto com o álcool resultou numa “brincadeira que correu mal”. O	Em termos editoriais a história do Fábio tinha uma mensagem de esperança, um testemunho	5.2.3

consumo sucessivo traduziu-se numa dependência incontrolável com a qual naquele momento ainda estava a travar.

que para a equipa fazia todo o sentido incluir no programa.

- Depois da entrevista na Comunidade Terapêutica Lugar da Manhã, seguimos para Setúbal, onde tínhamos marcado encontro com os segundos entrevistados do dia. Íamos conhecer a história do “Mauro”, um jovem sinalizado pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens por uma série de comportamentos de risco, nomeadamente de abandono escolar. Quisemos também ouvir o testemunho da mãe “Isabel”, que confessava já não conseguir controlar o comportamento do filho menor. Entre vários fatores de risco, também o consumo de álcool e outro tipo de substâncias faziam parte do dia-a-dia do jovem.

A situação de risco e marginalização em que o Mauro se encontrava não se refletia unicamente na dependência do álcool, mas sim a todo um conjunto de situações e comportamentos que necessitavam de um trabalho jornalístico e de um enquadramento editorial mais aprofundado, por esse motivo a história dele não foi incluída no programa.

5.2.3

Para proteger a identidade do Fábio foi combinado previamente que ele levaria uma camisola com capuz para facilitar um enquadramento de imagem.

Posteriormente, a equipa do programa decidiu não incluir a história do Mauro e da Isabel no programa sobre os jovens e o álcool.

A Ana Lúcia Martins fez questão que estivesse sentada muito próxima dela para que seguisse toda a entrevista com toda a atenção.

Mais uma vez, embora apenas no papel de observadora, houve a preocupação em que tirasse partido da experiência para adquirir competências como jornalista estagiária.

5.2.3

- A viagem de volta à SIC foi feita entre conversas e reflexões sobre os testemunhos que tínhamos acabado de ouvir.

Inevitavelmente falávamos de parte emocional de lidar com histórias complicadas, mas ao mesmo tempo não perder de vista a responsabilidade e exceção jornalística que a profissão exige.

5.2.4

16.05.23 Debate após o programa: Maus tratos a idosos

- Pouco antes da emissão do programa e do debate, a jornalista Conceição Lino fez um “direto” para a página oficial do *facebook* onde para além de promover o tema que se iria tratar nesta semana e algumas das questões que iriam ser levantadas na discussão, foi também feito o apelo à participação dos utilizadores daquela rede social para que partilhassem as suas opiniões sobre o tema. Alguns destes comentários foram selecionados e passaram em rodapé na emissão do debate, na *SICNotícias*.

A atividade nas redes sociais em relação ao programa foi algo sempre incentivado por toda a equipa do projeto. Para além de promover o debate sobre cada tema, como estimula a participação dos mais jovens, uma audiência bastante importante para a equipa de trabalho.

7.3.2



Figura 14- Régie durante durante debate

A régie de um programa de televisão é um mundo. Para chegar ao telespectador há uma vasta equipa técnica e especializada.

7.3.3



Figura 15 - Conceição e Maria da Graça Gambino

Uma das convidadas deste debate foi Maria da Graça Gambino, um testemunho que contrasta com a maioria dos relatos ouvidos no programa.

7.4.6

Maria, aos mais de 80 anos, é uma das voluntárias da Associação Coração Amarelo, uma das pessoas que trabalha todos os dias contra a solidão e abandono dos mais velhos.

O programa desmistificar algumas ideias de estereótipos – o velhinho não é sempre o fácil - há casos como o da Maria da Graça que comprovam o contrário.

16.05.26 Acompanhamento da saída em reportagem

Fomos até à Costa de Caparica para entrevistar a Liliana, um testemunho de violência doméstica

6.2.4



Figura 16- Momento da captação de imagens durante a reportagem

Após cada entrevista, o repórter de imagem filma uma série de planos do entrevistado e do ambiente da entrevista. Estas imagens são quase tão importantes como o conteúdo da entrevista. São estas imagens que ilustram aquilo que o entrevistado tem para nos dizer, contam também elas a história que se está a ouvir.

A saída do jornalista e do repórter de imagem para o terreno é um momento para o processo de produção: a coordenação entre os dois é essencial uma vez que vai ter influência na qualidade do trabalho final.

Em televisão, é óbvia a importância da imagem. Para o jornalista é fundamental que as imagens consigam transmitir as suas ideias.

A sintonia entre jornalista e repórter de imagem é fundamental. O jornalista só vê as imagens captadas quando chega à redação. Nesta altura,

pode ser tarde demais para corrigir eventuais falhas.

16.06.02 Saída em reportagem sozinha

- Tinha vindo da hora de almoço quando cheguei à sala e a equipa estava reunida. Estavam a discutir o que incluir no último programa. Alguém se tinha lembrado que durante a experiência social tinha aparecido uma senhora que já tinha sido vítima de violência doméstica, da qual a equipa tinha ficado com o contacto. Depois de abordada sobre a possibilidade de contar o seu testemunho para ser incluído no programa, a Paula aceitou.

“Tem tudo para correr bem” foram as palavras que a Conceição Lino me disse quando me propôs fazer a minha primeira entrevista sozinha.

- A paula recebeu-nos gentilmente em casa dela.
- Escolhi com o reporter de imagem o melhor local para realizar a entrevista dentro da sua casa.

- Preparei um guião pouco rígido porque, tal como tinha aprendido com a jornalista Ana Lúcia Martins, embora a entrevista devesse acontecer de forma natural como se de uma conversa se tratasse, era preciso guiar a entrevistada para os factos da sua história.

- A jornalista Conceição Lino deu-me todas as informações que tinha sobre a entrevistada e indicou-me que era importante perceber a história dela e a sua experiência como vítima de violência doméstica.

- Quando voltei à redação, visionei e transcrevi a entrevista. Tive também a preocupação de mostrar o material recolhido à equipa, e pedir um *feedback* sobre o meu desempenho em relação à importante tarefa que me tinham dado.

Encontrar um testemunho de um caso que se está a trabalhar, numa saída ao terreno é sempre uma oportunidade de agarrar mais uma história, mais um testemunho.

Senti, nessa altura, o voto de confiança, por parte de toda a equipa, de deixar as minhas mãos uma tarefa tão importante.



Figura 17 - Momento da Paula na experiência social

- Estava naturalmente nervosa: era a primeira vez no estágio que saía em reportagem sozinha, a entrevista que ia fazer pressupunha uma história difícil, e a era inevitável sentir a obrigação de fazer um bom trabalho.

Para a realização desta entrevista, tentei meter em prática não só as competências que tinha adquirido ao longo das unidades curriculares lecionadas no mestrado, nomeadamente no Atelier de Televisão e Jornalismo Televisivo, mas também tudo o que aprendi ao longo das entrevistas que fui acompanhado, no meu percurso pelo programa: recolher toda a informação disponível sobre a entrevistada, junto da equipa de trabalho, e revendo as gravações daquele dia de experiência social em que a Paula surgiu.

“Estavas muito interessada na história que esta senhora tinha para te contar, e isso é fundamental para fazer um bom trabalho. É preciso não só demonstrar interesse por aquilo que as pessoas têm para nos dizer, mas é fundamental estarmos realmente interessados”

6.2.4

16.06.03

a Visionamento e transcrição

16.06.13

- Acompanhei, visionei e transcrevi entrevistas realizadas via Skype a alguns dos entrevistados dos programas anteriores, bem como vox-pops e outras entrevistas realizadas feitas em escolas, em varios locais do pais feitas por correspondentes da SIC.

A última semana de estágio foi, portanto, dedicada à preparação do último programa, onde era pretendido fazer um balanço de todas as emissões anteriores e que refletisse o impacto que teve junto dos telespectadores.

7.4.9

-Numa das discussões em relação ao que incluir neste programa falou-se do caso da Menina Negra (entrevistada na experiência das crianças em relação ao racismo).

Na escola onde anda, no bairro onde vive, cresceu a ouvir dizer que a melhor cor de pele não é a dela. Por isso acha que é feia, gostava de ser “branca”.

8

- A decisão foi defende-la mas ignorar de todo a sua situação. Na rede social do programa no *facebook* pesquisei e selecionei os comentários destas pessoas para depois, com tratamento gráfico fossem incluídas no último programa. Acabei também por lhes dar voz.

As palavras desta criança ecoaram nas redes sociais, não tardaram comentários a elogiá-la, mas também de revolta para com quem a fazia acreditar e pensar desta forma. ...

Por isso a equipa decidiu voltar a contactar a família da menina na possibilidade de a voltar a entrevistar, para perceber a reação dela ao impacto das suas palavras. Foi uma surpresa que a todos nos deixou em choque.

Aquilo que era suposto ter tentado mudar mentalidades em relação ao racismo acabou por acentua-lo ainda mais na vida desta criança. No bairro onde vive, o mesmo bairro que lhe transmitiu a ideia de que a cor de pele importa, depois do programa passou a critica-la.

Na rua diziam que a Maiara e a família eram racistas, por ter dito aquelas palavras, por achar que a cor negra era pior. Perante isto levantou-se o dilema: voltamos a entrevistar a criança para mostrar às pessoas o quão erradas estão em julgar uma criança desta forma ou vamos protege-la para evitar mais represálias?

Foi também recupera a entrevista da Maiara do primeiro programa. Inclusive alguns “vivos” que não tinham sido utilizados para deixar claro que não é ele quem pensa dessa forma, mas sim a sociedade que a crítica e que todos os dias lhe fez acreditar nessa diferença.

Integrar a equipa de trabalho do Programa Informativo ESFC foi sem dúvida uma experiência inesquecível, através dela tive possibilidade de compreender as rotinas produtivas de uma equipa de jornalista dentro de um projeto como este. A forma como investigam os assuntos, como é que recolhem a informação e como é que a tratam. É verdade que muitas das tarefas que desempenhei recaíram sobre o visionamento e a transcrição de entrevistas. Gostava de ter tido mais oportunidade para desenvolver competências na escrita e na edição jornalística. Mas também o tempo foi curto e passou a correr.

-Primeiro dia na editoria de desporto foi fundamentalmente de acompanhamento do trabalho da colega estagiária que estava de saída: a catarina explicou-me as tarefas que tinha naquela editoria e apresentou-me a toda a equipa.

Embora já tivesse mexido no programa de edição que é utilizado na SIC, apenas o tinha manuseado para visionar materiais brutos, quando integrava a equipa de trabalho do ESFC. 5.2

O primeiro impacto com o programa de edição não foi fácil. É um programa complexo e pouco intuitivo, com várias ferramentas e funcionalidades que exige alguma prática.

É crucial que aprenda a utilizar este programa uma vez que é nele que se concentra todo o material de imagem, para realizar as tarefas que vão surgir: montar blocos de imagens para acompanhar a discussão dos vários temas ao longo dos jornais, montar blocos de imagens para os *off's* cortar *th's* e montar peças.

É uma ferramenta de trabalho essencial utilizada em praticamente todas as tarefas realizadas pelo jornalista na redação, uma vez que é ele que suporta a imagem, sem a qual não existe jornalismo televisivo. 5.2

A própria “forma” dos conteúdos foram, nesta fase, uma novidade para mim. Apenas sabia a estrutura com que era elaborada uma peça, não só porque foi algo trabalhado durante o mestrado no Atelier de Jornalismo Televisivo, mas também porque durante a minha permanência na equipa do ESFC já tinha experienciado. Os *offs* e os *ths* eram tópicos novos que começava aqui a assimilar

Na SIC, os *off's* são utilizados essencialmente quando não há informações que justifique ou seja suficientes para a realização de uma peça. Não contêm “vivos” (depoimento de um entrevistado), são constituídos por um pequeno texto com cerca de 2 a 3 parágrafos que lidos não costumam ultrapassar os 30 segundos; e por um bloco de imagens que ilustra a informação impressa no texto. Esta ilustração deve, contudo, ser feita com imagens do momento, e quando tal não for possível, devem utilizar-se as imagens mais recentes sobre o tópico. O texto de é depois lido pelo apresentador do bloco informativo, acompanhado com as imagens editadas. 5.2

Os *th's* significam “*talking heads*” correspondem a um excerto de um depoimento. É fundamentalmente um vivo solto, a imagem e o som de uma pessoa que fala diretamente para a câmara sobre determinado tópico.

Demorei cerca de uma semana para me ambientar ao seu manuseamento e às especificidades sem necessitar de mais auxílios.

Os jornalistas desta secção produzem conteúdos noticiosos não só para os principais jornais da SIC

A primeira mudança significativa que senti foi a passagem de um programa informativo semanal 52

generalista, mas também para todos os noticiários da *SIC Notícias*, e em especial para os três blocos informativos destinados ao Desporto, que, salvo raras exceções, ocupam a grelha de programação informativa da *SIC Notícias*.

para a informação diária. No programa *ESFC* havia, inevitavelmente, mais espaço para o diálogo aprofundado sobre um tema, tempo para discuti-lo e debate-lo. Na editoria de desporto, a necessidade de atualização constante da informação diminuiu esse espaço da reflexão mais aprofundada. Nunca pondo em causa a confirmação de todas as informações, a informação diária faz-se em contrarrelógio tendo sempre limites de tempo para cumprir.

A jornalista Elizabete Marques, editora da secção, está sempre em cima da atualidade desportiva, coordena e distribuiu trabalho por toda a equipa, como por exemplo a distribuição dos serviços (idas ao terreno). 5.2

Os editores de cada secção na redação da *SIC* são responsáveis por decidir matérias possíveis de dar origem a notícias. Para isso, selecionam através da agenda os eventos e acontecimentos que podem resultar em matéria noticiosa, ou também através das suas próprias fontes de informação. Todos os editores participam também nas duas reuniões diárias de planeamento, juntamente com a direção de informação. Uma das estratégias utilizadas para planear acontecimentos de cobertura noticiosa marcando as reportagens e os respetivos jornalistas bem como discutindo as linhas editoriais de como se vai tratar determinado tema. Nestas reuniões participas todos os editores, coordenadores, diretores de informação, um responsável da produção e um coordenador de repórteres de imagem.

A jornalista Ana Luísa Fernandes (ALF) responsabiliza-se pela coordenação da maioria dos jornais desportivos. Com base na atualidade pensa na forma como será conduzido cada jornal no que diz respeito à forma e conteúdos. É ela quem está mais próxima dos estagiários, atribuindo-lhes grande parte das tarefas diárias realizadas na redação.

Uma das primeiras coisas que partilhei com a AFL foi a minha insegurança em relação ao facto de ter sido colocada na editoria de desporto, uma vez que este era dos temas com que estava menos a vontade. No entanto, disse-lhe também que queria sobretudo aprender e que ia estar sempre disponível para absorver todas as sugestões que tivesse para partilhar comigo.

Trabalhar nesta editoria foi um grande desafio uma vez que os temas desportivos eram aqueles com que me sentia menos à vontade, e por esse motivo comecei com bastante receio de falhar e não corresponder às expectativas. 5.2

A fragilidade nesta área fez-me começar esta fase do estágio com um sentimento de insegurança. Mas com o passar do tempo começou a ser desafiante e motivador pelas novidades que trouxe à minha experiência profissional.

16.06.23 Saída em reportagem para a apresentação do “Estágio do Jogador”

O primeiro serviço que tive na editoria de Desporto foi a apresentação do “Estágio do Jogador”, um estágio organizado pelo sindicato dos jogadores de

Esta é uma prática comum na redação de informação da *SIC*. Muitas vezes os jornalistas deslocam-se a determinados locais/eventos não porque os próprios mereçam cobertura jornalística, mas sim porque há a informação de alguém vai 5.2

Futebol para possibilitar mais visibilidade aos atletas que ainda se encontram sem clube.

estar presente, alguém cuja declaração sobre determinado assunto é importante de ir recolher.

Antes de sair, a Elizabeth deu-me algumas indicações: na apresentação estariam determinadas pessoas a quem eu devia fazer perguntas sobre o desempenho da seleção nacional no campeonato europeu de futebol.

16.06.24 Saída em reportagem para uma conferência de imprensa: lançamento de um produto Sporting

A Elizabeth alertou-me para a presença de do Presidente do clube. Partindo do princípio que a Seleção Nacional continuava a disputar o Campeonato Europeu, e que muito dos jogadores que representavam a seleção eram jogadores do Sporting, mais uma vez esta saída justificava-se com a recolha de um depoimento de Bruno de Carvalho sobre a prestação dos jogadores sportinguistas e da própria seleção

5.2

Na conferência de imprensa, o presidente do clube recusou-se a responder a perguntas que não estivessem relacionadas com o lançamento do produto (um cartão de sócio de mais fácil acesso), e por isso assim que a sessão terminou, e que começou um tempo para autógrafos e fotografias com os sócios, eu e o repórter de imagem decidimos regressar à SIC. Esta foi uma má decisão, quando chegamos à redação, percebemos através dos outros órgãos de comunicação o que estavam lá presentes que o Presidente acabou por fazer declarações à margem da conferência de imprensa e nós tínhamo-las perdido.

A minha inexperiência levou-me a abandonar o local de reportagem por ter “acreditado” que Bruno de Carvalho não fazia declarações aos jornalistas. Com esta situação aprendi que nunca devo abandonar um local de reportagem sem que este tenha terminado definitivamente, a não ser que tenha ordens superiores para o fazer.

5.2

Embora não a editora não tenha considerado que este erro fosse muito importante, a Elizabeth acabou por me chamar à atenção para nunca abandonar um local de reportagem sem que todos os outros jornalistas também já tivessem ido, para não voltar a correr este tipo de riscos.

Comecei também a aperceber-me que normalmente, neste tipo de situações os vários órgãos de comunicação social abandonam os locais quase sempre ao mesmo tempo, há um certo “receio” que determinado jornal capte uma coisa que o outro não captou, há uma certa rivalidade entre meios de comunicação social neste aspeto.

16.06.28 Saída em reportagem para um evento desportivo onde o embaixador do evento era Simão Sabrosa.

Mais uma vez o interesse desta saída recaía sobre a presença do ex-internacional português e na recolha da sua opinião sobre a prestação da seleção nacional na Campeonato Europeu.

5.2

Após a conferência de apresentação do evento a assessora de comunicação da Câmara Municipal de Cascais veio falar comigo para saber quem queria entrevistar, ao que respondi que queria falar com Simão Sabrosa. Paula Colaço insistia: “Não quer

Refletindo sobre este episódio, parece-me que houve uma determinada pressão por parte da Assessora de Imprensa, que fez questão que eu entrevistasse a entidade que representa, e mais tarde

falar também com o Vereador da Câmara? É o município de Cascais que organiza este evento”.

Mesmo sabendo que não era o meu objetivo fazer a cobertura do evento, entrevistei também o vereador da Câmara Municipal de Cascais, no entanto quando cheguei à SIC a editora optou por utilizar apenas as declarações de Simão Sabrosa, considerando que o evento em si não tinha interesse jornalístico.

No dia seguinte, a assessora de imprensa telefonou-me para saber se a SIC tinha feito alguma peça sobre o evento.

ainda tentou procurar se havia sido feito algum trabalho.

Esta relação entre jornalista e assessor de imprensa, na minha opinião, deve ser cuidadosa. Os assessores têm um papel importante no jornalismo, ajudam a mediar a comunicação entre várias entidades e os jornalistas, mas a mensagem que passam deve carecer de uma seleção por parte do jornalista. É preciso questionar sempre se as suas declarações não influenciam o trabalho jornalístico, na medida em que transmitem uma mensagem baseada numa estratégia de comunicação que pode fazer com que o jornalista seja o eco da ideia enviesada e imparcial que transmitem.

Nesta situação tomei a decisão de recolher a entrevista bem como imagens do próprio evento uma vez que podia haver uma mudança de ideias e pelo menos teria material para trabalhar quando chegasse à redação.

16.06.07 Saída em reportagem para o treino e conferência de imprensa do Benfica

-Antes do treino, deslocou-se ao relvado junto dos jornalistas o jogador André Horta disponível para responder às perguntas dos vários órgãos de comunicação presentes.

O assessor de comunicação deu a indicação que cada meio só tinha direito a 5 minutos de direto e a fazer 15 minutos de imagens da equipa.

Uma vez que só tínhamos direto a esses 5 minutos, a coordenadora do jornal decidiu “picar” no final de tempo que nos eram permitidos.

Uma colega de outra estação de televisão não reparou que gastamos os nossos tempos em momentos diferentes e, pressionada pela coordenação do seu jornal, perguntou-me porquê que ainda estávamos em direto. Ao que respondi que ainda não tínhamos ultrapassado o nosso tempo

A entrevista e o treino pressupunham a transmissão em direto. Uma emissão em direto transporta o telespectador para o espaço da notícia, criando uma relação de proximidade.

É também uma ferramenta de credibilidade dos acontecimentos uma vez que o jornalista, e a própria televisão, nos diretos televisivos, funcionam apenas como mediadores de informação. O jornalista está no terreno, no espaço da ação da notícia em tempo real, sem influência no desenrolar dos acontecimentos.

Uma situação que retrata a competitividade pelas audiências.

5.2

16.07.04 Saída em reportagem para captar imagens do jogador Slimani ao centro de estúdios do Sporting

A editora tinha a informação de que o jogador se apresentaria no centro de treinos neste dia e considerava muito importante que a SIC conseguisse captar uma imagem desse momento.

Este é o tipo de trabalho que nenhum jornalista quer fazer pois traduz-se em muitas horas de espera para captar uma imagem de segundos, quando é possível captá-la.

No ar estava a polémica relação entre o jogador e o clube e as dúvidas da sua permanência.

Em jornalismo televisivo, a imagem é um dos pilares da informação, sem imagem não é possível fazê-lo. Ao mostrar as “notícias” a imagem passa também uma percepção de credibilidade sobre aquilo que se está a transmitir.

No local encontravam-se outros jornalistas com o mesmo propósito. Esperamos muitas horas sem sucesso, ao final do dia regressamos à redação sem ter visto o jogador.

5.2

16.07.06 Dia de jogo da Seleção Nacional para o Campeonato Europeu de Futebol.

Nestes dias o meu papel baseia-se no apoio das emissões em direto. Uma das tarefas recai sobre montar blocos de imagem para pintar a emissão dos convidados em estúdio, a partir dos brutos que nos vão chegando das equipas que estão no terreno e dos feeds das agências internacionais

Para além disso, era responsável por escrever uma série de frases relacionadas com o evento para entrarem no ar no momento em que os tópicos da conversa em estúdio passassem por esses temas. Para escrever essas frases consultava os jornais quem em papel quer online, mas fundamentalmente através de um email que nos chegava de um especialista com informações estatísticas sobre o jogo em questão.

Estes dias, do ponto de vista da cobertura jornalística vivem muito do direto. Há sempre uma emissão especial: um painel de convidados em estúdio que fazem a antevisão do jogo e do momento posterior à partida. Diretos dos reportes no local (neste caso em França), e também diretos dos pontos onde a população se junta para ver o jogo

5.2

16.07.29 Saída em reportagem para cobrir a partida de Gustavo Lima, velejador profissional, para os jogos Olímpicos.

O serviço realizou-se ao final do dia, por isso a Ana Luísa Fernandes pediu-me que quando regressasse à SIC escrevesse apenas um *off* e que no dia a seguir fazia pela primeira vez uma peça com o material que tinha recolhido.

Depois de escrever a peça mostrei o texto à jornalista ALF que fez pequenas correções, mas que de forma geral a considerou bem construído.

Antes, durante e depois de ir ao terreno:

- **Assunto /Tema:** muitas vezes os temas das reportagens são sugeridos pelos coordenadores e editores, no entanto os jornalistas na SIC têm autonomia para sugerir determinado tema que considerem de relevância jornalística. Nesta fase o jornalista deve recolher o máximo de informação possível sobre o tema (outras, notícias, artigos, pessoas relacionadas).

5.2

- **Ir para a rua:** A ida ao terreno é sempre acompanhada por um repórter de imagem.

O caderno de campo também é uma ajuda para levar toda a informação comigo e anotar outras tantas

Neste os cadernos de campo são uma ajuda preciosa onde tudo deve ser anotado (horas, locais, nomes, cargos, conceitos, ideias, sensações);

Muitas vezes, no regresso à redação, consciente do material que tínhamos recolhido bem como as imagens, já ia construindo na minha cabeça algumas ideias para a peça.

- **Seleção das informações:** esta é a fase de visionar todo o material que foi recolhido para selecionar aquilo que é relevante. Ao mesmo tempo que seleciono os “vivos” que quero usar transcrevo-os para depois escrever o texto.

- **Montagem:** Depois de escrever o texto a ALF corrigia-mo. Depois ia à cabine de edição e gravava-o. com os vivos e off do texto montava a peça no *xpri* colocando os planos que já tinha mais ou menos escolhido no processo de visionamento.

Na opinião da ALF, que eu partilho, o jornalista de hoje não é só aquele que faz as perguntas, mas teve também dotar-se de uma série de competências que o permita ser mais autónomo no trabalho diário.

A ALF fez questão que fosse eu própria a montar a peça no programa de edição, sem recorrer à ajuda de um editor.

16.07.30 Saída em reportagem para captar a chegada de Marcelo Meli, reforço do Sporting ao aeroporto.

Neste dia, sábado, a ALF tinha a informação de que o jogador Marcelo Meli estaria a caminho de Portugal para assinar com o sporting e que chegaria durante a manhã. Pedi-me por isso se eu não me importava de fazer esse serviço mesmo sendo a minha folga.

Duas horas depois não havia sinal da notícia. O repórter de imagens estava impaciente pela espera e desconfiado que a informação que nos tinham dado não podia estar certa uma vez que eramos o único órgão de comunicação social no local.

Quatro horas depois chega uma equipa do jornal *Record* com a mesma informação.

Quatro horas e meia depois avistamos o jogador pela porta das chegadas. Nesse momento, entanto o repórter de imagem pegava na câmara, eu pedi-lhe o microfone (arrumado na parte traseira da câmara) para quando chegasse ao pé do jogador lhe conseguisse fazer algumas perguntas. O repórter de imagens não ouviu o que lhe tinha pedido e correu

A saída em reportagem é inevitavelmente um trabalho de equipa, a coordenação entre o jornalista e o repórter de imagem é essencial para que o produto final seja favorável, e esse fator é importante em diferentes ocasiões.

Neste caso, a coordenação não foi a melhor. Aprendi que a primeira coisa que se faz quando se chega ao local é agarrar no microfone desde o início, mesmo que as horas de espera sejam algumas.

5.2

até ao jogador para conseguir fazer as imagens. Nesta correria só tive tempos de seguir o repórter e retirar-lhe o microfone por detrás de câmara. Devido a este episódio perdi o início das poucas declarações de Marcelo Meli ao outro jornalista presente. Apenas estavam captadas pelo microfone de som ambiente da própria câmara, com bastante ruído.

Quando cheguei à SIC, o coordenador do primeiro jornal disse-me que precisava de uma peça sobre aquilo, que um off não chegava. Tive então a difícil tarefa de montar uma peça, como o material que tínhamos recolhido

Em relação à edição da peça, depois de me aperceber que seria impercetível para os telespectadores colocar um vivo do jogador daquela forma, recorri à ajuda de um editor de imagem para perceber se havia alguma coisa a fazer para melhorar o áudio, mas este estava irrecuperável. A solução que me ocorreu, e que acabou por salvar a minha peça, foi o recurso à legendagem.

16.08.18 Saída em reportagem

Sáímos para fazer imagens do treino do Estoril e para a conferência de imprensa de antevisão do próximo jogo.

De regresso à SIC elaborei a peça sobre o tema.

Sempre que possível, a SIC faz a cobertura jornalísticas das conferências de imprensa dos clubes do futebol da primeira liga, especialmente os jogos são contra os clubes “grandes”. Mas mais importante acabam por ser as imagens que se fazem durante os treinos abertos à comunicação social. Já aqui falamos da importância da imagem em televisão. São essas imagens que vão permitir que se façam notícias ao longo da época sobre determinado jogador. Por este motivo é comum que no início de cada temporada se faça um bom bruto de imagens de cada equipa para servirem de recurso, caso seja necessário, ao longo do ano.

5.2

16.08.19 Peça sobre os incêndios

Numa altura em que a situação dos incêndios na madeira domina a atualidade noticiosa, os jornais de desporto foram suspensos para dar lugar a emissões especiais sobre o tema.

O diretor de informação Pedro Cruz perguntou à ALF se me podia dispensar da editoria de desporto para fazer uma peça com dados sobre que já tinha ardido devido a estes incêndios.

Procedi então à realização da peça que no final foi corrigida pelo Pedro cruz, sonorizada por mim e montada com a ajuda de um editor de imagem

Realizar uma peça noticiosa nem sempre implica uma ida ao terreno. É possível pegar em várias informações documentais, e material recolhido por outros colgas para dar corpo a uma peça.

Senti uma grande responsabilidade ao realizar esta peça. Mas ao final do dia senti que tinha correspondido às expectativas quando me foi autorizado que sonorizasse a minha peça. (Algo que os estagiários só fazem com autorização da direção)

5.2

16.08.20 Saída em reportagem:

Como já sabia do dia anterior que tinha este serviço marcado cheguei mais cedo para ler todos os jornais, precisava de ter várias perguntas

Já tinha saído várias vezes em reportagem, mas desta vez não era mais uma. O momento em direto dava-me uma responsabilidade acrescida. Sabia que

5.2

preparadas, para a conferência de imprensa do Benfica.

O João Abreu deu-me a indicação para levarmos os meios de direto porque a *SIC Notícias* ia picar a conferência na emissão.

For me dado um aparelho com um auricular onde consegue ouvir-se tanto a emissão da *SIC Notícias* bem como as informações que o coordenador do jornal me ia transmitindo.

“Mónica estás nervosa?” – perguntava o João Abreu do outro lado do auricular (Jornalista de Desporto que estava a coordenar aquele jornal). “Claro que sim!” respondia eu entanto tenta disfarçar.

“É normal, mas vai correr bem miúda vais ver”.

(...)

“Mónica assim que o Rui Vitória entrar na sala vamos para ti...” e assim foi..

“Boa tarde. Mónica Martins em direto para a *SIC Notícias*. André Horta tem mostrado potencial para jogar no meio campo, mas o mercado de transferências ainda mexe. O que lhe pergunto é se o Benfica ainda procura outro jogador para esta posição?”

a partir do momento em que a situação estivesse a acontecer, tudo o que eu dissesse com o microfone à frente, seria ouvido por todos os telespectadores. Não queria por nada fazer má figura por isso preparei-me bem. Cheguei à redação mais cedo do que era previsto para ler os jornais do dia, elaborei uma série de questões possíveis para o momento, e conversei com os colegas jornalistas da editoria de desporto para saber se eram pertinentes as questões que tinha idealizado

Quando a equipa chega ao local, há uma série de questões técnicas a preparar: estabelecer a ligação entre o local da conferência e a redação da *SIC* para garantir que a transmissão em direto não tem falhas, testes de microfones.

16.08.23

Realização de uma peça sobre a Poluição nos Jogos Olímpicos de 2016

As agências de informação são uma fonte de informação muito utilizada na redação da *SIC*.

Num dia em que a atualidade noticiosa vivia horas calmas, “ocupe-me” em percorrer os *feeds* das agências internacionais no separador das notícias de desporto.

Neste havia algum material sobre a poluição no Rio de Janeiro, e como ele podia prejudicar a prestação dos atletas nos jogos olímpicos.

Como era um tema que também já falava nos meios de comunicação portugueses, em especial sobre a Baía de Guanabara, onde o atleta português Gustavo Lima ia competir, propôs à ALF fazer uma peça sobre isso através do material das agências

É importante que os estagiários proponham trabalhos, coloquem dúvidas. Mesmo dentro das suas rotinas agitas, os colegas estão sempre dispostos a ensinar e ajudar.

5.2

Passar por esta editoria foi um grande desafio para mim. Era de todas as áreas aquela com a qual me sentia menos à vontade, mas foi também aquela onde sinto que mais aprendi sobre informação diária e a lidar com as suas especificidades – a atualidade que muda ao segundo, o exclusivo e o imediato tão característicos da televisão. Foi onde testei com maior frequência as minhas competências em escrita e edição jornalística e na saída em reportagem e onde aprendi muito sobre informação diária.

7 O Programa Informativo *E Se Fosse Consigo?*

7.1 Enunciado do projeto

O programa informativo *E Se Fosse Consigo?* foi emitido na *SIC* e na *SICNotícias*, entre 18 de abril e dia 13 de junho, uma vez por semana, habitualmente às segundas-feiras.

O programa procurou identificar, mostrar, simular e discutir situações de rutura e de margem relativamente à justiça e à cidadania como o direito pleno de participação na sociedade em que vivemos. Tal como afirma a própria jornalista autora do programa “está aqui sempre como ponto central e comum a todos estes programas os Direitos e com a forma como uma sociedade se relaciona em relação aos direitos e aos deveres.” Por outras palavras, o objetivo passou acima de tudo por trazer para o debate público os temas do preconceito, da diferença e da exclusão social, ao mesmo tempo que se media o pulso à realidade portuguesa no que toca a estas questões.

A estrutura fora semelhante em todos temas: a experiência social que procurou simular e testar a capacidade de cada um agir em defesa do outro quando testemunhas destas mesmas situações; as entrevistas enquanto relatos que mostraram, através do olhar jornalístico, a realidade de cada tema abordado, dando voz às pessoas que vivem e convivem diariamente com ela; os debates onde, também do ponto de vista especializado, se discutiram e questionaram as várias temáticas. Alguns programas incluíram ainda outros conteúdos, relacionados com as temáticas, que ajudaram a compor e fazer compreender melhor a realidade destes assuntos na nossa atual sociedade tal como reportagens.

Ao longo de nove semanas, oito temas diferentes foram abordados e um último programa fez um balanço geral de todas as emissões. Foram eles: o racismo, a obesidade, o *bullying*, a homofobia, a violência no namoro, o consumo de álcool por parte dos jovens, os maus tratos a idosos e a violência doméstica. Sobre esta seleção, a autora do programa esclarece:

“Quando nós pensamos, quando há direitos que são violados, quando há comportamentos que não deveriam ser detidos porque atentam com as liberdades ou

esbarram nas liberdades individuais e quando nós questionamos a sociedade em que vivemos e como é que ela poderia funcionar de forma melhor, mais justa mais saudável no relacionamento de uns com os outros ai chegamos facilmente àqueles assuntos. Há muitos”. (Conceição Lino, 2017, Entrevista)⁵²

No que diz respeito a esta escolha temática, a equipa do programa tentou equilibrar os assuntos tratados evitando repetições e construindo “um leque diversificado de temas que fossem coisas obviamente relevantes”, ou seja que se revelassem fenómenos presentes na sociedade em que vivemos.

7.1.1 Um formato híbrido de informação

O Programa ESFC está inserido na grelha informativa da *SIC* e da *SICNotícias* e é considerado pela sua equipa de jornalistas como um conteúdo efetivamente informativo. Não há dúvida, como veremos ao longo deste relatório, que encontramos um tratamento jornalístico das questões que aborda, as próprias temáticas que embora não se enquadrem naquilo que é a lógica noticiosa diária, não são temas que não ouçamos falar há muito tempo nas notícias. O ESFC, do ponto de vista jornalístico enquadrou, identificou e agregou comportamentos ditos como marginais e de *exclusão social*, que mentem em causa a forma como vivemos em sociedade, inventariando-os, promovendo uma reflexão sobre os mesmos, através de várias estratégias narrativas – das experiências sociais que testaram esses fenómenos às entrevistas, reportagens e debates que os enquadraram e posicionam. Há, portanto, uma certa diversidade naquilo que compõe este programa, desde as técnicas de pesquisa e investigação jornalísticas às várias estratégias comunicativas que contém.

Por muitos motivos, seria ingénuo neste trabalho definir o ESFC como um produto exclusivamente jornalístico tendo em conta todas as suas especificidades e nuances, que toram difícil a tarefa de enquadrá-lo dentro de um género limitado. À primeira vista e de forma generalizada, podemos defini-lo como uma espécie de formato híbrido, enquadrando-se naquilo que é definido por alguns autores como a *Reality Tv*, e cujo o formato não tem uma definição nos géneros tradicionais jornalísticos, mas que encontra nas suas práticas e intenções esse carácter.

Podíamos discutir, neste trabalho, inúmeros aspetos sobre aquilo que aproxima e afasta o ESFC de um projeto puramente jornalístico, e que por si só justificavam um trabalho de fundo.

⁵² Entrevista realizada no âmbito deste trabalho, disponível em anexo.

Na impossibilidade de o fazer exaustivamente tento neste ponto, e ao longo do trabalho, apontar algumas questões críticas motivadas por considerações de alguns autores que estudam algumas das suas características.

Importa dizer, primeiro que tudo, que o ESFC é um programa de televisão, que por sua vez ainda hoje é considerado como o “meio de comunicação por excelência”, tal como afirma o jornalista Paulo Dentinho no prefácio do trabalho de Nuno Goulart Brandão: *As notícias nos telejornais – que serviço público para o século XXI?* (2010, p.9)⁵³. Embora o jornalista acredite que o surgimento de novos meios como a *internet* a possam destronar, defende que a televisão desempenha um papel determinante “na formação da cidadania”.

Também para a autora Inmaculada Gordillo⁵⁴, a televisão é, entre os meios de comunicação existentes, aquele que tem mais alcance e influência, ao afirmar que “constituye el instrumento de ocio más extendido em la vidade cotidiana, así como el medio de información y comunicatción más poderoso.” (Inmaculada Gordillo, 1999, p. 9)

Para Nuno Goulart Brandão, a televisão reflete o “quotidiano e dificilmente podemos passar sem ela. Tem um importante papel de cidadania e de responsabilidade social”. Esta responsabilidade assenta no facto dos conteúdos a que todos temos acessos através deste meio, são conteúdos especiais uma vez que “influem na formação da opinião pública, com o propósito de serem «produtor» e ‘gerador’ de conhecimento” (2010, p. 31). Sendo uma fonte fértil de “conhecimento, entretenimento, informação e formação”, a televisão é “um agente decisivo de socialização e de construção social da realidade” (Ibid).

Bruno Bernardo de Araújo⁵⁵, no seu artigo *A narrativa jornalística e a construção do real*, parte do pressuposto de que os jornalistas são construtores de narrativas⁵⁶ através das quais representam a realidade: “os jornalistas operam um conjunto de códigos de estruturação textual

⁵³ Brandão, N. G. (2010). *As notícias nos telejornais – Que serviço público para o século XXI?*. Guerra e Paz. Lisboa, (p. 9)

⁵⁴ Gordillo, I. (1999) *Narrativa y televisión*. Coleccion universitária. Ciencias de la Information. Editorial Mad. Sevilla (p.9)

⁵⁵ Araújo, B. B. (2011). *A narrativa jornalística e a construção do real*. Covilhã: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior. Géneros, Figuras e Contextos. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017. Coimbra (p.2)

⁵⁶ Nesta reflexão exploramos a metáfora construtivista do *jornalista contador de estórias*. Alertando para “possíveis associações errôneas desses termos a uma ficcionalização do real”, Araújo (2017), op. Cit, pp. 142-143. traduz esta analogia como “não é um ficcionista, mas um indivíduo que assume uma postura distinta da do jornalista-espelho, defendida por paradigmas anteriores. Citando o mesmo autor, outro motivo pelo qual alguns estudos discordam da perspetiva do jornalista como espelho fiel da realidade “é a impossibilidade de existência de uma linguagem neutra ou de um grau zero na escrita. Ao dar vida textual a um acontecimento, o jornalista incorpora, mesmo involuntariamente, marcas da sua subjetividade e das que derivam das relações intersubjetivas estabelecidas com outros atores, dentro e fora da profissão, que impedem um retrato fiel do que se passa no mundo ontológico.”

que, aliados àquilo que eles conhecem do mundo, dão sentido (s) aos acontecimentos”, por isso, a forma de narrar um acontecimento reside também “na forma como o jornalista interpretar e estruturar discursivamente os acontecimentos” (2011, p.2)

Num artigo posterior, Araújo (2017)⁵⁷ afirma que os *media* detêm um papel fundamental e poderoso sobre a opinião pública, uma vez que influenciam a agenda dos temas em debate,

“interferem no *status quo* e recriam modos de vida, porque leem e provocam releituras de experiências subjetivas e objetivas e, vale dizer, de forma às vezes tão imperativa, que se tornam o lugar de onde as pessoas retiram o que sabem e o que se dispõem a compreender acerca do cotidiano e da vida”. (Resende, 2006, *apud* Araújo, 2017)

Esse poder sobre a opinião pública atribui aos jornalistas:

“uma responsabilidade com o real, que deve ser respeitada, sob pena de poderem causar graves alterações no espaço público. Nessa medida, considera-se que as narrativas mediáticas apresentam visões construídas dos acontecimentos, formatando imagens, que funcionam como óculos, a partir dos quais, lemos os fenómenos sociais do nosso quotidiano. (Araújo, 2011, p.7)

A propósito das representações da realidade produzidas pelos *media*, Nuno Goulart Brandão e Inês Morais⁵⁸, no texto *O espectáculo e o drama televisivo – uma abordagem sobre a informação televisiva portuguesa*, refletem sobre como os fatores do espetáculo e do drama têm vindo a dominar os conteúdos apresentados pelas televisões portuguesas, constatando “uma enorme tendência para a exploração dos sentidos do telespetador em prol de valores de audiência elevados” (2012, p. 252). Essa representação da vida quotidiana, abordada de um ponto de vista “emotivo, dissemina-se por toda a grelha da televisão generalista pois vai de encontro ao gosto *voyerista* das audiências, confirmando que a oferta audiovisual está claramente condicionada pelas leis de mercado e pelo fator económico” (Ibid). Esse gosto *voyerista*, segundo Rocha⁵⁹, acontece devido ao facto da televisão proporcionar a satisfação de ver a privacidade do outro, definindo *voyeurismo mediático* como “uma prática na qual o indivíduo sente prazer em observar a vida alheia.” (2009, p.3)

⁵⁷ Araújo, B. B. (2017) *Estudos narrativos e teoria do jornalismo: a narrativa de Veja e Isto É sobre uma manifestação de estudantes da USP*. in Org. Peixinho, A. e Araújo, B. *Narrativa e Media. Géneros, Figuras e Contextos*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017. Coimbra, (252)

⁵⁸ Brandão, N. G. & Morais, I. (2012) *O espectáculo e o drama televisivo – Uma abordagem sobre a televisão portuguesa*. (252-261) in IBER: Revista Internacional de Gestão e Comunicação nº 3 (p.252)

⁵⁹ Rocha, D. C. (2009) *Reality tv e reality show: ficção e realidade na televisão*. In Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação- Ecompós, Brasília, v.12,n.3, set/dez.2009. (p.3)

Pois bem, esta é também uma das questões críticas que podemos destacar nalgumas estratégias narrativas do programa informativo ESFC. Assumindo que é um formato híbrido de informação, ao longo do programa é possível identificar a presença de narrativas e conteúdos que apelam a um certo olhar *voyerista* do telespetador. Na imprensa escrita, que foi saindo ao longo da emissão do programa, podem ler-se críticas a este aspeto como:

“Quando a imaginação falha ou o interesse do público arrefece, uma rúbrica de apanhados, repetida ou apresentada de forma supostamente original, funciona. Gostamos de ver os outros a fazer de palhaços, quem sabe se para nos convenceremos de que não estamos sozinhos”.⁶⁰ (Pais, 2016)

Neste artigo, o jornalista classifica o ESFC como uma “rubrica de apanhados”, exaltando as suas características de *entretenimento*, quando recorre à experiência social para atrair os telespetadores a “espreitar” o comportamento do outro. Esta tendência – a do espaço informativo dividir lugar com conteúdos usualmente utilizados pelo *entretenimento* - tem sido denominada em vários estudos como *infortainment*⁶¹. No entanto, neste trabalho, acreditamos que a utilização da experiência social vai mais além do que a simples satisfação do telespetador em ver como o outro reage em determinadas situações. Embora se reconheça que esse aspeto possa ter um impacto positivo nas audiências, a sua implementação neste programa informativo tem um fundamento pedagógico. Também no mesmo artigo da imprensa escrita já citado, o carácter pedagógico do seu formato é prenunciado: “O mérito de ‘E Se Fosse Consigo?’, da SIC, vai muito para além da simples captação de audiências, embora os resultados sejam bons: 1,25 milhões de espectadores, na última segunda-feira (...)”, o jornalista acrescenta: “agradando aos que procuram apenas divertimento, ‘apanha’ também quem se rege por maiores exigências de preocupação social, servindo uns e outros pela sua forte componente pedagógica e construindo assim verdadeiro serviço público” (Pais, 2016)

Consideramos ainda, neste trabalho, que esta utilização de uma experiência social num programa que se diz informativo, prende-se ainda pelo facto de tornar as temáticas apresentadas verosímeis ao mesmo tempo que carentes de uma intervenção social séria e coletiva. Por esse

⁶⁰ Artigo de opinião de Alexandre Pais, (2016.05.21). É mesmo connosco. *Correio da Manhã*, p. 48. (em anexo).

⁶¹ CF. Leonel Azevedo de Aguiar (2008). Entretenimento: valor noticia fundamental *Estudos de Jornalismo e Media*, 1 (1). p. 15. autor afirma que a fusão entre o jornalismo e o entretenimento resulta na: “hibridização do ideal moderno do jornalismo – informar aos cidadãos – com uma das principais características da cultura de massa: a competência para entreter, distrair, divertir. Demonstra de que modo a potencialidade de entretenimento do acontecimento torna-se um valor-notícia fundamental para configurá-lo na ordem do discurso jornalístico. Aponta que o sensacionalismo – entendido como modalidade de conhecimento centrada na lógica das sensações – é uma estratégia de comunicação voltada para produção de narrativas jornalísticas com capacidade de atrair o interesse do público e expandir o universo de leitores.”

motivo, reflete uma tendência atual de programas televisivos, que é designada por *Reality TV*, onde o mundo real é o grande protagonista. Tal como explica Debora Cristine Rocha, no texto *Reality tv e reality show: ficção e realidade na televisão*:

“A *reality TV* é uma variedade da programação factual popular que modeliza os mais diversos formatos televisivos. Embora o formato mais associado à *reality TV* seja o *reality show*, ela não se restringe a ele e transporta para a programação em geral, estilos e técnicas que visam tornar os seus textos mais e mais *reais*” (2009, p.2)

A autora defende que não existe um formato específico onde esta modalidade atue, o que existe sim é a apropriação de elementos de linguagem que realçam o “mundo sensível e real”. Para isso, defende a autora, são utilizados estilos e técnicas como “a câmara escondida, a participação de crescente de pessoas anónimas, (...) a reconstituição de factos reais, a exibição do antes-e-depois; a observação do cotidiano de pessoas reais; a intervenção em acontecimentos reais através de performances”. (ibid)

Obviamente que a apropriação destas características, de *reality tv*, utilizando a experiência associada a um programa que quer assumir um carácter jornalístico levanta questões éticas, questões tais que não deixaremos de levantar mais à frente neste trabalho. No entanto, conforme a convicção da jornalista autora do programa informativo ESFC, é também na tentativa da reprodução da realidade que se legitima a sua utilização num programa informativo: “é uma encenação, mas se as pessoas acreditarem que é real então nós estamos a interferir o mínimo possível na realidade porque nós queremos é testar o comportamento das pessoas e esse é real e genuíno.” (Conceição Lino, 2017, p.)

Acreditamos ainda, neste trabalho, naquilo que defendem as autoras Suzana Rozendo Bortoli e Criselli Montipó⁶² no texto *Cidades invisíveis: as experiências de outros jornalismo em grandes centros urbanos*, quando afirmam que “O jornalismo tem importante papel no tratamento de temas relacionados à cidadania”, e que é nessa tentativa de promover a cidadania, de forma perceptível a todos, que o programa ESFC se apropria de novas técnicas que não são comuns à prática jornalística (2016, p.4) Tal como afirma a jornalista Conceição:

“A questão é: Eu estou preocupada porque se estou a fazer um programa que tem uma experiência social e isso nunca foi feito, ou não é regularmente feito e, portanto, não vou fazer porque se não estou a por em causa o meu trabalho como jornalista, ou olho para isso considerando que se eu fizer uma coisa que seja próxima da realidade e for

⁶² Bortoli, S. & Montipó, C. (2016) *Cidades invisíveis: as experiências de outros jornalismo em grandes centros urbanos*. in XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. (p.4)

verdadeira posso chegar mais longe com o meu trabalho jornalístico e ser mais perceptível e mais clara naquilo eu estou a transmitir?” (Conceição Lino, 2017, Entrevista)

Há, de facto, uma apropriação de uma técnica comunicativa diferente daquelas que são tradicionalmente utilizadas no jornalismo, mas que o serve com o mesmo propósito. Tal motivo, faz-nos concluir que o ESFC se pode caracterizar como um programa híbrido de informação. E, formatos como este, vêm, portanto, complementar o jornalismo televisivo tradicional “atuando como espaço de reflexão”, “experimentação de linguagens, conteúdos e formatos”. (Temer, 2009, p.110)⁶³

7.2 Recolha e identificação

7.2.1 Levantamento de casos

Já aqui referimos que o programa informativo ESFC tentou identificar e agregar comportamentos e situações de *marginalização* e de *preconceito*. Para a realização deste projeto houve à partida, como no início de produção de qualquer trabalho jornalístico, um processo de investigação. Importa agora refletir sobre esses procedimentos, onde as próprias fontes de informação tiveram um papel fulcral na contextualização das temáticas a serem abordadas, na identificação e recolha de situações concretas. Tal como afirmam Barradas, Bonixe e Lamy⁶⁴ as fontes de informação têm um papel importante na reconstrução da realidade por parte dos jornalistas:

“Nas sociedades modernas, o jornalismo representa o principal veículo de contacto dos cidadãos com o mundo. Por outro lado, a visão que temos desse mundo depende do modo como ele nos é transmitido pelo jornalismo, o que nos remete para um processo complexo de construção do real no qual as fontes de informação têm um papel determinante.” (2012, p.1)

Atualmente são inúmeras as formas que os jornalistas têm ao seu dispor para investigar

⁶³ Temer, A. C. R. P. (2009) *De tudo um pouco: o telejornalismo e a mistura dos gêneros*. Anuário Unesco/ Metodista de Cominação regional, Ano 13 n.13, (p.110)

⁶⁴ Barradas, Bonixe e Lamy (2012) *Fontes e jornalismo – um estudo sobre a presença das ONG na imprensa diária portuguesa*. III Seminário de I&DT, Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre. (p.1)

e procurar fontes de informação. Especialmente com o aparecimento das novas tecnologias, da *internet* e com ela as redes sociais, abriram-se algumas facilidades na pesquisa e obtenção de contactos e fontes de informação por parte dos jornalistas, tal como a minha permanência na redação de informação da *SIC* me permitiu testemunhar.

Schmitz⁶⁵ no seu artigo *Classificação das fontes de notícias*, sugere a seguinte definição:

“Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proactiva, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, credíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia.” (s/d, p.20)

A definição resulta de uma taxonomia, realizada por Schmitz, a partir das classificações de outros investigadores, desde os pioneiros aos mais recentes, que têm estudado as tipificações das fontes. Para o mesmo autor, houve uma evolução ao longo dos tempos, no que diz respeito à classificação e tipificação das fontes nos trabalhos que se debruçam sobre elas:

“Nos estudos empíricos, cronologicamente, percebe-se uma evolução na classificação das fontes, inicialmente apontadas como oficiais e não governamentais. Além dos grupos, a partir de Gans (1980), concebe-se as suas ações e qualificações, embora díspares. Pinto (2000) faz um mapeamento das fontes e contribui ao apontar os vários comportamentos, bipolares, enquanto entendemos múltiplos. Lage (2001) e Chaparro (2009) analisam a natureza delas.” (p.19)

Para o autor existe uma “pluralidade e diversidade de fontes” que podem ser interpretadas de várias perspectivas. Por isso, a “classificação dinâmica” que propõe, baseia-se num mapeamento das fontes segundo diferentes aspetos: Categoria que se divide em primária e secundária; Grupo que pode ser oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada e de referência; Ação que pressupõe ser ainda proactiva, ativa e reativa; Crédito que diz respeito à identificada e à anónima; e por fim a Qualificação como confiável, credível ou duvidosa). Dada a sua multiplicidade, as categorias podem estar relacionadas entre si e coexistir na mesma fonte. A título de exemplo, com base na matriz proposta com pelo próprio autor, podemos afirmar que uma fonte primária pode também ela ser individual, passiva e

⁶⁵ Schmitz, A. (s/d). *Classificação das fontes de notícias*. in *bocc.* (p.20)

identificada. (Schmitz, s.d., pp.7-8)

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária	Oficial	Proativa	Identificada	Confiável
Secundária	Empresarial	Ativa	Sigilosa	Fidedigna
	Institucional	Passiva		Duvidosa
	Individual	Reativa		
	Testemunhal			
	Especializada			
	Referência			

Figura 18 - Proposta de matriz da tipificação das fontes de notícias, elaborada por Aldo Antonio Schmitz (s.d.,p.9)

Lopes⁶⁶, no artigo *Uma proposta de um modelo taxonómico para a classificação de fontes de informação*, afirma que “As fontes de informação jornalística constituem-se como ponto fulcral para a compreensão dos conteúdos jornalísticos e, por extensão, para o conhecimento do espaço público que os media noticiosos constroem através do seu trabalho” (Lopes, 2016, p. 1).

Embora a autora afirme que as fontes de informação jornalística tinham vindo a ser objeto de estudo em áreas como a Sociologia ao longo dos tempos, considera que os mesmos estudos apresentem falhas na “apresentação de uma tipologia classificativa das fontes de informação” uma vez que estas “constituem um fértil e diversificado tópico de investigação” e podem ser estudadas sobre vários pontos de vista. Para a autora, a maioria das classificações de fontes de informação tornam-se inadequadas porque “adoptam variáveis dificilmente detetadas ao nível daquilo que é noticiado ou revelam-se, no seu conjunto, algo incompletas para, a partir delas, se obter um conhecimento aprofundado daqueles são citados nos media noticiosos”. (Lopes 2016, p. 1)

A proposta de modelo apresentada pela autora é bastante pormenorizada, e permite analisar com alguma complexidade as fontes de informação presente num produto jornalístico, dividindo-se em seis variáveis que se desdobram em algumas categorias: o Número que reflete a quantidade de fontes citadas; a Composição que separa em coletiva e individual; a Identificação que distingue identificadas, não-identificadas e anónimas; a Geografia que pode ser nacional ou Internacional (sendo possível ainda aprofundar mais esta variável); Sexo feminino ou masculino, e Estatuto que pode ser Humano (profissional, não profissional, cidadão, outro) ou não Humano (Documentos, Media, Web 2.0 ou Outros). (ibid).

* Lopes, F. (2016) *Uma proposta de um modelo taxonómico para a classificação de fontes de informação*. (p.1)

Não é, no entanto, objetivo deste trabalho analisar de forma exaustiva as fontes de informação utilizadas ao longo de todo o programa ESFC, no entanto importa identifica-las e perceber a sua relevância tanto no processo de contextualização de fenómenos, levantamento e identificação de casos, ou seja, na investigação precedente como a inclusão das suas vozes na construção narrativa de cada programa.

A criação de um *dossier de imprensa* foi um dos primeiros passos utilizados para perceber os fenómenos das temáticas escolhidas. Traduziu-se na reunião de artigos da imprensa escrita, da televisão (revisitando até o arquivo audiovisual da SIC), dos meios *online*, com o objetivo de perceber o que é que já tinha sido feito, escrito ou discutido sobre as temáticas a abordar. Este procedimento é bastante importante em vários sentidos. Em primeiro lugar serve os jornalistas na compreensão dos fenómenos oferecendo dados que os permitem contextualizar no tempo e no espaço. Em segundo podem sugerir narrativas, pontos de vista, perspetivas de como abordar determinados temas. Em terceiro podem ajudar na identificação de estudos, casos concretos e até contactos que conduzam os jornalistas às faces visíveis das problemáticas que querem abordar.

Dadas as temáticas a abordar e de forma a compreender e contextualizar os seus fenómenos, o contacto com Associações de cariz social e Organizações não governamentais foi incontornável, tal como afirma a jornalista Conceição Lino:

“As associações não são a nossa principal matéria-prima, mas as associações são organizações cívicas que se preocupam com determinados assuntos e, portanto, um programa com estas características é natural que eu chegue às associações porque são elas que estão no terreno a lidar com estes problemas e por isso deriva da natureza dos assuntos” (Conceição Lino, 2017, Entrevista)

Mais informações foram conseguidas através de contactos com entidades como a Polícia de Segurança Pública ou a Guarda Nacional Republicana; com profissionais que de alguma forma, com base nas suas profissões, lidem também eles com os fenómenos tratados (como é o exemplo de juristas, médicos ou psicólogos) e Investigadores nas áreas da marginalização e do preconceito.

Embora estejamos a falar de uma fase inicial da produção e preparação do programa, tenhamos também em conta que, as fontes de informação são importantes em várias fases do processo: antes da produção, durante a produção e depois da produção jornalística.

Schmitz, no artigo já citado, afirma que relação entre os jornalistas e as fontes de informação têm vindo a ficar cada vez mais complexa. Esta convicção prende-se pelo facto das fontes:

“deixaram de apenas contribuir na apuração da notícia e passaram também a produzir e oferecer conteúdos genuinamente jornalísticos, levando os jornalistas a reproduzir os fatos, o enfoque, as falas e os seus interesses, com o propósito de zelar pela sua reputação e imagem pessoal, da organização ou grupo social que representam.” (s.d., p.2)

Esta relação complexa entre ambas as partes de que fala o autor, foi também descrita pela produtora editorial do programa, Isabel Mendonça, na entrevista que lhe fiz, quando falava da importância que as fontes associativas tiveram na contextualização, apuramento e levantamento de casos dentro de cada problemática:

“É importante para eles também terem um bocadinho de voz naquilo que eles defendem que são sempre as coisas ligadas um bocadinho aos direitos humanos. As associações são constituídas pelas pessoas que lidam diariamente com os problemas. Há também uma espécie de troca, nós damos-lhes voz e eles ajudam-nos a encontrar casos.” (Isabel Mendonça, 2017, Entrevista)

Durante a entrevista que fiz à produtora editorial do programa, a mesma contou-me um episódio desta fase inicial de investigação e exploração de contactos onde a estes sistemas de trocas é mais evidente:

“Lembro-me de lhe dizer: como é que é possível que vocês se queixem tanto de serem postos de lado e de serem discriminados, no banco, na praia e depois nós estamos aqui para vos dar voz e vocês não querem e não nos ajudam. E eles aí devem ter aberto os olhos e foi das melhores associações com quem trabalhamos. Foi a Associação dos Obesos em Portugal, que nos deram aqueles contactos daquelas pessoas que eram obesas e já não são.” (Isabel Mendonça, 2017, Entrevista)

Importa ainda referir que o processo de investigação não estanca na fase inicial do processo, este procedimento foi constante ao longo de todos o tempo em que o programa esteve no ar.

7.2.2 Voluntários e participantes: casos e dramatizações

Como já foi sugerido pelo ponto anterior, a narrativa do programa Informativo foi construída pela conjugação de várias vozes, que no seu todo – juntamente com outras contribuições - resultaram num enquadramento posicionado das tais “questões fraturantes”. E por isso, foram vários os testemunhos recolhidos para a composição narrativa do ESFC, comportando pressupostos e intenções distintas.

Fontes como a P.S.P, investigadores, profissionais de várias áreas e representantes associativos que lidam e trabalham diariamente estas temáticas foram entrevistados contribuindo com informações factuais, e a inclusão dos seus testemunhos no ESFC ajudou na compreensão e contextualização dos fenómenos mediatizados.

No entanto, ao pensarmos no programa como um todo e no seu conceito, a forma de retratar narrativamente a realidade do preconceito e da marginalização pressupôs-se fundamentalmente com base em dois instrumentos: o testemunho das personagens centrais destes fenómenos (os casos concretos); e o efeito concreto das dramatizações das situações identificadas.

Sobre a inclusão do testemunho dos casos concretos em cada programa, consideramos no presente trabalho que este ganha elevada importância uma vez que através da sua conjugação com outros testemunhos bem com as demais informações factuais, é possível compreender a complexidade de cada temática. De acordo com Lage⁶⁷, o testemunho revela-se, nos dias de hoje, fundamental para compreensão e experiência dos acontecimentos, construídos nos discursos mediáticos. (2013, p.73)

No entanto, tal como nos exemplos de narrativas televisivas analisadas por Leandro Rodrigues Lage no artigo *O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas*, a própria natureza das temáticas sobre as quais o ESFC se debruça, pressupõe à partida relatos em que o testemunho do sofrimento está patente. Mesmo nos casos concretos em que a pessoa entrevistada já ultrapassou a situação de marginalização ou de preconceito, o sofrimento que essa situação lhe causou no passado foi enunciado.

O testemunho de casos reais assume aqui um posicionado que pode ser visto tendo em

⁶⁷ Lage, L. R. (2013) *O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas*. In: Revista Contracampo, v. 27, n. 2, ed. ago-nov, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. (p.73)

conta a discussão vários aspetos que equacionamos agora.

Já vimos que no programa ESFC há efetivamente testemunhos que surgem para suportar informação factual destes fenómenos. No entanto no que diz respeito aos testemunhos de casos concretos, estes ganham outro sentido que vai além do de informar. A jornalista Conceição Lino acredita que estes depoimentos são muito importantes para aproximar aqueles que contam a sua história das pessoas que sentem o preconceito:

“Quando nós somos confrontados com aquela pessoa, olhos nos olhos, mais próximos, e perceber, ouvi-la, dar-lhe um bocadinho de atenção se calhar o preconceito dilui-se. Porque não é aquilo que nós pensamos, é aquilo que é, e revemo-nos na outra pessoa de alguma forma”. (Conceição Lino, 2017, Entrevista)

Perante esta afirmação, o programa pressupõe que o telespetador, ao conhecer a realidade do entrevistado, mesmo nas suas individualidades, está a adquirir informação sobre um fenómeno de *preconceito* ou *marginalização*, que por sua vez pode motivá-lo a agir contra ela, ou pelo menos pela sua minimização dos seus efeitos.

A mesma afirmação leva-nos a concluir que no caso do programa informativo ESFC a mediatização dos casos concretos vai além de um recurso retórico que confere veracidade ao trabalho jornalístico, nomeadamente no que diz respeito aos domínios das fontes de informação. Afastando-se daquilo a que tem sido associado nesse campo, como já vimos no ponto anterior, ao relato objetivo que fornece informações factuais e por isso frequentemente percecionado como “o simples registo de uma experiência.” (Peeters 2009 *apud* Lage 2013, p.77)

O testemunho dos casos concretos na estratégia narrativa do ESFC, vai por isso, além de comprovar que as problemáticas retratadas no programa são fenómenos reais. Os seus discursos responsabilizam os telespectadores, na medida em que “nos colocam, inevitavelmente, diante da ‘outridade dos outros’” (Frosh 2009 *apud* Lage 2013, p.77). Ou seja, nesta perspetiva, quando o telespetador é colocado perante o relato emotivo e ao mesmo tempo representativo de um fenómeno social, é como se através do testemunho do sofrimento dos outros, o telespetador fosse chamado à responsabilidade no que toca às temáticas retratadas: “Precisamos de um bocadinho do seu tempo para parar, pensar, refletir e colocar-se no lugar do outro. Eu acho que esse é que foi o grande desafio.” (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

No entanto, este carácter interventivo do programa e o enquadramento narrativo que faz do “sofrimento” dos outros pode levantar questões éticas, onde o tratamento jornalístico pode em muito legitimar a sua utilização.

Em primeiro lugar, os testemunhos dos casos concretos do programa informativo assumem um carácter representativo na medida em que, mesmo dentro das suas individualidades, espelhem um todo, um grupo social que é vítima do *preconceito* ou da *marginalização*. E esse é um dos objetivos enunciados dentro da própria equipa, tal como afirma a jornalista Ana Lúcia Martins, responsável pela maior parte das entrevistas: “interessamos o caso daquela pessoa, mas interessa-nos também que ela consiga quase que retratar aquela realidade que é semelhante em diferentes casos” (2017, Entrevista). Por outras palavras, o entrevistado mesmo assumindo as suas características sociais, é encarado como uma personagem-tipo dentro de um enredo mediático. No entanto, quando é dada liberdade ao entrevistado para definir a problemática com base na sua experiência individual, pode limitar a visão do jornalista na contextualização da temática. Por isso, a conjugação de várias vozes, testemunhos e elementos factuais, é fundamental para perceber as problemáticas mediante várias perspetivas. Nota-se também que, ao longo de cada programa houve a preocupação de explorar testemunhos que relatassem dimensões diferentes das condições que representavam, conjugando o seu testemunho com outras vozes e outros recursos informativos.

Acresce ainda - como perceberemos melhor mais à frente quando falarmos das entrevistas como recurso e estratégia da narrativa - os discursos dos testemunhos mediatizados no contexto televisivo recorrem a estratégias narrativas que têm por base a imagem, não só no momento da sua captação, mas também na própria edição do produto final. E neste aspeto, o jornalista assume um compromisso ético com o próprio entrevistado. Esse compromisso configura-se na medida em que o jornalista tem a responsabilidade de tratar a informação recolhida segundo critérios que não prejudiquem os seus entrevistados. Na verdade, e como já vimos, estes testemunhos transportam e transmitem uma história de sofrimento, repleta de fragilidades e vulnerabilidades que o jornalista deve tratar com o máximo de cuidado para não prejudicar nem a imagem nem a moralidade do testemunho que recolheu. E esse compromisso no tratamento jornalístico que o programa deu aos seus testemunhos foi também um compromisso por toda a equipa de trabalho: “tu tens uma responsabilidade sobre a forma como passas a informação sobre a história de vida daquela pessoa e eu acho que isso foi sempre um compromisso que nós assumimos enquanto equipa”, afirma a jornalista Ana Lúcia Martins (2017, Entrevista).

O apelo à intervenção é sustentado, tanto nos relatos dos casos reais como nas dramatizações, pela exploração do sentido do testemunho do sofrimento dos outros. O conceito do programa, a mediatização desse sofrimento como estratégia narrativa, quer através de casos concretos quer por casos ficcionados, trás várias perspetivas sobre as modalidades do

testemunho nas narrativas jornalísticas, criando neste caso concreto um jogo moral de testemunhas com base na realidade retratada. Ou seja, no que diz respeito aos relatos de situações concretas, o entrevistado é testemunha de uma situação que representa um fenómeno de marginalização (pois ao relatar a sua experiência representa um grupo social excluído). A mediatização desse relato sofrido transforma o telespetador em testemunha, ainda que distante, de uma realidade, responsabilizando e motivando-o a reagir. Também o efeito concreto das dramatizações questiona o papel do telespetador enquanto testemunha próxima do sofrimento dos outros, mesmo que através da simulação de situações “fraturantes”.

Vejamos agora a estratégia narrativa de colocar o telespetador no lugar do outro, onde a simulação de situações extremas em que o telespectador cidadão é testemunha real de uma situação e que coloca um outro em sofrimento, mesmo que através de uma situação ficcionada.

Se através das entrevistas a pessoas envolvidos em situações concretas, o programa leva os telespetadores a refletir sobre as dimensões do *preconceito* e da *marginalização* e do sofrimento que tais realidades podem causar, através das experiências dramatizadas estes podem questionar-se sobre como reagiriam no lugar de alguém que assiste a uma situação extrema dessa problemática, questionando também qual é a sua responsabilidade em intervir tentando minimizá-la. O programa parte do princípio moral de que o espaço público é de todos e que, por isso, todos somos responsáveis por aquilo que nele acontece. Por isso, quando testemunhas de situações que metem em causa os direitos individuais de cada um, todos temos a obrigação moral de intervir.

Portanto, estamos em condições de afirmar que em relação ao ESFC, a dramatização assume várias funções narrativas, que vão além da reconstituição de fatos reais. Ao mesmo tempo que representa, de forma dramatizada, mas com base em factos reais, uma situação em que alguém é vítima de um *preconceito*, o programa “provoca” quem está a ver – os cidadãos - a participar na ação porque se indignou com ela. Por outro lado, os cidadãos que compõem a cena criada pela equipa do programa não são simples pessoas individuais, assumem um papel representativo da sociedade, ou seja, de todos nós. Por isso “quem está a ver” não são só as pessoas que estão no local, mas todos os telespetadores. Ao provocar os cidadãos naquela cena, e ao conceber que todos as pessoas comuns são representativas também de quem está em casa, o ESFC convida mais uma vez os telespetadores a colocarem-se no papel do outro, aproximando-os dessas realidades.

Sobre a apropriação de uma situação dramatizada na estratégia narrativa do programa informativo, refletimos neste trabalho, que tal estratégia é um dos principais fatores que nos leva a considerar o ESFC como um formato híbrido de informação.

Não é nova a utilização de situações ficcionadas em programas de informação. Encontramos, por exemplo, nas grandes reportagens da *SIC* momentos em que os jornalistas se recorrem de situações dramatizadas para reconstituir uma situação real.

Teresa Neves⁶⁸, no seu texto *A dramatização no telejornalismo*, comprova tal tendência e afirma que esta “serve como documentação visual capaz de enriquecer a palavra oral e ampliar o grau de interesse do telespetador por aquilo que é noticiado”. Ou seja, aparece inserida numa lógica que autora chama de *jornalismo-espetáculo*⁶⁹ inscrita na ação de conferir interesse a um terminado assunto tornando-o mais atraente. (2005, p.9)

Como podemos comprovar também pela imprensa escrita que foi saindo ao longo da emissão do programa, a apropriação da dramatização no espaço jornalístico não é consensual. Numa crónica do jornal *Diário de Notícias*, o sociólogo Alberto Gonçalves⁷⁰ faz duras críticas à veracidade das cenas retratadas: “A cena é tão ridícula e mal interpretada (?) que, naturalmente, leva quase todos os transeuntes a passar ao largo, com receio de interferirem nas filmagens de *morangos com açúcar*”. O sociólogo considera que as situações, tal como foram encenadas, não incitam necessariamente a ação em prol do outro, embora as temáticas que lhes estejam subjacentes sejam de grandes importâncias. Nesta crónica, o sociólogo levanta várias questões morais ao programa, classificando-o como um género de entretenimento equiparado a um programa de apanhados, que pela abordagem representativa mal conseguida de “problemas autênticos ou complexos ou inconvenientes” revela-se, porém, na categorização de um “rol de ‘causas’ admissíveis” enquanto promove a segregação de grupos sociais dividindo-os em “oprimidos” e “opressores”.

No entanto as opiniões sobre o programa na imprensa escrita dividem-se. Há também quem o considere de elevada importância sem questionar os seus procedimentos. Também numa entrevista na revista *Visão* Catarina Marcelino, Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, quando questionada sobre como reagiria se fosse apanhada numa experiência com

⁶⁸ Op. Cit.: Neves, T. (2005) *A dramatização no telejornalismo*. In Caligrafia. Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia. (p.10)

⁶⁹ Para a autora, uma das formas mais usuais de conferir interesse a um assunto, tendo por base esta lógica do jornalismo-espetáculo é através da personificação das notícias. Ou seja, “o foco da narrativa é dirigido para testemunhas e situações exemplares capazes de oferecer peso dramático à realidade apresenta ao público”. Acrescenta: “A estratégia cria uma espécie de ambiente afetivo, já que a maioria das circunstâncias individuais, tomadas como modelares, reproduzem e acentuam o aspecto do sofrimento humano em algum nível (o contribuinte explorado, o cidadão desassistido, o consumidor vilipendiado, etc.). São produzidos universos sociais de referência, com base nos quais se atinge o efeito de reconhecimento. Ao identificar-se com o que lhe é apresentado no noticiário, o receptor da mensagem tende a projetar-se na situação mostrada, experimentando, afinal, alívio catártico.” (2005, pp.8-9)

⁷⁰ Artigo de opinião de Alberto Gonçalves, (2016.05.22). E se fosse connoco. *Diário de notícias*, p. 10. (em anexo).

a do ESFC responde:

“Julgo que em qualquer das situações que vi eu teria tido o impulso de intervir. Esse programa (da *SIC*) foi importante para chamar as atenções para isso (...) São formas de dizer à sociedade que ela não deve ser indiferente e tem de agir, a nossa ação individual conta. Uma comunidade ativa é constituída por cada um de nós e temos o dever e a obrigação de não fingir que não vemos ou não ouvimos (...)” (Catarina Marcelino)⁷¹

Neste trabalho não partilhamos do ponto de vista extremista do sociólogo Alberto Gonçalves, mas não o deixamos de considerar relevante para refletir sobre o que legitima a utilização de uma experiência social no formato que se diz informativo. Sobre esse a jornalista Ana Lúcia Martins considera que:

“A experiência social, apesar de ser vista por algumas pessoas por uma coisa que poder ser um bocadinho mais entretenimento, a experiência social mostra a realidade e o jornalismo também traduz a realidade (...) acho que aquilo que é feito com rigor, com um propósito, com um objetivo e com retidão por parte de toda uma equipa, acho que nunca põe em causa o trabalho jornalístico.” (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

Consideramos também neste trabalho que tal apropriação não põe em causa o trabalho jornalístico. À primeira vista, quando isolada, pode parecer uma simples estratégia de captação de audiências, revelando até um certo voyeurismo mediático. Mas, tal como na opinião da Secretária de Estado Catarina Marcelino a sua legitimação, prende-se pela sua forte componente cívica pedagógica, onde o seu tratamento e no enquadramento (jornalístico) ganha elevada importância.

7.3 Construção e recursos da narrativa

Como já fora em cima referido, há um padrão que se identifica em todas as emissões dos programas no que diz respeito à sua construção editorial: a experiência social, várias entrevistas a protagonistas representativos de uma condição de exclusão bem com a profissionais especializados nas áreas. E em algumas situações a inclusão de outros conteúdos que também resultam da recolha de informação no terreno e que se tornaram importantes para compreender a realidade retratada. É sobre esses recursos que refletiremos agora.

⁷¹ Entrevista a Mafalda Ribeiro, (2016.10.27). *Visão*, p. 46. (em anexo).

7.3.1 Sociodrama(s)

“Sociodrama may be simply defined as a group method in which common experiences are shared in action”

(Kellerman⁷², 2007, p.15)

Para cada tema abordado foi realizado e incluído em cada programa aquilo a que a equipa de trabalho chamou de experiência social. Fundamentalmente, a experiência social consistia em representar, num espaço público, uma situação representativa das temáticas abordadas em cada programa. Com a ajuda de atores, uma situação era dramatizada como se fosse real. No espaço existiam várias câmaras de vídeo posicionadas discretamente que captavam as reações ou a indiferença de quem passava e testemunhava a situação. Desta forma, o objetivo passava por perceber até que ponto agimos em prole da igualdade e da justiça, contra o preconceito, a discriminação e a exclusão social, ou se pelo contrário ignoramos os problemas sociais que nos rodeiam.

Depois de cada cena, a jornalista Conceição Lino dirigia-se às pessoas e entrevistava-as em relação às suas reações perante a situação ficcionada. Só aquelas que davam autorização para que a sua imagem fosse utilizada poderiam posteriormente ser incluídas no programa, no entanto, no momento da encenação não faziam ideia de que estavam a ser filmadas e que as suas atitudes serviram de análise no trabalho jornalístico que era pretendido realizar.

Para a realização das experiências sociais, em termos técnicos, a equipa de trabalho alargou-se. Foi necessário montar uma *régie* numa carrinha de exterior, onde um realizador coordenava e montava à partida as imagens recolhidas pelas câmaras ocultas, e onde a jornalista Conceição Lino analisava atentamente as reações de quem por ali passava e, através de um intercomunicador dava dicas aos atores que estavam em cena sobre o ambiente envolvente. Juntaram-se também mais dois repórteres de imagem para a captação das entrevistas e a restante equipa apoiava a experiência na rua, enquanto figurantes, colaborando em todo o processo.

As imagens das reações das pessoas, bem como as entrevistas eram depois visionadas e selecionadas pela jornalista Conceição Lino, editadas e incluídas em cada programa. As mesmas serviam de ponte de análise, de discussão, um espelho da forma como nos relacionamos em sociedade.

⁷² Kellerman, P.F. (2007) *Sociodrama and Collective Trauma*, Jessica Kingsley: London (p.15)

Se pensarmos a experiência social desenvolvida no programa do ponto de vista teórico, podemos compara-la com o método do Sociodrama desenvolvido por Jacob Levy Moreno, durante e após a segunda Guerra Mundial, com o objetivo de melhorar a convivência entre os vários grupos sociais existentes. Segundo Kellerman (2007), o sociodrama é um procedimento experimental onde são explorados transformações e conflitos entre grupos. Com este método, Moreno pretendia que os representantes de determinados grupos sociais trocassem de papéis entre si, através da encenação dos conflitos, e desta forma ganhassem uma perspectiva diferente em relação à paz e à ordem social (p.15). E, embora o primeiro Sociodrama tenha sido realizado em Viena, em 1921, o método continuou a ser aplicado mais tarde para resolver conflitos intergrupais, como por exemplo nos conflitos raciais.

Por se focar em grupos sociais, o sociodrama é como uma forma de “terapia social”, uma socio terapia. É fundamentalmente um processo de aprendizagem. (Sterberg and Garcia 2000, *apud* por, Kellerman 2007, p.17), no qual o objetivo passa por criar ferramentas para a resolução de problemas nas relações entre os indivíduos através da encenação desses mesmo aspetos, e ao mesmo tempo, encontrar elos de ligação entres os indivíduos, para que os seus pensamentos e sentimentos sobressaiam durante a experiência. A sua aplicação, desenvolveu-se de formas diferentes: numa primeira perspectiva o sociodrama deve lidar com o grupo como um todo, já na segunda a abordagem é centrada num determinado tema, ou num determinado protagonista, sendo este representante de temas comuns a todo o grupo e portador de papéis coletivos (Kellerman, 2007, p.18).

Do ponto de vista prático, o método desenvolvido por Moreno deve ser executado num espaço amplo, onde os participantes se devem sentar em torno do local onde decorre a ação. A sessão é liderada por uma pessoa, o “socio terapeuta”, instruída para manter o grupo focado e envolvido, e por uma equipa que colabora no processo durante ação.

Do método do sociodrama, Kellerman distingue ainda o Sociodrama da Diversidade, sendo este mais direcionado para a forma como os indivíduos se sentem quando expostos a “estereótipos, a preconceitos, racismo, intolerância, estigmatização e a ideias negativas pré-concebidas, por causa da sua diversidade” (2007, p.95). Este método convida as pessoas a olhar para a diversidade em oposição à universalidade, ou seja, para a forma como todos somos diferentes uns dos outros. O Sociodrama da Diversidade parte do pressuposto de que as pessoas são todas diferentes em inúmeros aspetos, e que muitas vezes, as diferenças culturais, religiosas, étnicas, de estatuto socioeconómico entre outras, criam problemas de comunicação entre os indivíduos que partilham a mesma sociedade (Kellermen, 2007, p.98).

Já perante esta breve contextualização do método do Sociodrama de Moreno, podemos encontrar algumas semelhanças com a experiência social desenvolvida no programa ESFC, nomeadamente em relação ao Sociodrama da Diversidade. Em ambas as situações, as questões centrais baseiam-se na forma como lidamos com a diferença, com o preconceito e com a exclusão social. Tal como os temas abordados no programa, Kellerman dá como exemplos comuns os negros, os homossexuais, as mulheres, os velhos, os deficientes, os obesos, entre muitos outros (2007, p.95). Para isso ambos se baseiam na simulação de papéis estigmatizados para retratar a realidade de um grupo socialmente excluído, e a forma como este é visto pelos outros dentro da mesma sociedade, e desta forma tentar modificá-la.

Embora a experiência social do programa e o método do sociodrama apresentem bastantes semelhanças nas suas intenções, a principal diferença entre ambas talvez resida no facto de que na experiência social as pessoas envolvidas, enquanto indivíduos da mesma sociedade, não sabem no exato momento que estão a ser filmadas, e que as suas reações e atitudes virão a servir de análise e reflexão.

A utilização de câmaras ocultas não é uma novidade no universo da televisão portuguesa, inclusive nos seus programas de informação. Mas claro, que esta apropriação como procedimento jornalístico, levanta questões éticas. Sobre esta técnica de recolha de imagens e sons, a Entidade Reguladora para a Comunicação Social considera:

“A utilização de câmaras ocultas para efeito de recolha de imagens e som é, por si, matéria de especial sensibilidade. No exercício da actividade jornalística, por conseguinte, a consciência do melindre que implica o seu uso conduziu à imposição, como dever do jornalista, de pressupostos estritos quanto à recolha, por essa forma, de imagens e sons. Vale aqui, em primeira linha, o art. ‘14.º, al. i), Est. Jorn., onde se dispõe que constitui dever deontológico e ético do jornalista ‘não recolher imagens e sons com o recurso a meios não autorizados a não ser que se verifique um estado de necessidade para a segurança das pessoas envolvidas e o interesse público o justifique.’ ” (ERC, 2005)⁷³

Pois bem, no caso concreto do EFSC, a sua apropriação pode ser ambígua. Num primeiro ponto, as pessoas que não deram autorização para a recolha das suas imagens, e que inevitavelmente compõem a cena, ou porque não queriam ou porque não foi possível recolher

⁷³ Considerações da ERC em relação a uma queixa apresentada contra a utilização de câmaras ocultas na reportagem “Quando a Violência vai à escola”, da RTP. (2006) Consideração disponível para consulta em: <http://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM5OiJtZWRpYS9kZWNPc29lcy9vYmplY3RvX29mZmxpbmUvMTE5OS5wZGYiO3M6NjoidGl0dWxvIjtzOjQyOiJkZWxpYmVvYWNhby02LXEyMDA2LWNvbS1kZWNsYXJhY2FvLWRILXZvdG8iO30=/deliberacao-6-q2006-com-declaracao-de-voto>

a sua autorização, foram submetidas a um tratamento, no momento da edição, que desfocou a sua identificação. Por outro lado, aqueles cujas atitudes são avaliadas, embora não tivessem concedido a sua autorização no momento em que foram captadas, é no momento em que a jornalista interrompe a cena e os confronta com a falsidade da situação. É decisão do cidadão responder ou não às perguntas da jornalista bem como autorizar a utilização das suas imagens.

No entanto continua a poder questionar-se a legitimidade de envolver determinada pessoa numa experiência que implica a captação da sua imagem e som, sem o seu prévio conhecimento. Para legitimar a sua utilização pode ser invocado o interesse público, ao retratar a realidade da indiferença da sociedade para com estas problemáticas. Tal como me confirmou a jornalista Conceição Lino:

“Obviamente que eu estou a interromper as pessoas no dia-a-dia delas e plantando-lhes digamos assim aquela cena ali de baixo dos olhos, mas acho que os ganhos que tenho para a concretização do trabalho e para a importância que eu dou ao trabalho são superiores a essas reversas, que obviamente eu tenho de as ter como jornalista.”
(Conceição Lino, 2017, Entrevista)

Portanto, de acordo com o documento já citado, a ERC recomenda que o recurso a câmaras ocultas tem de ser executado de forma muito cuidadosa, onde os procedimentos jornalísticos obrigam a “que sejam tomados em consideração deveres jornalísticos, aferidos estes em diferentes dimensões, que, aliás, vão para lá das simples obrigações legais.” (ERC, 2005, p.8)

Acresce a ambígua dificuldade de controlar uma situação onde nem todas as circunstâncias podem ser controláveis e onde, ao mesmo tempo, se quer espontânea.

Por um lado, os locais escolhidos para a realização da experiência são, em todos os casos, espaços públicos em ambientes citadinos, onde se espera que os atores sociais, que compõem a cena, compartilhem de deveres morais que os façam agir civicamente perante aquela situação ficcionada. Ou seja, que atuem com responsabilidade para resolver o conflito e não de forma a ampliá-lo. Controlando assim as dimensões conflituosas que as experiências podem desencadear.

Porém, tanto pelas temáticas das situações retratadas como pelo facto de se tratar de experiências que decorrem em espaços públicos, estão sujeitas a efeitos imprevisíveis. Por isso, para além do trabalho de toda a equipa no envolvimento da cena, também o trabalho de preparação dos atores para esta tarefa, que requer, tal como afirma a jornalista Conceição Lino, “uma grande dose de espontaneidade e de improviso”. Este trabalho com os atores foi dirigido

numa primeira fase, em todos os casos, pela Atriz e coordenadora de atores Elsa Valentim, e ao longo da realização da experiência pela própria jornalista Conceição Lino: “manda-los sair da cena quando era a altura, ou pedir-lhes para deixar as pessoas falar (...)” (2017, Entrevista).

Será, portanto, com a conjugação do trabalho técnico e com o tratamento jornalístico e editorial se concebe este recurso narrativo. Pressupões à partida o visionamento e seleção do material bruto recolhido. Posteriormente selecionam-se momentos da experiência, agrupando-os em pequenos blocos, juntamente com os depoimentos recolhidos nas entrevistas anteriores. Antes do seu surgimento no programa a jornalista apresentadora aparece em estúdio para contextualizar e explicar ao telespetador o carácter do conteúdo que vai ver e o próprio enredo da experiência. Depois, o decorrer da ação é também acompanhado em *off* pela voz da jornalista que encaminha o telespetador na compreensão da experiência, chamando-o até a atenção para determinados pormenores.

7.3.2 Entrevista(s)

Tal como afirma Nilson Lage⁷⁴ em *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão de consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição dos factos.” (2001, p.73)

Pois bem, já vimos em pontos anteriores que a equipa do programa informativo ESFC conjugou várias vozes e demais conteúdos para retratar e contextualizar as temáticas do programa. Por isso, a entrevista aparece aqui como procedimento fundamental para recolher os depoimentos de cada interveniente.

Ainda Lage (2001) distingue que as entrevistas do ponto de vista dos objetivos podem ser classificadas da seguinte forma: *Ritual* (entrevista breve, importa a exposição do entrevistado embora as suas declarações sejam “irrelevantes ou esperadas”, importa “o ambiente, o clima e a encenação”, o autor dá o exemplo de entrevistas a jogadores de futebol após uma vitória ou uma derrota), *Temática* (o entrevistado é escolhido por ser especialista ou ter alguma credibilidade num determinado tema, “pode ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista (...)”, *Testemunhal* (o relato do entrevistado reflete o que ele assistiu ou participou, no entanto este depoimento incorpora em si também as interpretações

⁷⁴ Lage, N.(2001) *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record (p.73)

subjetivas dos entrevistados), *Em Profundidade* (onde é a figura do entrevistado que importa e a sua interpretação do mundo, é pretendido “construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir dos seus próprios depoimentos e impressões”).

No âmbito do programa muitas foram as entrevistas que foram feitas. Por um lado, já aqui o dissemos, foram realizadas entrevistas que forneceram dados e factos reais sobre as problemáticas, mas por outros os testemunhos dos casos reais e visíveis destes fenómenos.

Achamos, neste ponto, que as entrevistas aos casos concretos merecem a nossa especial reflexão. Tal como afirma a jornalista Ana Lúcia Martins, no que diz respeito a entrevistar estes testemunhos:

“uma entrevista para um ESFC não é uma entrevista como qualquer outra. É um mergulho dentro de uma coisa difícil, dentro de um acontecimento traumático (...) as pessoas viajam na sua própria história sem terem muito a noção daquilo que estão a dizer, estão quase a desabafar, quase uma consulta de psicologia, e cabe-nos a nós também travar isso e sabermos para onde é que queremos” (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

Anabela Grandim⁷⁵, na obra *Manual de Jornalismo – Livro de estilo do urbi et orbi*, define entre as regras que enuncia para a realização de entrevistas que “Sempre que possível, as entrevistas deverão ser preparadas com antecedência, devendo o jornalista documentar-se o mais possível sobre o tema” (2000, p.100)

Dadas as temáticas retratadas as entre revistas a estes testemunhos foram preparadas de forma especial. Em primeiro lugar, a jornalista procurava inteirar-se da problemática tentando perceber o fenómeno, investigado quer através da imprensa e da televisão (perceber o que é que já se tinha falado sobre isso) quer através de contactos prévios com especialistas nos temas, porque na verdade para além de se querer perceber a história pessoal de cada entrevistas, era pretendido em segunda análise que o caso daquela pessoa representasse toda uma realidade. Depois era preciso estabelecer também um primeiro contacto menos pessoal com o entrevistado, através de uma pequena conversa telefónica, onde era possível apurar os pormenores mais factuais como acontecimentos marcantes ou datas mais precisas. Essas informações eram fundamentais para depois, no momento da entrevista gravada, conseguir guiar o entrevistado nos aspetos fundamentais:

⁷⁵ Grandim, A. (2000) *Manual de Jornalismo – Livro de estilo do urbi et orbi*. In booc. (p.100)

“tu tens de ter aqueles dados para conseguires ir guiando a história e guiando a narrativa para a quilo que tu pretendes não é, isso é inevitável numa entrevista teres que perceber o que é que tu queres daquela pessoa.” (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

Mais a frente, e com base naquilo que pude experienciar enquanto trabalhei juntamente com a equipa do ESFC, refletiremos sobre os procedimentos deste tipo de recolha de informação no terreno, tento em conta os seus aspetos técnicos, opções editoriais e nomeadamente os limites do envolvimento emocional entre os entrevistados e os jornalistas.

7.3.3 Debate(s)

Depois da emissão de cada programa, na *SIC Notícias* era realizado e emitido em direto um debate sobre a temática que tinha acabado de ser abordada. Para tal, em estúdio a jornalista Conceição Lino recebia alguns convidados entre eles casos concretos, especialistas nos temas em questão assim como profissionais, investigadores ou representantes associativos. Desta forma foi possível refletir sobre os fenómenos, contribuindo com mais algumas interpretações e perspetivas para o enquadramento das problemáticas. Os convidados eram previamente escolhidos pela equipa e, a seleção era feita a partir dos especialistas com quais já se tinha mantido contacto na fase de investigação e enquadramento, através de contactos e fontes dos próprios jornalistas.

No entanto, enquanto o debate com especialista tinha lugar na televisão, foi possibilitado também aos telespetadores que discutissem as temáticas e partilhassem experiências na página oficial do programa no *Facebook*.

Não é novo referir que com o avanço da era digital, a televisão e nomeadamente o jornalismo televisivo, têm vindo a experimentar novas linguagens, formatos, modelos e narrativas. A internet e a evolução das tecnologias digitais têm trazido novos desafios à forma de trabalhar dos jornalistas que procuram tirar o melhor partido das mesmas. Também Maria Isabel Rodríguez Fidalgo & Antonio SánchezMera,⁷⁶ em *La distribución de contenidos multipantalla, ¿ante nuevos contenidos mediáticos? Estudio de caso de “RTVE.es en su móvil”* afirmam que: “El desarrollo de las tecnologías digitales ha propiciado profundos cambios en

⁷⁶ Fidalgo, M. I. R. & Mera, A. S. (2013) *La distribución de contenidos multipantalla, ¿ante nuevos contenidos mediáticos? Estudio de caso de “RTVE.es en su móvil”* in: Org. João Canavilhas. Notícias e Mobilidade. Jornalismo na era dos dispositivos móveis. (labcom) 2013. Covilhã. (p.265)

los tradicionales medios de comunicación que han dado lugar a la denominada convergencia mediática”. (2013, p.265)

Cada vez mais, os conteúdos informativos produzidos pelos jornalistas da *SIC* não só suportam os telejornais diários como se difundem pela *web* através do site da *SIC* e da *SIC Notícias* e das redes sociais. O que permite aos telespetadores do canal, acederem aos conteúdos informativos como e onde querem, bem como partilharem, comentarem ou darem as suas opiniões sobre determinados temas. Também

Deste ponto de vista, o programa informativo ESFC também revelou esta tendência. Se um dos grandes objetivos passava por colocar os telespetadores a debaterem estes temas nos seus núcleos interpessoais, por que não criar espaços próprios de debate, deixando à sua disposição uma quantidade variada de conteúdos. E por isso houve efetivamente, à partida, um planeamento de uma estratégia de comunicação que abrangesse várias plataformas. Neste aspeto, dentro do universo jornalístico da *SIC*, este foi o primeiro programa de informação a adotar uma estratégia *transmedia*. Promover o debate ao mesmo tempo que se oferecia ao público uma multiplicidade de conteúdos diferentes relacionados com cada temática. Tal estratégia, do ponto de vista do aproveitamento do material recolhido, permitiu potencializá-lo:

“conseguiríamos ter um produto exclusivo da televisão, conseguíamos ter produtos exclusivos da página do *Facebook* com entrevistas alargadas, mas eu depois conseguiria dar ao *Expresso* um naco de experiência que não ia enviar para a *Visão*, porque ia enviar outro, e ainda podia ter na *Activa* uma entrevista de alguém que se calhar nem entrou no programa.” (Ana Lúcia Martins, 2016, Entrevista)

Portanto, para além de ser um conteúdo televisivo produzido pela informação da *SIC*, o ESFC ramificou-se por várias plataformas *online* e ainda por outros órgãos de comunicação do grupo *Impresa*. O impacto foi notório nas redes sociais, ao serem partilhados, ao longo de cada semana, todos os conteúdos na página de *Facebook* do próprio programa, como nas páginas dos restantes órgãos: *SIC Notícias*, *Expresso*, *Visão*, *Activa*, *Caras* e *Blitz*. Alguns destes meios, como o *Expresso*, a *Visão* e a *Activa*, criavam também eles artigos exclusivos relacionados com o tema de cada semana, com base nas matérias recolhidas pela equipa do programa quer por investigações jornalísticas próprias.

Desta forma, para além do debate televisivo foi ainda promovido o debate junto de todo o público, que ao partilhar os conteúdos nas redes sociais *online* e fazendo comentários, podiam deixar as suas opiniões e até partilhar as suas próprias histórias.

7.3.4 Conclusão

E se um dos objetivos fundamentais do programa assentou em promover o debate público sobre as temáticas do preconceito e da marginalização, para toda a equipa o impacto foi bastante positivo.

A forma mais fácil de chegarmos a esta conclusão é ao olharmos por exemplo para os números das redes sociais. A página oficial do programa o *Facebook* ultrapassou os noventa mil seguidores ao longo das nove semanas em que esteve a ser emitido; contou com duzentos conteúdos em exclusivo como reportagens, artigos *online*; e dois milhões de visualizações nos vídeos disponibilizados. Se tivermos ainda em conta as páginas dos outros órgãos de comunicação nesta rede social, os conteúdos tiveram disponíveis mais de vinte e seis milhões de vezes junto dos utilizados, com um total de cento e trinta mil gostos e mais de vinte e seis mil comentários.

Na opinião da jornalista Ana Lúcia Martins esta estratégia de comunicação foi importante para as pessoas que acompanharam o programa, por vários motivos:

“queriam saber, queriam perceber e utilizavam as redes sociais para também comentarem, para fazerem valer a sua opinião, mas também para partilharem as suas histórias, também porque passaram pelo mesmo, ou até para admitirem eles que nunca tinham refletido sobre isto assim.” (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

Para a jornalista Conceição Lino, este foi também um espaço civilizado de debate:

“As pessoas foram civilizadas, foram respeitadoras a comentar, mesmo aqueles que são eventualmente menos simpáticos. Não houve esses excessos e isso diz muito para mim, eu valorizo muito porque é como se não houvesse ali espaço para ir lá alguém fazer moça. Isso foi uma coisa muito positiva.” (Conceição Lino 2017, Entrevista)

Era a primeira vez que experimentavam esta estratégia e para ambas a maior surpresa das redes sociais foi a adesão dos jovens às temáticas do programa. A própria estratégia inicialmente traçada para o programa foi-se adaptando ao público:

“Quando traçamos o nosso plano *transmedia*, decidimos em que redes sociais é que também estaríamos. O *twitter* não foi uma prioridade. Nós não estávamos no *twitter*, achámos que o *facebook* seria a forma mais fácil e de repente assim que o primeiro debate vai para o ar nós começamos a olhar para o *twitter* e temos os jovens todos a comentar com o *hashtag* #ESFC”. (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

Fora dos ecrãs, o programa teve outros ecos. Através de entrevistas *voxpop* realizadas pelos correspondentes da SIC em vários pontos do país como Faro, Coimbra, Bragança, Guarda e Câmara de Lobos (Madeira), muitas pessoas revelaram que debatiam os temas dos programas no dia seguinte no trabalho, na escola, em casa. A própria jornalista Conceição Lino sentiu esse *feedback*:

“(...) os alunos levaram os programas para a escola para serem vistos nas salas de aulas, houve outras em que foram os professores, houve formações para adultos onde levaram os programas para poder discuti-lo, em escolas com cursos profissionais que falaram disto em disciplinas como a formação cívica ou na área de integração”. (Conceição Lino 2017, Entrevista)

Para além de referirem que o programa foi motivo de debate, as pessoas entrevistadas depois de cada experiência social, revelaram que o programa as levou a questionarem-se “e se fosse comigo? E se fosse com os meus?”.

Foi com este *feedback* que a equipa considerou bastante positivo o impacto que o programa teve junto dos telespetadores.

7.4 Programas realizados

7.4.1 E Se Fosse Consigo? – Racismo

O primeiro tema abordado no programa informativo ESFC emitido no dia 18 de abril de 2016, foi o Racismo: os portugueses são racistas? Como é ser um casal inter-racial? Quais as experiências de cidadãos negros na sociedade portuguesa? As crianças sentem e sabem o que é o racismo? A cor da pele é um fator impeditivo de alguém de ter os mesmos direitos, o mesmo respeito ou as mesmas oportunidades? – foram as perguntas às quais se tentou responder através da experiência social, dos relatos concretos e especializados e dos debates.

Um estudo realizado pela Eurosondagem S.A. para a SIC e para o EXPRESSO, a propósito deste primeiro tema pretendeu perceber a relação que os portugueses estabelecem com este preconceito, até que ponto os portugueses se consideram racistas, ou pelo menos até que ponto o admitem ser. Quando questionados sobre o facto de serem ou não racistas 72,9% dos portugueses respondeu não o ser. Já quando questionados sobre o comportamento dos outros, ou seja, se os portugueses são racistas, as opiniões dividem-se uma vez que 43,7% considera que sim. Por último foi ainda feita a pergunta “Aceitaria que o/a seu filho namorasse

ou casasse com alguém negro?” 26,1% dos portugueses admitiu que não. Numa breve análise percebemos que a grande maioria dos portugueses se considera racista, mas, no entanto, quase metade dos portugueses consideram existe racismo em Portugal, mas que são os outros que o são.

Tal como em todos os programas, e de forma a tentar perceber até que ponto os cidadãos agem quando se deparam com uma situação de racismo, foi realizada uma experiência ficcionada durante dois dias. Com a ajuda de três atores da ACT- Escola de Atores, Luís Amarelo, Igor Sampaio e Carolina Cunha e Costa, foi encenada uma situação em que, numa mesa de um café, a filha apresenta ao pai o namorado. Por ser de cor negra, o pai humilha o namorado da filha à vista de toda a gente: “O teu namorado? Desta cor assim? Preto? Queres ser apontada com o dedo pelas pessoas lá na rua?” são algumas das palavras proferidas.

Para legitimar e retratar a temática do racismo na sociedade portuguesa foram entrevistadas várias pessoas que de alguma forma já tenham sentido na pele o peso do preconceito relativo à cor da pele. Os primeiros testemunhos que surgem no programa são: a Andreia Rodrigues e o Ibraim Cassamá, a Ana Sofia Nogueira e o Ivanlido Sá, e a Sara Silva e o Mauro Airoso. Os três casais inter-raciais abordam as barreiras que sentiram na aceitação da relação por parte das respetivas famílias.

O Deputado do partido CDS Hélder Amaral é outro dos entrevistados deste programa, sendo ele o segundo deputado de cor negra na história de Portugal. Romualda Fernandes, Juíza, Assessora da Assembleia Municipal de Lisboa; Mikas Amaral, empresário; Johnson Semedo, impulsionador da Academia Johnson⁷⁷; NBC⁷⁸, músico, apresentaram o seu testemunho, que em todos há algo em comum: todos eles foram vítimas de exclusão social devido a situações de preconceito e discriminação relativo ao tom da sua pele.

Entre os factos apresentados é feita referência à Ministra da Justiça Francisca Van Dunem ter sido notícia⁷⁹ por causa da cor da sua pele, foi a primeira vez que o governo português integrou alguém de cor negra.

No programa, é também recuperada uma experiência americana dos anos 40 que testa o preconceito racista com crianças até 7 anos. Perante bonecos iguais, mas de cor diferente as

⁷⁷ <http://www.academiadojohnson.com/>

⁷⁸ As declarações do músico NBC suscitaram alguma controvérsia nas redes sociais por este considerar “não existe racismo em Portugal”. Depois do programa, o músico fez um esclarecimento público sobre a sua opinião. É possível lê-lo em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/e-se-fosse-consigo/racismo/2016-04-23-COMUNICADO-OFFICIAL-DO-MUSICO-NBC-SOBRE-A-SUA-PARTICIPACAO-NO-PROGRAMA-E-SE-FOSSE-CONSIGO--DA-SIC>

⁷⁹ <https://www.publico.pt/politica/noticia/francisca-van-dunem-a-primeira-mulher-negra-a-chegar-a-ministra-171545>

crianças negras preferiram o boneco branco. A experiência tem sido repetida até hoje com resultados idênticos. Também a equipa do programa repetiu a experiência com crianças portuguesas: um grupo de 10 meninas e 10 meninos entre os 6 e 7 anos, metade brancos, metade negros. Às crianças, foi perguntado se sabiam o que era o racismo, se consideravam que era uma atitude boa ou má: “qual a boneca bonita? Qual a boneca má? Qual é a boneca mais parecida contigo? Achas que é melhor ter a cor de pele clara ou escura? E se tivesses a cor de pele negra?”

O debate que sucedeu a emissão do programa contou com a participação de um dos testemunhos apresentados, o músico NBC, com uma investigadora do tema, a escritora Dulce Maria Cardoso e com um psicólogo social, Jorge Bala. Há racismo em Portugal? Foi a questão que serviu de ponto de partida.

7.4.2 E Se Fosse Consigo? – Obesidade

O segundo tema abordado no Programa *informativo E Se Fosse Consigo?* foi emitido no dia 25 de abril de 2016 e tratou o tema da Obesidade: alguém pensa no sofrimento quando insulta alguém por causa do peso? Que peso tem a imagem? E na altura de encontrar um emprego, o excesso de peso é uma barreira?

A experiência social realizada pressupunha duas situações diferentes, embora num mesmo contexto. Numa delas, uma mãe que impedia a filha de se inscrever numa aula desportiva na praia. A mãe insultava a filha à vista de quem passava, considerando que, por ter excesso de peso, aquele tipo de atividade não era adequado para ela: “Estás gorda, vamos embora! Mas tu queres expor-te ao ridículo?”. Na outra situação ficcionada, era o próprio promotor da atividade que impedia a rapariga de se inscrever na mesma por considerar que não tinha o aspeto físico adequado. Para a execução destas situações ficcionadas a equipa do programa contou com a ajuda de Elisabete Pereira, Margarida Alves de Brito e Sérgio Maciel, todos eles atores da escola ACT.

Para dar conta desta realidade, quatro mulheres, Raquel Leal, Alexandra Vidigueira, Ana Domingos e Ana Catarina Carvalho deram os seus testemunhos sobre a forma como sempre foram tratadas de maneira diferente pela sociedade devido à sua imagem não corresponder aos parâmetros exigidos pela mesma. Carlos Oliveira, presidente da Associação de Doentes Obesos e Ex Obesos de Portugal, também ele com excesso de peso, conta a sua experiência e a das pessoas com quem trabalha diariamente. Neste programa, é também possível ouvir os

relatos dos membros e pacientes da Associação Famílias e Amigos do grupo de Obesos do Hospital de Santa Maria que uma vez por mês se junta para fazer uma reunião terapêutica de grupo para lidar com esta realidade. A discriminação no dia-a-dia e no acesso ao mercado de trabalho são tópicos abordados por todos estes testemunhos apresentados no programa.

Neste tópico é também feita referência a Jeffrey Friedman, como o primeiro a relacionar obesidade com a hormona leptina. O geneticista, professor na Universidade de Rockefeller em Nova Iorque, tentou perceber por que razão gémeos não idênticos, mas com os mesmos hábitos tinham pesos diferentes, onde um deles tinha mais apetite que o outro. O mais gordo tinha falta de leptina, é a conclusão a que chegou Jeffrey Friedman. No programa, é explicado que é através desta hormona que o corpo reconhece se tem energia suficiente, se houver menos leptina a informação não chegar ao cérebro e causa a sensação de fome. O programa dá-nos também o ponto de vista de Ana Domingos, Investigadora no Laboratório de Obesidade do Instituto Gulbenkian de Ciência, que trabalhou diretamente com Jeffrey Friedman, durante sete anos. A investigadora esclarece que para além da má alimentação, do estilo de vida e da falta de vontade, a obesidade pode ter motivos genéticos. Um último testemunho é o de Maria João Fagundes, Psicóloga do Hospital de Santa Maria, que defende entre outros pontos de vista que um homem obeso é melhor visto pela sociedade do que uma mulher obesa.

O debate que seguiu a emissão do programa contou com a presença de Carlos Oliveira, presidente da Associação de Doentes Obesos e Ex Obesos de Portugal, cujo o testemunho pode ser ouvido no programa como já foi referido. O mesmo acredita que há uma discriminação por parte do Estado às pessoas obesas. “Parece-me grave que, sendo a Obesidade reconhecida no nosso país como doença crónica desde 2004, existam ministros que a metam totalmente de parte em termos de tratamento”. Fizeram também parte Clotilde Limbert, Médica Endocrinologista e de Inês Peixoto, uma modelo “Plus Size”. Há desconhecimento por parte daqueles que “marginalizam” os indivíduos com excesso de peso? De que forma estão a ser desenvolvidas políticas que apoiem o tratamento da Obesidade? São as mulheres mais discriminadas em relação à sua imagem do que os homens? Foram tópicos de análise neste debate.

7.4.3 E Se Fosse Consigo? – *Bullying*

A terceira emissão do programa, a 2 de maio de 2016, focou-se no *Bullying*⁸⁰ como um problema social visível fundamentalmente nos mais novos, como uma das causas de exclusão

⁸⁰ No programa, o conceito é definido pela jornalista Conceição Lino como “Bater, gozar, ameaçar, amedrontar, provocar, roubar, implicar, excluir, intimidar, ignorar maltratar, e não é uma vez, é quando acontece repetidamente,

social que pode vir a ter repercussões bastante graves na vida destes jovens, vítimas desse comportamento. Que consequências tem o Bullying? Que responsabilidade tem quem assiste?

A experiência social realizada para este programa retratou uma cena em que três rapazes humilham, perseguem e maltratam um outro. Como nos programas anteriores, a equipa de trabalho contou com a ajuda dos atores da escola ACT: Francisco Pena no papel da vítima, Miguel Pinto, Renato Silva e Gonçalo Fróis no papel dos agressores.

Esta realidade foi retratada por quatro jovens vítimas de *Bullying*: a Ariana Santos, o Francisco Novo e a Lara Caldas; dois familiares e um amigo: Paula Machado, Lúcia Fernandes e Diogo Almeida. Também foi possível ouvir duas testemunhas, três familiares e um membro da Associação *Bullying* com crianças e Jovens Gonçalo Veloso.

Ao longo do programa foram feitas referências a algumas notícias⁸¹ sobre casos dramáticos de *Bullying*.

Por motivos alheios à equipa de trabalho, o debate sobre este tema não foi emitido logo após a emissão do programa, mas sim no dia seguinte, no mesmo horário. Para discutir este tema, foram convidadas dois jovens que já foram vítimas de *Bullying*, Fábio e Adriana, e com Gonçalo Veloso, membro Associação *Bullying* com crianças e Jovens. Quem está disposto a intervir? Quem está disposto a quebrar o silêncio? Qual é a responsabilidade de quem assiste? A escola como instituição que deve passar estes valores? As razões porque as vítimas se calam? Quem precisa de mais ajuda, o agressor ou a vítima? Foram alguns dos tópicos abordados no debate.

7.4.4 E Se Fosse Consigo? – Homofobia

O quarto tema abordado no Programa *informativo E Se Fosse Consigo?* foi emitido no dia 9 de maio de 2016 e tratou a Homofobia. Até que ponto vai o preconceito sobre quem é homossexual? Há discriminação por causa da orientação sexual? Com se vive esta realidade no seio familiar?

É feita referência ao facto de que os homossexuais em Portugal terem vindo a conquistar alguns direitos que até então eram todas as outras pessoas já eram garantidos: o casamento só

quando a força é desigual e quando faz sofrer alguém. Tudo isto é Bullying. E o Bullying pode acontecer dentro ou fora da escola.”

“ <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/video-de-13-minutos-de-rapez-agredido-por-outros-jovens-gera-onda-de-indignacao-1695448>

é legar há cerca de seis anos e a adoção por parte de casais homossexuais foi aprovada no ano passado.

Na experiência social, um casal homossexual é humilhado por uma senhora numa paragem de autocarro à vista de quem por ali passava. A cena foi feita tanto como um casal de rapazes como com um casal de raparigas. Esta experiência, tal como em todas as outras já realizadas, contou com a ajuda de alunos da escola de atores ACT. João Silva, André Ramos, Maria João Almeida, Cláudia Pinto e Joana Chandelier.

Para provar a existência desta realidade foram entrevistadas sete pessoas de orientação homossexual e três familiares: o casal “MP” e Barbara, o Bernardo Amaral, o casal Pedro e Lorenzo, o Hugo e os pais Açucena e Arsénio Gonçalves, Marta Pinto e a mãe Susana Pina. Foi também possível assistir a uma reunião da AMPLOS - Associação de Mães e pais pela Liberdade de Orientação Sexual partilham experiência, onde vários familiares de homossexuais falaram sobre a dificuldade que sentiram na aceitação da orientação sexual dos próprios filho, e na aceitação por parte da sociedade.

É também feita referência ao estudo do Observatório da Discriminação da Ilga- Portugal de 2015⁸² que refere que só nesse ano foram feitas mais de 400 denúncias, quase 200 só por comportamentos de ódio contra homossexuais, bissexuais e transexuais e que são os jovens entre os 14 e os 20 anos os principais alvos de insultos e agressões, mas também é nesta faixa etária onde estão a maioria dos agressores. Na maioria dos casos as vítimas não apresentaram queixa por sentirem vergonha, por eles e pela família.

O último pivot do programa sugere que os telespetadores reflitam sobre a Homofobia: “Homo vem de Homossexual, Fobia vem do grego e quer dizer medo. A orientação sexual de cada pessoa só a ela diz respeito. Então medo de quê?”

O debate sobre a homofobia contou com a presença de André Mendonça, que sentiu na pele o preconceito, de Marta Ramos diretora da Associação ILGA, e de Margarida Lima de Faria presidente da Associação AMPLOS. Os portugueses são homofóbicos? Qualquer casal homossexual pode estar à vontade como qualquer outro num lugar público? Foram alguns dos pontos analisados nesta discussão.

⁸² http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio_discriminacao_2015.pdf

7.4.5 E Se Fosse Consigo? - Violência no namoro

O quinto programa foi emitido a 16 de maio de 2016 e abordou a violência no namoro. O que é a violência no namoro? Os adolescentes sabem ler os sinais de violência numa relação de namoro? Seja física psicológica e sexual atinge os jovens em formação e pode deixar marcas irreparáveis. Qual a responsabilidade de quem sabe ou de quem vê? Como tal, a experiência social⁸³ remetia para uma cena em que um rapaz maltratava a namorada num banco de jardim, falando de forma agressiva, à frente de quem passava. Mais uma vez, as cenas foram representadas por atores da escola ACT: João Jacinto e Carmo Bebiano.

Como entrevistados, o programa contou com três raparigas que relataram a sua vivência dentro de uma relação pouco saudável: Ana Geraldês, Madalena (nome fictício) e Nicole Pereira. A UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta – na voz de Maria José Raposo, foi a associação que deu a cara para explicar, do ponto de vista especializado, como realmente se processam este tipo de relações e as consequências graves que acarretam.

No programa são também referidos dados de um estudo da UMAR que revela a maioria das vítimas são as raparigas e que, muitos jovens não têm a noção do que são atos de violência ou de controlo : 34% acham que controlar o telemóvel do/a companheiro/a não é violência, 33% acham que proibir de sair ou de estar com os amigos não é violência, 37% acham que impedir o/a companheiro/a de utilizar determinadas peças de roupa não é violência, um em cada três jovens entre os 12 e os 18 anos têm ideias erradas sobre este problema.

Tal como no primeiro programa sobre o racismo, a equipa do programa procurou saber o que pensam as crianças sobre esta temática. Foram entrevistadas 9 crianças entre os 10 e os 11 anos, 6 raparigas e 3 rapazes.

O Debate que seguiu o programa fez-se com a participação de Ana Geraldês vítima de violência no namoro cujo testemunho esteve presente no programa, de Ana Guerreiro

⁸³ Esta experiência social tem uma particularidade, alheia à equipa do programa. Uma das pessoas que assistiu e reagiu à encenação, sem que a equipa planeasse, foi a líder do Partido Comunista Português Catarina Martins. Junto da opinião pública surgiram algumas críticas e desconfiança em relação à sua participação, como por exemplo no artigo já citado no *Diário de Notícias*. O assunto foi debatido pela equipa de trabalho. E no artigo do Semanário Expresso dessa semana a Jornalista Conceição Lino reafirmou a veracidade da situação: “Num programa que aborda questões graves de discriminação, violência e preconceito, não faria sentido excluir a reação de Catarina Martins pelo lugar de visibilidade que tem na sociedade portuguesa. Foi na qualidade de cidadã que decidiu intervir. Não sabia que havia câmaras apontadas para ela (...)As vozes que criaram “o caso Catarina Martins” estão preocupadas com a realidade da violência no namoro? Não reparei.” O artigo pode ler-se em: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-05-20-ESeFosseConsigo-Conceicao-Lino-escreve-sobre-a-polemica-com-o-video-de-Catarina-Martins>

criminóloga da UMAR e de Madalena Sofia Oliveira investigadora nesta área. Do que é que adiantam os estudos realizados nesta área? Qual a importância da família nestas situações? Os trabalhos feitos na escola têm um papel fundamental no combate à violência? Como é que as vítimas percebem os limites? O que deve ser combatido, a noção de violência ou os comportamentos agressivos? Adianta sensibilizar apenas? Qual o papel dos outros perante situações deste género? Foram algumas questões levantadas na discussão.

7.4.6 E Se Fosse Consigo? – Os maus tratos a idosos

O sexto programa foi emitido a 23 de maio de 2016. Os maus tratos a idosos foram o tema abordado. A violência física, económica e até psicológica que muitas vezes é exercida sobre os nossos idosos foi retratada neste tópico.

A experiência social mostrava uma mulher, suposta cuidadora, a maltratar um idoso no meio de uma avenida movimentada. Mara Guerreiro e António Évora, atores da escola ACT representavam o papel.

Para retratar esta realidade foram entrevistados oito idosos: Amadeu Martins, Maria Sentiz, Cristina Bentes Ferreira, Rosa Tacanho, Maria Adelaide Correia, Conceição Almas, Mónica Almas e Maria das Dores. Foram ainda recolhidos os testemunhos de duas entidades policiais: da Subcomissária da PSP Aurora Dantirer e de um representante do Núcleo de Intervenção a vítimas de Violência da GNR do Porto e Joana Miranda representante da associação Coração Amarelo.

Alguns dados da PSP, da GNR e da APAV foram também utilizados para dar conta do problema social existente: as mulheres são as principais vítimas, só no ano de 2015 foram apresentadas mais de 900 queixas de violência contra idosos, em média, a cada semana que passa são 20 pessoas com mais de 65 anos são vítimas de algum tipo de violência, 13% das vítimas não sabem ler nem escrever, e uma em cada cinco vítimas tem cursos superiores.

O debate contou com a presença de José Diogo Lopes e de Maria da graça Gambiano, ambos voluntários da Associação Coração Amarelo e de Sibila Marque investigadora na área do envelhecimento. A solidão é o maior problema? A forma de combater a solidão é preparar o caminho para a velhice? O preconceito relativo à idade é mais grave do que as pessoas imaginam? O que é um comportamento discriminatório em relação aos idosos? Foram questões levantadas neste debate.

7.4.7 E Se Fosse Consigo? – Os jovens e o álcool

O sétimo programa foi emitido a 30 de maio de 2016. O tema a ser abordado refletiu a relação precoce que os jovens têm com o álcool. Quais os riscos dos danos causados pelo álcool. Até que ponto a sociedade deve intervir travar que um jovem cometa um ato perigoso por estar sem o efeito do álcool?

Numa análise ao que acontece quando um adolescente decide beber, é explicado no programa: o cérebro está em desenvolvimento até por volta dos 25 anos. Adolescentes e jovens que bebem podem danificar permanentemente zona do cérebro onde ocorrem a aprendizagem e a memória (o *hipocampus*), provocando a dificuldade de obter conhecimento, de aprender coisas novas; a zona dos impulsos e das decisões e o juízo crítico e conduzir à falta de autocontrolo, à violência, a decisões erradas (o lóbulo frontal). Um cérebro em desenvolvimento está também mais vulnerável à dependência. Um jovem que começa a consumir álcool na adolescência tem quatro vezes mais pretensões para se tornar num alcoólico do que alguém que o faça depois dos 21 anos.

São ainda apresentados dados do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) no programa: entre os alunos das escolas públicas, as bebidas destiladas são as mais consumidas: aos 13 anos 6% dos alunos diz já consumir bebidas destiladas enquanto nos 18 anos 52% assumem ter o mesmo comportamento, em relação à cerveja 9% dos jovens com 13 anos e 46% dos jovens com 18 anos confirmam o consumo. Os mesmos dados dizem que os rapazes são os maiores consumidores, mas aos 18 anos mais de um terço das raparigas também assume que bebe.

A experiência social consistia numa situação em que dois jovens visivelmente embriagados tentavam entrar no carro e conduzir, o objetivo foi tentar perceber se alguém detinha os jovens de conduzir sobre o efeito do álcool. A cena foi representada por Adão Castro e Mafalda Vaz de Amaral, ambos atores da escola ACT.

Para espelhar este problema foram entrevistados 3 jovens que mantiveram comportamentos abusivos – Fábio Costa, Ricardo Matias e Carolina (nome fictício) - bem como uma mulher que na adolescência manteve o mesmo tipo de comportamentos que mais tarde se vieram a refletir na sua vida – Maria Luzia Martins.

Para melhor explicar as consequências do álcool no desenvolvimento físico e cognitivo de um jovem, foi também entrevistada uma médica especialista nesta área, a Doutora Célia Fraco que é coordenadora da unidade patológica do álcool do centro hospitalar de Coimbra.

Para este tema, foram também realizadas filmagens num espaço público bastante frequentado por jovens onde o consumo de álcool é uma prática comum, o jardim Arco do Cego, em Lisboa. A equipa do programa realizou também uma reportagem num local de animação noturna onde é frequente o consumo de álcool por parte de menores de 18 anos, acompanhando uma iniciativa da Associação Check-in.

Para o debate foram convidados a psicóloga da unidade de alcoologia de Lisboa Rita Lambaz, a investigadora e autora de estudos sobre o álcool e drogas nos jovens Fernanda Feijão e o voluntário da Associação CarryOn Frederico Matos. A falta de informação é a maior causa destes problemas? Porque que os jovens cometem estes excessos? Os jovens bebem por uma questão de querer pertencer a um grupo? Qual o papel da família? Qual a responsabilidade da sociedade?

7.4.8 E Se Fosse Consigo? – A violência doméstica

O oitavo e penúltimo programa foi emitido a 6 de julho de 2016. O tema escolhido refletiu sobre a violência doméstica, centrado unicamente na mulher como a vítima.

Dados da APAV, da GNR e da PSP, apresentados neste programa, afirmam que desde o início de 2015 mais de 39 mulheres morrem vítimas de violência doméstica, mais de um terço destas mulheres já tinham apresentado queixa às autoridades. As mulheres continuam a ser as principais vítimas da violência doméstica, só no ano passado foram apresentadas mais 17 mil queixas por violência no contexto de uma relação.

A experiência social retratou uma cena em dois locais diferentes: numa rua movimentada e numa esplanada, um homem maltratava a mulher à vista de toda a gente. Filipa Fridriz e Ricardo Lelo atores da escola ACT representaram a cena.

Como protagonistas deste tema foram entrevistadas quatro mulheres que, num passado próximo, foram vítimas de abusos físicos e psicológicos por parte do companheiro: Liliana Barão, Fátima Teixeira, Susana (nome fictício), Maria Maia. Também a representante da APAV - Associação de Apoio à Vítima – Helena Chaves Costa foi uma das entrevistadas para melhor enquadrar o tema. Do ponto de vista associativo, de quem trabalha diariamente com este problema.

O debate contou com a presença de Mauro Paulino psicólogo forense com trabalho de investigação sobre o comportamento das vítimas, Rui Abrunhosa, também psicólogo forense, com experiência de trabalho com os agressores, e da jurista Ana Marciano que trabalha diretamente com vítimas que recorrem à associação UMAR. A Justiça tem sido eficaz no julgamento do crime de violência doméstica? A urgência das vítimas e o tempo dos tribunais é um dos maiores problemas para lidar com estas situações? Qual a responsabilidade de quem não denuncia? – Foram algumas das questões levantadas.

7.4.9 E Se Fosse Consigo? – Balanço

A última emissão da primeira série do Programa Informativo E Se Fosse Consigo? foi no dia 13 de julho de 2016. Neste programa foi pretendido não só fazer um balanço de todos os temas abordados nas emissões anteriores bem como, fazer uma reflexão sobre o impacto que a mediatização jornalística destes temas teve junto do público e daqueles cujos testemunhos provam a existência destas problemáticas. Por isto, foram recuperados alguns trechos das experiências sociais, alguns excertos dos testemunhos, bem como outros conteúdos expostos sobre os temas anteriores.

Bernardo Amaral, “MP” e a Barbara do programa sobre a Homofobia; Ana Nogueira e Ana Catarina Carvalho no programa sobre obesidade, falaram das mudanças que sentiram depois da exposição das suas histórias, que contaram as suas experiências com o preconceito.

Foram entrevistas pessoas que assistiram ao programa e que o debateram na família ou com colegas de trabalho, alunos onde o programa foi utilizado como elemento de discussão durante as aulas, especialistas na área da psicologia e da sociologia que fizeram uma análise geral das problemáticas faladas.

Depois de ser uma das pessoas que na experiência social não conseguiu ficar indiferente à situação ficcionada sobre violência doméstica, por também ela já ter sido vítima, a equipa do programa decidiu incluir nesta última emissão o seu testemunho. Paula Vieira partilhou não só a sua história como também as reações de quem viu a sua intervenção na experiência realizada no programa.

O debate e a partilha de comentários e histórias entre os telespetadores que assistiram ao programa foi também um dos pontos de abordados ao fazer um balanço do impacto que o programa teve junto da internet e das redes sociais.

7.5 Intercorrências (música, debates, etc)

Como já foi referido, o programa informativo ESFC não se ficou unicamente pelo próprio programa em si, desencadeando uma série de conteúdos não só na *SIC* mas também em outros órgãos do Grupo *Impresa*.

No entanto, no que toca à sua presença na antena da *SIC*, enquanto esteve no ar o ESFC entrou também nos alinhamentos dos blocos informativos não só no canal generalista, mas também na *SIC Notícias*. Isto porque ao longo das 9 semanas em que foi emitido, muitas foram as peças e reportagens que retratavam as temáticas sobre as quais se ia abordar, oferecendo ao telespetador ainda mais conteúdos para contextualizar e enquadrar os temas “fraturantes”.

Outro exemplo é a colocação dos seus temas em “debate” no programa *Opinião Pública* da *SIC Notícias*, dando mais uma vez a oportunidade aos telespetadores de darem as suas opiniões sobre os fenómenos abordados em cada semana.

O ESFC também se associou a campanhas de solidariedade social como é o caso na campanha da AMPLOS sobre a Homofobia. Para além da reportagem sobre o lançamento da campanha, a campanha começou a ser passada também na antena da *SIC*. As protagonistas desta campanha são também dois dos testemunhos incluídos no programa.

Outra intercorrência que podemos apontar é sobre o genérico do programa. Este foi escrito e pensado por dois artistas portugueses. O Boss AC e o Carlão aceitaram o desafio da equipa e criaram uma música feita a pensar os temas do programa. A mesma música foi depois disponibilizada gratuitamente *online* na página de internet da revista Blitz.

8 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre a minha vivência profissional, durante 6 meses de estágio na redação de informação da *SIC*, tendo em conta não só as tarefas desenvolvidas ao longo desse período de tempo, mas também tirando partido da experiência de estar lado a lado com os profissionais desta área, acompanhando diariamente o seu trabalho.

Importa começar por sublinhar que esta não é a minha área de formação base, uma vez que a minha licenciatura é em Educação Social. O interesse pelo Jornalismo conduziu-me ao Mestrado, que se revelou fundamental para criar bases e ferramentas para o passo que se

seguia: mais seis meses de aprendizagem constante. Na convivência com os vários profissionais da área, percebi que esta minha diferença não era de todo um problema. Muitos jornalistas não começaram as suas formações necessariamente na área da Comunicação social e não é isso que faz deles melhores ou piores jornalistas.

A *SIC*, e acredito que assim seja noutros órgão de comunicação social televisivos, é composta por um sem fim de profissionais distintos que trabalham todos os dias pelo mesmo propósito e onde o trabalho de todos, conjugado, é fundamental.

Confesso que acho que tive bastante sorte no trajeto que fui percorrendo ao longo destes seis meses. Digo isto por ter tido oportunidade de passar por três áreas tão diferentes, algumas delas em momentos tão importantes, que me ajudaram a perceber a complexidade e a responsabilidade que é exercer esta profissão.

A agenda de informação da *SIC* é o primeiro impacto com o mundo das notícias. Costumo dizer, com quem converso sobre esta aventura, que foi uma espécie de ninho onde tive que aprender e me ensinaram a dar os primeiros passos nesta realidade que em tudo era nova para mim. As jornalistas que ali trabalham recebem de dois em dois meses novos aspirantes a jornalistas. E, de dois em dois meses, voltam a ensinar com a mesma dedicação, os primeiros passos desta profissão. Para mim, alguém que nunca tinha trabalhado profissionalmente como jornalista, estes dois meses foram de pura absorção e aprendizagem.

Por um lado, é o primeiro contacto com o funcionamento de um órgão de comunicação social informativo, que me deu a possibilidade de fazer um enquadramento geral de como funciona e de como é rececionada a informação que chega todos os dias à redação, as informações que são indispensáveis para cada equipa ir para o terreno, a triagem daquilo que realmente é notícias ou não é. É também nesta fase que as cinco perguntas: quem, o quê, quando, onde, porquê? Ganham um primeiro sentido.

Por outro lado, foi nesta fase que rompi com alguns receios, que no meu ponto de vista são normais de quem está a começar, como a vergonha e o receio de falhar.

O peso da responsabilidade também começa aqui, uma distração pode levar a um agendamento errado e a indução de uma equipa de reportagem em erro. Não houve um dia que não voltasse para casa com a preocupação de que teria feito tudo correto.

Antes de começar o estágio, confesso que menosprezava esta secção da redação, achava que ali “não se fazia jornalismo”, que se organizava apenas os eventos possíveis de prever e que a monotonia das tarefas se revelaria pouco importantes para a minha aprendizagem

como jornalista estagiária. Estava muito enganada. O hábito diário de ler os jornais e perceber os assuntos que estão na ordem do dia, os contactos diários quer por *e-mail* quer por telefone, a verificação constante de informação, são tudo tarefas que me ofereceram um *background* sem o qual tenho a certeza que o caminho a partir dali teria sido mais complicado de percorrer.

O segundo momento, que serve de análise neste relatório, é a passagem pelo programa informativo *E Se Fosse Consigo?* E este oferece vários tópicos de reflexão.

Em primeiro lugar, foi um salto entre a agitação dos eventos diários passíveis de agendamento para um mergulho na informação não diária, onde o fator tempo ganha outra importância. É, fundamentalmente, um trabalho muito mais demorado, que não corre atrás da agitação diária dos noticiários televisivos. Permite ao jornalista, e à equipa que o apoia, ter mais tempo para procurar, pensar, investigar, questionar e progredir. É um “apalpar de terreno” constante até chegar a um produto final. No Mestrado, uma das professoras dizia que este tipo de trabalhos é como “uma manta de retalhos”, em que o jornalista vai selecionando os tecidos que quer usar e os vai cosendo com rigor, e pertinência.

Mas mesmo neste tipo de trabalho que podemos agrupar em “informação não-diária” ainda é possível distingui-lo de outros trabalhos jornalísticos mais demorados e mais aprofundados como por exemplo a Grande Reportagem.

Tendo por base aquilo que experienciei na redação de informação da *SIC* este é um tipo de trabalho onde mais facilmente há uma ligação entre o jornalismo e a investigação, se pensarmos em temas como a marginalização e o preconceito, estes não são de ontem nem de hoje. São processos que se arrastam ao longo do tempo e que permitem um tratamento com maior largueza, há uma realização e uma materialização de um programa que parte de uma gestão genuinamente sociológica nesse sentido do termo. Neste programa as questões abordadas podiam ser colocadas cinco anos antes ou cinco anos depois, é intemporal. Há um grau de latitude do conceito que depois se estreita nas possibilidades de o materializar.

Houve um grau de liberdade para a criação e idealização deste programa por parte de quem o realizou. O produto final, dando a oportunidade a uma equipa de jornalistas realizar um trabalho deste género, em muito vai beber da experiência de trabalho, do *background* que têm dos trabalhos que têm desenvolvido até então e da empatia que têm com estes tópicos.

No momento que soube que ia integrar a equipa de trabalho deste programa, houve uma particularidade que me estimulou especialmente: os temas sobre os quais este programa

informativo recaia, são temas que me são familiares dada a minha primeira formação académica, para os quais estou empaticamente mais atenta e em que a minha experiência em termos anteriores facilitou a compreensão e a abordagem deste tipo de tópicos.

E por ser um programa que se debruça sobre temas fraturantes da sociedade onde vivemos, há muitas vezes um envolvimento emocional que advém do facto dos jornalistas serem pessoas e não serem máquinas. Ao vivenciar o quotidiano desta equipa de trabalho, percebi que não há mal nenhum nisso desde que o rigor e a verdade sejam sempre dois valores orientadores do trabalho. Tal como diz a Jornalista autora do programa: “um jornalista tem que ser capaz de se indignar, de perceber o sofrimento dos outros à sua volta, de perceber que o seu trabalho é um trabalho de responsabilidade que deve contribuir, deve acrescentar, deve chegar às pessoas. Porque essa questão do ser totalmente objetivo tem que ter subjetividade. E subjetividade no sentido daquilo que nos incomoda e o que nos toca. Se nós não nos tocarmos nunca conseguimos chegar à objetividade jornalística porque isso é uma coisa demasiado higienizada”.

Outra reflexão possível cerca deste programa é o poder da imagem. Ao falarmos de um trabalho realizado no âmbito do jornalismo televisivo, quase que nem vale a pena referir que a imagem é um alicerce fundamental na ajuda da compreensão da mensagem eu se quer transmitir. O momento da captação de imagens numa ida ao terreno é tão importante quando a entrevista que se realizada. Tem que haver uma boa coordenação entre o jornalista e o repórter de imagem com quem se trabalha. O repórter de imagem tem que estar em sintonia com o jornalista no que diz respeito à mensagem que se quer transmitir porque essa mensagem tem que estar implícita nas suas imagens. Ao longo das saídas em reportagem com a Jornalista Ana Lúcia Martins, apercebi-me desta preocupação que esteve sempre presente. Foi algo que me chamou mesmo muito à atenção, e que tenho em sempre em conta cada vez que vou para o terreno.

Também nestas idas ao terreno, e no que toca às entrevistas propriamente ditas, apercebi-me da importância de ter um conhecimento de fundo sobre o entrevistado para conduzir a entrevista da melhor maneira. Neste programa, a jornalista nunca partia para as entrevistas sem antes fazer uma pesquisa aprofundada, e sempre que possível um contacto telefónico prévio. Desta conversa preliminar resultavam os factos, as datas, os números, que serviam de base para a condução da entrevista posterior.

Outra conclusão que posso tirar da minha integração nesta equipa de trabalho é a importância que as redes sociais começam a ter neste tipo de trabalhos jornalísticos. Há uma aposta cada vez mais evidente da SIC nos meios e plataformas digitais. Transportar os

conteúdos do programa para um meio tão difusor como a internet, permitiu não só aproximar o programa do público como dar-lhe também um espaço de partilha, comentário e discussão. Se um dos propósitos jornalísticos do ESFC é conscientizar a sociedade para uma realidade que diz respeito a todos, esse objetivo foi também conseguido com uma grande ajuda da página oficial do programa na rede social *Facebook*.

Na verdade, no momento em que estive com na equipa do programa, muitas das tarefas recaíram sobre a transcrição de entrevistas realizadas. Foi muitas vezes um trabalho monótono e repetitivo, mas que ao mesmo tempo me deu a possibilidade de conhecer de forma profunda as histórias e os testemunhos dos entrevistados que representam o contexto social da realidade que o programa queria retratar, ou seja, a matéria-prima de todo o trabalho. Através do visionamento acompanhei muitas das entrevistas mesmo sem estar presente fisicamente no momento em que aconteceram. Com esta tarefa, ganhei bastante prática no que diz respeito não só à transcrição e codificação de entrevistas, à seleção de conteúdos, e sobre tudo algum aprofundamento de competências na técnica da condução de entrevistas, uma vez que tomava particular atenção à forma com a jornalista guiava as conversas com os entrevistados.

Quando, quase no final da minha passagem pela a equipa do programa, tive a oportunidade de realizar uma entrevista sozinha, tentei colocar em prática tudo o que tinha aprendido ao longo de todas as entrevistas que acompanhei e visionei. Gostava, claro, de ter tido oportunidade para desempenhar mais tarefas deste género, sem menosprezar aquelas que realizei, mas sei que integrei a equipa numa altura em que o volume de trabalho era avultado, e por não haver muita margem para erro não desempenhei tarefas de maior responsabilidade.

Contudo, por todos os motivos a cima referidos e porque inevitavelmente se criam laços com as pessoas com quem se trabalha, considero que foi uma das experiências pessoais e profissionais mais enriquecedoras que já tive.

É também altura de tentar responder à questão que colocamos no início deste Relatório de Estágio: como é que cada convidado se revê no retrato formulado pelo programa?

Pois bem, o *feedback* por parte dos protagonistas chegou de várias formas. Num primeiro momento, houve sempre a preocupação da equipa em procurar um retorno junto de cada testemunho. A equipa esteve sempre consciente que estas entrevistas expunham as vulnerabilidades dos seus entrevistados e que por isso o tratamento jornalístico ser bastante importante:

“Quando tu pensas que um jovem, que na altura devia ter dezoito anos quando me contou o facto de ser homossexual numa realidade tão pequenina, nos açores. Tu pensas sempre será que esta pessoa tem consciência para estar a dar uma entrevista destas? Qual será depois o impacto que isto pode ter na vida dele? E se os colegas da escola começassem a gozar com ele ainda mais? Eu acho que a forma como tu tratas a informação é essencial” (Ana Lúcia Martins, 2017, Entrevista)

A última emissão do programa informativo ESFC procurou rever os temas abordados e perceber o seu impacto junto dos telespetadores, onde foi também procurado junto de alguns dos entrevistados a sua experiência depois do programa. As respostas foram bastante positivas:

"Na minha escola fui recebido de uma maneira que eu nem sequer pensava... as pessoas chegavam ao pé de mim e aplaudiam-me, abraçavam-me, davam-me beijos e carinho. Eu nunca pensei que as pessoas fossem fazer aquilo. As pessoas que faziam *bullying* comigo vieram dar-me os parabéns por eu ter dado a entrevista, isso eu não esperava." (Bernardo no programa sobre a Homofobia)

Do tempo em que colaborei com a equipa do ESFC, houve apenas uma situação em que eu me apercebesse que o tratamento jornalístico possa não ter conseguido retratar da melhor forma um entrevistado, e por isso possa tê-lo prejudicado. A situação em questão refere-se à experiência feita com crianças no programa sobre racismo. As crianças escolhiam a boneca branca ou preta consoante as perguntas da jornalista à medida que iam percebendo o porquê das suas escolhas.

Na altura, esta experiência teve um forte impacto no *facebook* do programa porque as pessoas ficaram sensibilizadas com o facto de Mayara, uma das crianças entrevistada, considerar-se feia por ser de cor negra. A conversa entre a jornalista e a entrevistada era a seguinte:

M - “Eu queria ser desta cor” (aponta para a boneca branca)

CL - “Não gostas da tua cor? Achas feia?”

M - (Abana a cabeça para dizer que sim..)

CL - “E tu achas que és feia?”

M - (volta a abanar a cabeça para dizer que sim)

CL - “ tu achas que os adultos gostam mais da cor branca ou da cor negra?”

M - “branca” CL - “Porquê?”

M - “Porque os adultos devem pensar que a branca é melhor do que a preta”

Na edição deste material, a jornalista selecionou toda a conversa mesmos a última intervenção (assinalada a negrito), e esse simples facto de edição teve um impacto na forma como a Mayara foi percebida. Depois da equipa de trabalho se ter contactado a família de Mayara para conhecer o retorno, percebeu que no bairro onde vivem as pessoas começaram a achar que a menina e a família eram racistas, por ter dito aquelas palavras, por achar que a cor negra era pior.

Esta caso ajuda-nos a refletir que com as decisões editoriais do jornalista, por mais bem-intencionadas que sejam, têm sempre impacto na forma como os entrevistados se expõe. Neste caso um simples “corte” ocultou que Mayara pensa assim porque acha que os adultos também devem pensar dessa forma. A jornalista Conceição Lino também destaca esta situação: “o preconceito, a discriminação, o julgamento é uma coisa que está muito enraizada no dia-a-dia, as pessoas nem equacionam o mal que podem estar a fazer a uma criança.” (2017, Entrevista)

Por este motivo, no último programa que fez o balanço dos anteriores, a equipa do fez questão de esclarecer a situação. Além de voltar a mostrar o trecho da entrevista mais completa, mostrou também os comentários positivos que a intervenção de Mayara obteve nas redes sociais.

Por isso, outra forma de medir o retorno e o impacto que os testemunhos tiveram junto dos telespetadores, é também através da participação destes nas redes sociais do programa: “pelos comentários dos que lá estão, foi absolutamente positivo, e foi muito positivo para as próprias pessoas que tiveram a generosidade e a coragem de participar no nosso trabalho porque tiveram de repente ali um banho de apoio, um banho de solidariedade, um banho de reconhecimento e isso foi muito importante para elas.” (Conceição Lino, 2017, Entrevista)

Os próprios relatos dos entrevistados no último programa espelham o impacto quer os seus depoimentos tiveram nas redes sociais:

" Eu ainda estou a responder a *emails* de há um mês atrás. Há miúdas que sentem o que já senti e vêm-me dizer: Obrigada Ana eu inspire-me em ti, dás-me força. Fazer a diferença na vida de alguém é muito positivo, e para mim esse era o meu objetivo principal e foi mais que atingido, foi plenamente alcançado, foi muito bom." (Ana Nogueira, no programa balanço)

Podemos considerar, com base em todas estas situações, que a forma como cada entrevistado foi retratada no programa são só correspondeu às expectativas dos entrevistados como muitas vezes as superou. Para além das pessoas se identificarem com eles, e perceberem as suas histórias e os seus problemas, em alguns casos o programa ajudou a resolver situações relacionadas com as suas condições de exclusão, como por exemplo a reconciliação com a família.

Quatro meses após o início do estágio na redação de informação da *SIC*, estava prestes a começar uma nova aventura. A passagem pela editoria de Desporto foi um autêntico teste às minhas capacidades. Primeiro, por não se tratar de uma área na qual não me sentia confortável, e por isso tendo exigido de mim um esforço acrescido para me relacionar com as suas temáticas; depois por ter sido o meu primeiro contacto com a informação diária onde a rapidez do imediato e o rigor devem estar sempre aliados. Foi sem dúvida o momento do estágio onde mais aprofundei a técnica, foi onde testei com maior frequência as minhas competências em escrita e edição jornalística e na saída em reportagem. Entre erros e aprendizagens, houve sempre um acompanhamento muito presente por parte de todos os jornalistas da secção de Desporto. Mesmo dentro dos seus ritmos alucinantes de trabalho, tiveram sempre tempo para me ensinar, corrigir e inspirar.

Na editoria de Desporto da *SIC* houve tantas oportunidades para “fazer jornalismo” como exigência no trabalho que se desenvolvia. Houve claramente um processo de maturação e confiança nesta fase do estágio. Se comecei por familiarizar-me com o programa de edição, escrever *off's*, cortar *th's* e construir blocos de imagens, umas semanas depois estava a sair em reportagem e a escrever as minhas peças. Claro que o produto final careceu sempre de uma avaliação e, por vezes de correções, mas foi ao cruzar-me diretamente com a prática, tendo em conta as vezes em que tudo corre bem e também as alturas em que acontecem adversidades e percalços, que no dia-a-dia fui aprendendo a arranjar soluções práticas e eficazes para exercer aquilo que me era exigido: ser jornalista.

Na verdade, seis meses não chegam para experienciar todas as multiplicidades do mundo do jornalismo televisivo. Cada experiência de estágio é única, e em muito depende não só das oportunidades do momento, mas também da forma como estamos dispostos a aproveitá-las e a aprender com elas. Durante 6 meses nenhum dia foi igual ao outro, e em todos me propus a desafios diferentes, tentando absorver de cada experiência algum conhecimento.

9. Bibliografia

Aguiar, L. A. (2008). Entretenimento: valor-notícia fundamental. Estudos em jornalismo e mídia. In *Estudos em Jornalismo e Mídia*. n.1 pp. 13-23. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Acedido a 13 de Setembro de 2017, disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13>

Almeida, J. F. e Pinto, J. M. (1995), *A investigação nas ciências sociais*, Editorial Presença.

Araújo, B. B. (2011). *A narrativa jornalística e a construção do real*. Covilhã: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior. Acedido a 9 de Setembro de 2017, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>

Araújo. B. B. (2017) *Estudos narrativos e teoria do jornalismo: a narrativa de Veja e Isto É sobre uma manifestação de estudantes da USP*. in Org. Peixinho, A. & Araújo, B. *Narrativa e Media. Géneros, Figuras e Contextos*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017. Coimbra. Acedido a 5 de outubro de 2017. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/ptpt/livro/estudos_narrativos_e_teorias_do_jornalismo_narrativa_de_veja_e_isto%C3%A9_sobre_uma_manifesta%C3%A7%C3%A3o_de

Aurélio, M. e García, A (s.d) *A concepção e avaliação dos programas de estágio de formação na empresa: perfil da equipa de apoio*, em *Revista Europeia*. n25. Departamento de Psicologia Diferencial e do Trabalho, Faculdade de Psicologia. Universidade Complutense de Madrid. Acedido a 19 de outubro, disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tv gum4_soP4J:www.cedefop.europa.eu/files/etv/Upload/Information_resources/Bookshop/290/25_pt_garcia.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt

Boni, V. e Quaresma, S. J. (2005) *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. In Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Acedido a 20 de Setembro de 2017. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255603/mod_resource/content/0/Aprendendo_a_entrevistar.pdf

Brandão, N. G. & Morais, I. (2012) *O espectáculo e o drama televisivo – Uma abordagem sobre a televisão portuguesa*. Acedido a 2 de outubro de 2017, disponível em:

http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5389/21_iber3.pdf?sequence=1

Brandão, Nuno Gloulart (2010). *As notícias nos telejornais – Que serviço público para o século XXI*. Guerra e Paz. Lisboa

Barradas, C. ; Bonixe, L. & Lamy, S. (2012) *Fontes e jornalismo – um estudo sobre a presença das ONG na imprensa diária portuguesa*. III Seminário de I&DT, Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre. Acedido a 13 de setembro de 2017. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4097/1/CI%C3%A1udia%20Barradas_Lu%C3%ADs%20Bonixe_S%C3%B3nia%20Lamy.pdf

Bissell, K & Scott, P. (2013) *Projudice. The Role of the Media in Development of Social Bias*. in Journalism & Communication Monographs. 15 (4) p. 219-270. University of Alabama, Tuscaloosa, AL, USA

Bortoli, S. & Montipó, C. (2016) *Cidades Invisíveis: as experiências de outros jornalismo em grandes centros urbanos*. in XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Acedido a 6 de outubro de 2017. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/comp%C3%B3s2016_comautoria_3386.pdf

Cabecinha, R. (2012) *Estereótipos sociais, processos cognitivos e normas sociais: Etnicidade, Nacionalismo e Racismo, Migrações, minorias étnicas e contextos escolares. Afrontamento*. In Etnicidade, nacionalismo e racismo. Migrações, minorias étnicas e contextos escolares. Acedido a 1 de Novembro de 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/39422>

Caliman, G. (2008) *Paradigmas da exclusão social*. Brasília: Ed. Universa, UNESCO, 2008. 368p. 96-169. Acedido a 1 de novembro de 2016 Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001622/162290por.pdf>

Capelo, F., Silva, M. C. & Dias, N. (2005) *Pobreza e exclusão social: um estudo de caso num bairro de município algarvio*. Configurações. Acedido a 20 de novembro de 2016. Disponível em : <http://cics.uminho.pt/wp-content/uploads/2011/07/Filipa-Capelo-Pobreza-e-exclus%C3%A3o-social.pdf>

Clabert, G.(2004). *A Sociedade da exclusão: compreendê-la para sair dela*. Educação e Trabalho Social. Porto Editora

Costa, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Diogo, F.; Castro, A. & Prista, P. (2015) *Pobreza e Exclusão Social em Portugal*. Contextos, Transformações e Estudos. Braga: Edições Húmus.

Estivill, J., 2003, *Panorama da luta contra exclusão social*. Conceitos e estratégias, BIT/STEP, Genebra. Acedido a 18 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/panorama.pdf>

Estivill, J., 2003, *Panorama da luta contra exclusão social*. Conceitos e estratégias, BIT/STEP, Genebra. Acedido a 18 de outubro de 2016. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/panorama.pdf>

Fidalgo, M. I. R. e Mera, A. S. (2013) *La distribución de contenidos multipantalla, ¿ante nuevos contenidos mediáticos? Estudio de caso de “RTVE.es en su móvil”* in: Org. João Canavilhas. Notícias e Mobilidade. Jornalismo na era dos dispositivos móveis. (labcom) 2013. Covilhã. Acedido a 13 de outubro. Disponível em: http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/20130404201301_joacanavilha_noticiasmobilidade.pdf

Grandim, A. (2000) *Manual de Jornalismo – Livro de estilo do urbi et orbi*. In booc. Acedido a: 17 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf>

Gordillo, I. (1999) *Narrativa y televisión*. Colección universitária. Ciencias de la Information. Editorial Mad. Sevilla

Harrison-Conwill, G. (2014) *Informal Ethnography in the Corporate Workplace: Applying Foundational Research Methods in Professional Life*, pp. 17-21, in *Practicing Anthropology*. Vol. 36, nº2

Iphofen, R. (2015) *Research Ethics in Ethnography/ Anthropology*. European Commission. P. 1-73. Acedido a 20 de setembro de 2017. Disponível em: http://ec.europa.eu/research/participants/data/ref/h2020/other/hi/ethics-guide-ethnography-anthrop_en.pdf

Kapuscinski, R. (2008). *Os clínicos não servem para este ofício -Conversas sobre o Bom Jornalismo*. Lisboa: relógio D'Água.

Kellerman, P.F. (2007) *Sociodrama and Collective Trauma*, Jessica Kingsley: London

Lage, L. R. (2013) O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. In: Revista Contracampo, v. 27, n. 2, ed. ago-nov, ano 2013. Niterói: Contracampo Pags: 71-88. Acedido a 5 de outubro de 2017. Disponível em: www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/download/572/369

Lage, N. (2005). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001

Link, B. G., & Phelan, J. C. (2001). *Conceptualizing Stigma*. Annual Review of Sociology, 27, 363-385. Acedido a 20 de novembro de 2016. Disponível em: https://campus.fsu.edu/bbcswebdav/institution/academic/social_sciences/sociology/Reading%20Lists/Mental%20Health%20Readings/Link-AnnualReview-2001.pdf

Lopes, F. (2016) *Uma proposta de um modelo taxonómico para a classificação de fontes de informação*. Acedido a 3 de outubro de 2017. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/951/pdf>

Martins, R.M.L. & Rodrigues, M.L.M. (2004). *Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica*. Educação, Ciência e Tecnologia. [S.I.: s.n.]. Acedido a 20 de setembro de 2017. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/32.pdf>

Mateus, S. (2015) *A etnografia da comunicação*. Revista Antropológicas, nº 13, Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa. Porto. Acedido a 2 de outubro de 2017. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/2341>

Neves, T. (2005) *A dramatização no telejornalismo*. In Caligrafia. Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia. Acedido a 15 de setembro. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56696>

Pinto, C. (2009). *Serviço social na modernidade tardia: que empowerment é possível?* - Lusíada, Intervenção social, n.35, Lisboa

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992), *Manuel de investigação em ciências sociais*, Gradiva

Santelli, I. H. S. & Brito, A. G. (2014) *Da sociedade do desvio à criminologia crítica: os indígenas de mato Grosso do sul como outsiders*. Ciências sociais Unisinos. Acedido a 18 de outubro de 2016. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2014.50.1.08/4063

Salgado, R. S. (2015) *A Performance da Etnografia como Método da Antropologia*. In *CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia*. Antropológicas, nº13, xx-yy. Acedido a 20 de outubro de 2017. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/1640/5109>

Schmitz, A. (s/d). Classificação das fontes de notícias. Acedido a <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>

Silva, M. C. (2005), *Desigualdades e exclusões sociais: olhares sociológicos cruzados*, Configurações, Volume I, nº 1, pp. 7-14. Acedido a 10 de outubro de 2016. Disponível em: <http://cics.uminho.pt/wp-content/uploads/2011/07/Manuel-Carlos-Silva-Desigualdades.pdf>

Stangor, C. (2008) *The Study of Stereotyping, Prejudice, and Discrimination Within Social Psychology A Quick History of Theory and Research* in Nelson, Tood D. (ed.) *Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination*. Psychology Press. New York & London

Siqueira, R.; Cardoso, H.. (2011) *O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana*. Imagonutas. ISS 07190166. Acedido a: 16 de outubro de 2016. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/descargas/articulo/4781280.pdf>

Relvas, D. J. N. (2012) *Socialização e Satisfação nos diferentes tipos de estágios*. Lisboa – Universidade Lusófona de humanidades e tecnologias, faculdade de psicologia. Dissertação de mestrado. Consultado a 20 de outubro de 2017, disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3516/Tese%20David%20Relvas.pdf?sequence=1>

Rocha, D. C. (2009) *Reality tv e reality show: ficção e realidade na televisão*. In *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação- Ecompós*,

Brasília, v.12,n.3, set/dez.2009. Acedido a 6 de outubro de 2016. Disponível em:
<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/387>

Rodrigues, E. V. (et al) (1999), “*A pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal*”. Sociologia, Série I, vol.1,63-101. Acedido a 18 de outubro de 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8578?locale=pt>

Temer, A. C. R. P. (2009) *De tudo um pouco: o telejornalismo e a mistura dos gêneros*. Anuário Unesco/ Metodista de Cominação regional, Ano 13 n.13, pp.97-111. Acedido a, disponível em:
<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/AUM/article/view/2194>

Xiberras, M. (1993) *As Teorias da exclusão – Para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget

Índice de figuras

Figura 1 - Cronologia de estágio	18
Figura 2 - The Essencial News Production System	39
Figura 3 - Folheto promoção do programa	40
Figura 4 - Momento da entrevista ao Hugo e aos pais.....	42
Figura 5 -Notas do caderno de campo I	43
Figura 6 - Momento da entrevista à Diretora da AMPLOS.....	43
Figura 7 - Imagem da campanha publicitária	43
Figura 8 - Notas do Caderno de Campo II.....	44
Figura 9 - Momento da entrevista à Conchita Wrust e Maria Margareta.....	45
Figura 10 - Conceição Lino e Maria Margareta	45
Figura 11 - Peça Visita de Conchita Wurst a Portugal	46
Figura 12 - Exemplo de transcrição	47
Figura 13 - Gravação de pivots	47
Figura 14 - Régie durante debate 5	50
Figura 15 - Conceição e Maria da Graça Gambino	50
Figura 16- Momento da captação de imagens durante a reportagem	50
Figura 17- Momento da Paula na experiência social.....	51
Figura 18 - Proposta de Matriz das fontes de notícias de Aldo António Schmitz .	69

Lista de anexos

- Anexo I - Entrevista a Conceição Lino
- Anexo II - Entrevista a Ana Lúcia Martins
- Anexo II - Entrevista a Isabel Mendonça
- Anexo IV - Artigo do *Correio da Manhã*
- Anexo V - Artigo do *Diário de Notícias*
- Anexo VI – Excerto da entrevista a Catarina Marcelino, na *Visão*

Anexos

Anexo I - Transcrição da entrevista à jornalista Conceição Lino, autora do Programa informativo *E Se Fosse Consigo?*

P- Conceição, desde que comecei a trabalhar convosco apercebi-me que este foi um projeto pensado por si. Como é que isto tudo começou?

R – “Eu deixei um projeto na área dos programas e entretanto falei aqui com o diretor. Havia várias possibilidades de coisas que eu podia fazer. Portanto deixou um bocadinho isso para mim. E eu fiquei a pensar que tipo de coisas é que gostaria de fazer se uma coisa mais de entrevistas, mais de reportagem enfim... comecei a pesquisar, a minha cabeça estava disponível para procurar alguma coisa. Portanto fui passando por vários tipos de coisas, que tipo de assuntos é que eu devia tratar: grandes reportagens, programas de estúdio ... e dada altura como por via da internet aparecem muitas experiências sociais de repente ocorreu-me. Pensei: olha isto era uma coisa interessante, fazer experiências sociais no sentido de por as pessoas à prova, em certas circunstâncias como é que as pessoas intervêm e perceber até que ponto é que isso coincide com aquilo que elas dizem que fazem ou não. Porque muitas das vezes as pessoas indignam-se e acham que é intolerável certo tipo de comportamentos, mas quando chega à altura delas próprias agirem podem não tomar iniciativa nenhuma. Achei que isso era um gancho interessante para poder fazer um programa, obviamente que não só sujeito à experiência social, mas com um enquadramento, não é? Temático, para abordar certo tipo de questões.”

P-Já que estamos a falar da experiência social, li alguns artigos que posicionavam a experiência social no campo do entretenimento. O que é que legitima a utilização de uma estratégia narrativa como esta num programa que se diz informativo?

R -“Obviamente que essas questões são colocadas não é...

É uma situação encenada, eu ao longo do meu percurso profissional fiz bastantes coisas com câmara ocultas que tinham uma distinção em relação à experiência social. A experiência social é fabricada, é encenada...a minha grande preocupação era que cada situação encenada correspondesse o mais possível àquilo que acontece na realidade. E portanto a partir do momento que nós sabemos que coisas desta natureza acontecem, todos os dias em muitos sítios e em muitos conceitos... podem não ser à vista de toda a gente até... Mas elas acontecem... Eu não estive a inventar situações, a criar situações inverosímeis, pelo contraio, portanto isto para mim na minha cabeça isto seria mais eficaz e correto quanto mais a situação encenada se

aproximasse da realidade. A partir daí, acho que pus sempre a funcionar a questão do bom senso, da responsabilidade e do rigor com que nós trabalhamos e fazemos as coisas. Seria muito mais difícil gravar uma situação destas na realidade, era preciso ir para dentro de casas de pessoas... ou seja a questão aqui era: isto é uma encenação mas se as pessoas acreditarem que é real então nós estamos a interferir o mínimo possível na realidade porque nós queremos é testar o comportamento das pessoas e esse é real e genuíno. Já fiz muitas situações e câmara oculta ...

Portanto eu já tinha usado muitas vezes a câmara oculta para servir os mesmos propósitos do jornalismo que é informar as pessoas leva-las a refletir um bocadinho sobre o que as rodeia.

A experiência social é uma coisa completamente nova para mim porque podia ter corrido mal. Primeiro fomos ver como é que corria...

P - Como é que foi pensada?

R - Foi escrever um dialogo, foi arranjar maneira de ter atores que não fossem conhecidos porque a partir do momento em que pomos uma pessoa que é familiar porque já foi vista na televisão... portanto ai lembrei-me – bom tenho que ir a uma escola se calhar com jovens ou pessoas adultas que estão a estudar teatro e que sejam menos expostas e por isso lembrei me da ACT, que é uma escola de formação de atores e eles aderiram... foi muito importante porque as pessoas foram muito respeitadoras do trabalho e colaboraram muito... depois era preciso por... ou seja, havia um guião de um dialogo que depois ia ser encenado mas depois isto tinha que ter uma grande dose de espontaneidade e de improviso porque quando estamos numa sala, num palco num ambiente fechado é uma coisa quando estamos na rua com as pessoas reais a acharem que nos estamos a ter um comportamento que não é adequado ou estamos a ser vítimas de alguma coisa que nós não gostaríamos que fossemos nós mesmo e não estivéssemos como atores é diferente e portanto aí foi trabalhar com essas pessoas e depois eu estive na régie que é um trabalho também que não é um trabalho fácil... Não se aprende isto no jornalismo, não se aprende a fazer isto nas escolas de jornalismo que foi estar a dirigir um bocadinho os atores e a manda-los sair da cena quando era a altura, ou pedir-lhes para deixar as pessoas falar, ou seja dar-lhes indicações ou para acentuarem mais este ou aquele detalhe quando ... pronto, essa orientação também foi feita por mim na régie uma vez que também temos uma régie pequena não cabe lá toda a gente... E porque quem ia depois fazer a execução do trabalho era eu fazia sentido

Depois disto tudo, depois de já estar um grande entusiasmo à volta deste projeto... percebi que existe um programa ... ou seja as experiências sociais que nós vemos na internet são feitas por pessoas anónimas, são experiências amadoras e também a nível académico, também há coisas dessa natureza, do que eu percebi, depois percebi a pesquisar coisas que já tivessem sido feitas, percebi que existe um programa americano na ABC que faz só isso, só experiências

P - Como é que foram escolhidos os temas a abordar em cada emissão:

R - Muitos destes temas eu trabalho-os há muito tempo. Porque ao longo dos 25 anos que estou na SIC tenho abordado muitas vezes a questão da violência doméstica, da questão dos direitos da justiça. Tenho feito muito trabalho nessa área, portanto o que está aqui sempre como ponto central e comum a todos estes programas tem a ver com os Direitos e com a forma como uma sociedade se relaciona em relação aos direitos e aos deveres, não é? Portanto, isso é o tronco comum... E depois quando nós pensamos quando há direitos que são violados, quando há comportamentos que não deveriam ser detidos porque atentam com as liberdades ou esbarram nas liberdades individuais e quando nós questionamos a sociedade em que vivemos e como é que ela poderia funcionar de forma melhor, mais justa mais saudável no relacionamento de uns com os outros aí chegamos facilmente àqueles assuntos ... há muitos. Se eu começar a pensar há muitos. Depois foi uma questão de equilibrar, de não repetir assuntos parecidos, de podermos fazer um leque diversificado de temas e que fossem coisas obviamente relevantes e para mim não há um mais relevante do que o outro.

P - Houve muita preocupação com o público mais jovem, não foi?

R - Quando apresentei esta ideia o Diretor acho que era uma ótima ideia até porque que aparecem muitas coisas destas na Internet, há uma forma de chegar a muita gente que está na internet tanto do ponto de vista dos assuntos tratados como da forma como os apresento. A minha preocupação era abranger o máximo de público e público variado que eu pudesse e portanto isso foi uma coisa que foi concretizada, isso era uma grande preocupação para mim era fazer uma coisa que fosse relevante do ponto de vista da intervenção jornalística, que tivesse um objetivo, um propósito, e que levasse as pessoas a questionarem-se em família, porque aquele programa podem estar pessoas de todas as idades em casa a questionarem-se sobre aquilo e a puderem abordar aqueles assuntos e a puder mexer com a realidade e levar as pessoas a refletir nem que seja só naquele momento portanto isso para mim era muito importante que

acontecesse e portanto quando percebi a adesão enorme por parte dos jovens, desde pré adolescentes até jovens universitários w jovens adultos achei que foi muito conseguido por ai...

P - O envolvimento emocional entre o jornalista e os temas fraturantes não compromete a objetividade jornalista? Aquele chavão que nos estão sempre a incutir?

R - Eu acho que a objetividade jornalística não faz de nós máquinas. Acho que se um jornalista tem que ser capaz de se indignar, de perceber o sofrimento dos outros à sua volta, de perceber que o seu trabalho é um trabalho de responsabilidade que deve contribuir, deve acrescentar, deve chegar às pessoas. Porque essa questão do ser totalmente objetivo tem que ter subjetividade. E subjetividade no sentido daquilo que nos incomoda e o que nos toca. Se nós não nos tocarmos nunca conseguimos chegar à objetividade jornalística porque isso é uma coisa demasiado higienizada. Eu não trabalho assim, não é assim que eu encaro o jornalismo, também estudei os valores jornalísticos e os princípios e as deontologias e tenho-as sempre presentes no meu dia a dia, quando estas questões que estamos aqui a falar eu ponderei-as mas a questão é: Eu estou preocupada porque se estou a fazer um programa que tem uma experiência social e isso nunca foi feito, não é regularmente feito e portanto não vou fazer porque se não estou a por em causa o meu trabalho como jornalista, ou olho para isso considerando que se eu fizer uma coisa que seja próxima da realidade e for verdadeira posso chegar mais longe com o meu trabalho jornalístico e ser mais perceptível e mais clara naquilo eu estou a transmitir? E, portanto, foi assim que eu avancei com este projeto, sempre com as devidas cautelas. Por exemplo: quando eu percebo numa ou outra situação que a pessoa pode estar a desconfiar de que aquilo não é bem assim e que pode ser uma cena encenada, que isso acontece-me mais agora nesta segunda fase, se numa ou noutra situação, eu percebi – espera lá aquela pessoa se calhar está a desconfiar que isto é forjado e vai lá só para ficar bem vista ou porque quer aparecer na televisão então eu não uso esse material... portanto se ele me oferece dúvidas eu não uso... A experiência é tão real, uma das medidas que eu tenho de que é real é que quando eu chego a maioria das pessoas acha que eu ia a passar por ali por acaso – olha que coincidência – e viram-se par mim e dizem – olhe devia era estar aqui mesmo agora que aconteceu isto. E portanto isso dá-me a dimensão do realismo daquela situação, realismo entre aspas que é uma situação ficcionada, mas a reação das pessoas. E quando eu apareço e as pessoas relacionam porque me conhecem e sabem o trabalho que eu faço mas não me identificam de imediato, é preciso eu ficar ... ou quando já estão a dar a entrevista é que percebem – ah afinal isto era uma coisa pensada. Não era verdade, ainda bem. E ficam muito aliviadas por aquilo não ser verdade. Obviamente que eu estou a interromper as pessoas no dia-a-dia delas e plantando-lhes digamos assim aquela cena ali de

baixo dos olhos, mas acho que os ganhos que tenho para a concretização do trabalho e para a importância que eu dou ao trabalho são superiores a essas reversas, que obviamente eu tenho de as ter como jornalista.

P- As associações tiveram um papel muito importante neste trabalho...

R - As associações não são a nossa principal matéria-prima, mas as associações são organizações cívicas que se preocupam com determinados assuntos e portanto um programa com estas características é natural que eu chegue à associações porque são elas que estão no terreno a lidar com estes problemas e por isso deriva da natureza dos assuntos.

P- Que impacto é que a Conceição acha que o programa teve no comportamento das pessoas?

R - Bem eu não consigo medir o efeito que o programa teve e tem nas pessoas, agora tenho a certeza que naquele momento em que ele estava a ser exibido e as pessoas estavam e aquele período que pode ter sido curto que se seguiu, com as conversas que tiveram ... o retorno que nós tivemos dá-nos a dimensão de que aquilo mexeu com as pessoas, que aquilo as obrigou a refletir um bocadinho. As pessoas têm um tendências de se fecharem no seu pré-conceito, portanto acabar com os preconceitos e combater-los é uma coisa difícil porque quando eles existem e estão muito enraizados por alguma razão ou por várias razões, ou por várias razões nas pessoas... mas quando nós aproximamos o objeto do preconceito, quando aproximamos o preconceito das pessoas que são preconceituosas ou que discriminam levamo-las a parar um bocadinho e a olhar, e essa era a minha ambição não é... A olhar para aquelas pessoas e ouvi-las, ouvir na primeira pessoa, aperceberem que aquilo causa sofrimento, a questionarem-se se aquelas pessoas são mais que do que as que ali estão. Não há nada que lhes dê o direito de discriminar alguém ou de terem um preconceito e de quererem que os outros sejam iguais àquilo que elas são, até porque não são por várias razões: não são porque não nasceram assim, não são porque tiveram outras condições de vida, não são por múltiplas razões. Mas esse exercício é esse. Quando nós somos confrontados com aquela pessoa, olhos nos olhos, mais próximos, e perceber, ouvi-la, dar-lhe um bocadinho de atenção se calhar o preconceito dilui-se. Porque não é aquilo que nós pensamos, é aquilo que é, e revemo-nos na outra pessoa de alguma forma. E eu acho que o que o programa fez foi aproximar as pessoas que são discriminadas que são alvo de preconceito, foi pô-las a falar e dar-lhe voz. E é sobretudo explicar que elas sentem o olhar dos outros e que têm consciência do sofrimento que os outros lhe provocam. E isso responsabiliza quem esta a ver. Pelo menos, nem que seja por uns segundos breves eu acho que

faz refletir. E depois porque é esse o nosso caminho... Se me disserem que não adiantou nada e que as pessoas ficaram todas exatamente na mesma eu acho que continuo a fazer este tipo de trabalho. Mas eu acredito que sim, e acredito sobretudo, e daí a minha preocupação com as pessoas mais novas, porque eu acho que as sociedades se mudam pela educação e pelos mais novos quando eles não têm tantas manipulações. Embora muitas vezes o preconceito nasce na família, por imitação. Mas nós temos que quebrar isso.

Há uma serie de situações em que as pessoas ficam mais preocupadas com elas próprias do que com o que está a acontecer ali. E eu acho que isso diz muito de uma sociedade. Eu percebo que as pessoas não se queiram envolver. Isto não é um julgamento sobre as pessoas. O que eu faço não é um julgamento sobre as pessoas que não intervêm. Ou seja, não faço juízos de valor relativamente a isso, eu só faço constatações. Mas quando nós contactamos, e as pessoas podem não reagir por mil e uma razões, porque têm uma história parecida e estão traumatizadas, porque já se envolveram noutras situações e correu mal, porque não sabem que podem chamar a polícia, há muitas maneiras de intervir sem a pessoa ter que se sujeitar a uma situação complicada, há muitas maneiras. Mas a não reação muitas vezes, ou a indiferença, a mim choca-me, porquê? Porque nós não temos enraizado a necessidade de sermos uns para os outros. É quando eu penso: eu não vou ali discutir com aquela mãe porque ela está a insultar a filha, eu estou mais preocupada com a minha situação com a mãe do que com uma situação que objetivamente é negativa para aquela filha e que a está a prejudicar e que não há direito de alguém a tratar assim. Portanto quando nós nos colocamos no papel de quem é violentado, de quem é discriminado, de quem é alvo de preconceito nós sentimos essa indignação muito mais rapidamente. E essa indignação leva-nos a uma ação. É a maneira como eu vejo isto. Se eu passo porque tenho vergonha eu não tenho esse mecanismo. Não tenho esse mecanismo porque se calhar eu nunca refleti muito sobre isso e, portanto, permito que aconteça. Porque se calhar eu nunca me indignei muito com isso, se calhar porque eu não conheço bem aquela realidade, se calhar não consigo avaliar o mal que aquilo está a fazer, portanto se, se, se, se... há muitas situações. O comportamento diz muito de uma sociedade. É um programa que olha para nós enquanto sociedade tanto do ponto de vista individual como do ponto de vista coletivo. Porque nós falarmos de discriminação e de abusos e de violência que são permitidos porque as instituições permitem. Este programa não questiona só cada um de nós, cada pessoa no seu lugar como indivíduos, faz isso muito mais do que outros porque questiona cada pessoa no sitio onde está não está só a questionar as instituições, mas no limite, o que é questionado é a posição e a ação das instituições e organizações perante este comportamento.

P - E o lado entrevistados, os testemunhos do preconceito. Quem impacto é que o programa terá tido na vida deles?

R -O retorno que nós tivemos e além disso ele por ser medido pela página do Facebook e pelos comentários dos que lá estão, foi absolutamente positivo, e foi muito positivo para as próprias pessoas que tiveram a generosidade e a coragem de participar no nosso trabalho porque tiveram de repente ali um banho de apoio, um banho de solidariedade, um banho de reconhecimento e isso foi muito importante para elas. Portanto na esmagadora maioria dos casos foi isto que aconteceu. Inclusivamente na nossa página do *Facebook* foram muitos raros, numa altura em que nós vivemos tanto ódio e tanta coisa viola os direitos e do respeito na linguagem que há na internet, eu sublinhar isto. As pessoas foram civilizadas, foram respeitadas a comentar, mesmo aqueles que são eventualmente menos simpáticos. Não houve esses excessos e isso diz muito para mim, eu valorizo muito porque é como se não houvesse ali espaço para ir lá alguém fazer massa. Isso foi uma coisa muito positiva. Porque todas as pessoas que participaram tivemos o retorno delas. Quando elas passaram na televisão, os amigos a família, os professores, os colegas da escola, as pessoas lá da rua, do bairro, do trabalho deram-lhes os parabéns... nós tivemos casos por exemplo de *bullying* que as pessoas passaram a ser tratadas de outra maneira, pessoas no tema da homofobia que tiveram a aproximação das famílias, as famílias aproximaram-se destas pessoas, os pais, os amigos, pessoas que as tinham destrutado. Com o peso da imagem, tanto preconceito e discriminação que há porque por causa da forma exterior das pessoas, e tanto que tiveram retorno positivo foi muito importante. E, portanto, foi muito importante. Uma das situações das mais vistas e mais partilhadas foi um depoimento de uma entrevista alargada na internet, porque boa parte destas entrevistas tiveram uma versão mais alargada e que foram partilhadas no *site* da *Sic Notícias* e na internet e a que teve mais partilhas no *facebook* foi o de uma psiquiatra a falar do álcool nos cérebros não adulto e portanto não há dúvida nenhuma, para mim, sobre a relevância do trabalho que nós fizemos.

P – É possível perceber o eco que programa programa teve...

R - Muitas escolas... quando nós temos escolas quem que alunos levaram os programas para a escola para serem vistos nas salas de aulas, houve outras em que foram os professores, houve formações para adultos onde levaram os programas para poder discuti-lo, em escolas com cursos profissionais que falaram disto em disciplinas como a formação cívica ou na área de integração, e em várias áreas da psicologia. Às vezes falo com psicólogos ou sociólogos ou com

professores universitários ou com investigadores das várias áreas sociais e que dão os parabéns porque gostaram e acharam relevante e viram os programas todos....

P -Embora na generalidade dos casos, o programa tenha tido um impacto positivo nos entrevistados, estou a lembrar-me do caso da Mayara, a menina negra que queria ser branca...

R -Nós falamos do racismo e de repente nós temos uma criança do primeiro ciclo que faz parte daquela experiencia sobre duas bonecas uma branca e outra negra, sobre qual é que é má, qual é que é mais bonita, é uma experiência que já foi feita nos estados unidos, aliás eu explico isso no programa, por dois investigadores da área social que na altura havia uma segregação das escolas nos estados unidos e os miúdos negros interiorizavam estes valores, de que o braço é que era bonito e bom. E, portanto, tantas décadas depois, fazer uma experiencia, obviamente com outros critérios e com uma amostra muito mais estreita ma sindicadora da realidade há uma menina que diz que gostava d ser daquela cor, e o que aconteceu nesta menina foi que no bairro onde ela vive onde há mais pessoas negras houve uma reação negativa a achar que ela dizia porque a educaram assim. Ou seja, o preconceito, a discriminação, o julgamento é uma coisa que está muito enraizada no dia a dia, as pessoas nem equacionam o mal que podem estar a fazer a uma criança que obviamente... eu falei com a mãe, falei com a tia, falei com família. A avó da minha, tanto quanto eu sei, acho que essas pessoas para além de más eram ignorantes. Portanto estamos a falar de uma família que tem valores que transmite aquela menina e que são valores positivos e que tiveram que reagir contra os seus entre aspas, da mesma cor. Enfim há muito caminho a fazer, é o que nós concluímos.

05.09.2017

Anexo II - Transcrição da entrevista à jornalista Ana Lúcia Martins, jornalista do Programa informativo *E Se Fosse Consigo?*

P - Ana, começamos pelo início. Como é que o programa informativo ESFC foi pensado?

R - A ideia foi da conceição, inteiramente da conceição, e de forma geral aborda temas que, na minha opinião são importantes, que devem ser retratados mas que nem toda a gente aborda. Eu acho que a Conceição faria qualquer coisa bem nesta casa mas que se dedica muito àqueles temas que talvez não tenham a atenção devida. E portanto, dentro daquilo que poderia ter audiências e chegar aos outros que tem muito a ver com a experiência social, tu poderes retratar um te nunca é de mais falar poderia tornar-se um tema interessante. Então teres uma experiência social e falares do racismo, da homofobia ou das diferentes violências, tudo temas que na verdade já foram abordados em televisão tanto na informação como no entretenimento mas as sensação eu tu tens é que não chega realmente às pessoas. E o facto de tu teres uma experiência social e teres os testemunhos destas pessoas talvez te aproximasse. O ponto de partida foi muito o de nos colocarmos no lugar do outro. Mas como é que nós vamos fazer isso através da televisão. Como é que nós as fazemos parar do seu dia-a-dia, e das suas rotinas, como é que nos lhes vamos pedir assim: precisamos de um bocadinho do seu tempo, para parar, pensar, refletir e colocar-se no lugar do outro. Eu acho que esse é que foi o grande desafio. A conjugação da experiência social com casos de pessoas que passaram por isto eu acho que foi a fórmula perfeita para propor este exercício ...

P – Faço-te a mesma pergunta que já fiz à Conceição. Alguns artigos na imprensa criticam a experiência social, por esta parecer que se enquadra no campo do entretenimento. O que é que legitima a utilização de uma estratégia narrativa como esta num programa que se diz informativo?

R - O jornalismo é feito de pessoas para pessoas, o objetivo não é falar para uma parede, é falar para pessoas. E, portanto, se eu acho que há uma mensagem e uma informação que eu acho que precisa de chegar às pessoas e se os meios forem legítimos acho que tu podes chegar de várias formas às pessoas. Por isso a experiência social apesar de ser vista por algumas pessoas por uma coisa que poder ser um bocadinho mais entretenimento, a experiência social mostra a realidade e o jornalismo também traduz a realidade. Portanto se nos formos para a rua, embora seja encenado, as reações que nós temos das pessoas são reações que elas tiveram achando que

aquilo estaria a acontecer. Acho que aquilo que é feito com rigor, com um propósito, com um objetivo e com retidão por parte de toda uma equipa, acho que nunca põe em causa o trabalho jornalístico. A experiência social é um complemento aqui que serviu com um propósito que é temas abordados com seriedade que chegaram até ao seu público que era esse o nosso objetivo e a experiência social ajudou, se isso não tivesse acontecido talvez pudesses questionar a existência da experiência social, mas como ajudou não acho que se possa questionar este formato de informação.

P - Como é que te preparavas para cada entrevista?

R - Acima de tudo tentei sempre perceber o tema, antes de avançar para as primeiras entrevistas. Perceber um bocadinho o que é que já tinha sido falado, o que é que já tinha sido dito, o que é que já tinha havido em imprensa escrita ou em televisão. Perceberes o tema e depois tentares sempre não só abordar o tema com aqueles entrevistados mas também abordar o formato do programa. Por um lado conhecermos as histórias daquelas pessoas, percebermos o que é que elas passaram, e percebermos não e eu perceber. É durante a entrevista eu conseguir extrair daquelas pessoas informação que leve o espectador a compreender o sofrimento por que passaram, os momentos difíceis da sua infância, os momentos em que foram discriminados, em que sentiram o preconceito, em que foram vítimas de violência.... Puder extrair isso, e para conseguir isso eu preciso de conhecer a realidade. Imagina se eu for fazer uma entrevista sobre a violência doméstica... eu tive que perceber o que era a violência doméstica, qual era o fenómeno dentro das mulheres porque na primeira serie era apenas sobre as mulheres, perceber a realidade, perceber se tinha evoluído se não tinha evoluído, falar com a APAV, perceber o método, a forma como os agressores utilizar para enrolar a vítima... para depois pedir àquela pessoa entrevistada que me retrate uma realidade através do caso dela. No fundo é isso, interessa-nos o caso daquela pessoa mas interessa-nos também que ela consiga quase retratar aquela realidade é semelhante em diferente casos. Portanto a forma como eu me preparava era conhecer a fundo aquela realidade, falar sempre com a pessoa primeiro antes da entrevista, conhecer toda a história, saber muitos pormenores para depois quando fosse fazer a entrevista conseguir já guia-la... Até porque uma entrevista para um ESFC não é uma entrevista como qualquer outra. É um mergulho dentro de uma coisa difícil, dentro de um acontecimento traumático, e muitas das vezes as pessoas viajam na sua própria história sem terem muito a noção daquilo que estão a dizer, estão quase a desabafar, quase uma consulta de psicologia, e cabe-nos a nos também travar isso e sabermos para onde é que queremos ir e estar ao telefone como é uma coisa menos próxima com alguém que não conheces, as pessoas são mais factuais, então tu ali um bocadinho os factos, o que é que aconteceu as datas e não sei quê, e quando a

peessoa vai para entrevista estabelece uma ligação mais próxima contigo e esta num registo um bocadinho mais de desabafo, tu tens de ter aqueles dados para conseguires ir guiando a história e guiando a narrativa para aquilo que tu pretendes não é, isso é inevitável numa entrevista teres que perceber o que é que tu queres daquela pessoa. E depois também confronta-la muito com parte da experiência não é? E se fosse consigo? E Se visse esta pessoa? Se alguma vez se sentiu discriminada... e pedir também sempre uma mensagem não é? O que é que aquelas pessoas e aqueles protagonistas pudessem falar para as pessoas que não os entendem, que os fizessem refletir e que nos ajudassem nesta proposta de reflexão lá para casa.

P - Passaste muito tempo com cada um dos testemunhos do programa. Muitas vezes falamos do envolvimento emocional que se queria. É difícil manter uma certa distância? Como é que te proteges a esse nível?

R - É difícil estabelecer um distanciamento. É difícil porque tu passas muito tempo a trabalhar aquela história, às vezes até o teu envolvimento emocional, pelo menos no meu caso até se torna maior não só quando estou com aquela pessoa, mas depois quando começo a trabalhar, e depois visiono tudo portanto estou outra vez com a pessoa, ela é que não está comigo mas eu estou, depois estou a editar e estou outra vez com aquela pessoa e depois vejo o programa no ar e aquilo foi extraordinário e eu estou outra vez com aquela pessoa. Eu acho que é inevitável envolvermo-nos até porque tivemos a sorte também de termos pessoas extraordinárias neste programa. Pessoas que partilharam momentos difíceis de uma forma forma tão generosa e que deram tanto de si para uma causa não é? Para eles é isso... que é difícil tu não te envolveres com elas e tu conheceres aquelas histórias aproxima-te muito. Claro que tens que te distanciar sempre...

É difícil mas posso-te confessar que agora nesta segunda série no tema dos sem-abrigo não são só os teus entrevistados com quem tu estabelececes uma ligação. Eu tenho uma pessoa que era um possível entrevistado que me custa muito não levar o seu testemunho para o programa, custa-me acima de tudo ter de desistir, mas eu não quero desistir. Se eu te disser que o jornalista não se envolve e que cria um abarreira isso não existe. Porque mesmo que eu queira fazer isto, eu sonho com este entrevistado, preocupa-me a situação. Porque conheci a história dele e porque há uma coisa que nós temos que é a empatia. O eu desistir dele parece que sou mais uma pessoa que desistiu dele da rua. Mas já o tentei entrevistar várias vezes e nas vezes que nós combinamos ele fica tão nervoso que bebe ainda mais, quando eu chego ao pé dele para o momento da entrevista ele está completamente alcoolizado. E quase que parece que se eu não

voltar lá para fazer a entrevista, parece que vou desistir dele como tantas outras pessoas desistiram e eu sei. Portanto ele não é meu entrevistado, não vai entrar no programa porque nós já decidimos mas eu estabeleci aquela ligação. Porque são pessoas, porque são histórias, porque são vidas.... E eu acima de tudo estou neste trabalho de pessoas, e de falar para pessoas, e gosto de informar pessoas e o Jorge é uma pessoa e é inevitável nós termos algum envolvimento. Há pessoas que eu entrevistei na primeira série com quem tenho um contacto mais regular e que não são minhas amigas, não vão à minha casa, não vamos jantar, mas que às vezes me mandam mensagem para dizer que estão bem... e isto acontece comigo, acontece com a Isabel, acontece com a Conceição e com o Lima e eu acho que faz parte da nossa história também enquanto profissionais termos pessoas que entrevistamos e que se mantêm na nossa vida com um certo distanciamento obviamente mas que estão lá. Eu tento controlar obviamente essa parte, há muitas coisas que eu faço, por exemplo não têm o meu telefone pessoal têm o profissional, não tenho essas pessoas nas minhas redes sociais... são sempre pessoas que pela proximidade e porque passei um dia intenso com elas, viajei com elas por uma experiência difícil da vida delas e passei um dia com elas, não só a conversar mas a fazer imagens, planos, enfim foi muito tempo ...

P – Pelo que me apercebi, não só a visionar, mas também quando ia contigo par ao terreno é que sempre houve uma grande preocupação com a imagem. Porquê?

R- A imagem foi sempre uma preocupação que tivemos e é uma preocupação que também é muito minha. Tenho muito a preocupação de comunicar através da imagem e expus à conceição que o programa tinha que ter uma linguagem própria, e obviamente que ela concordou. Eu tenho muito essa preocupação e sempre tive nas minhas reportagens. Fazer uma linguagem diferente. Porque há um tipo de linguagem da reportagem que é uma forma comum de fazer reportagem que tu utilizasses num programa em que tu queres que as pessoas parem para pensar, uma linguagem com a qual as pessoas já estão habituadas na informação, as pessoas não param. E parecendo que não, a imagem pode-te obrigar a parar, um enquadramento com um plano bastante fechado em que tu te consegues aquela pessoa, em que tu te conectas com aquele olhar, ajuda-te a parar. Imagens lentas e planos tipo retrato em que acontece muito pouca coisa ou nada ajuda-te a parar porque tu estas habituada a ver em televisão imagens e imagens e mais imagens, montagens. Portanto a partir do momento em que em televisão acalmas a imagem, é quase lenta ou estática é isso que tu queres que as pessoas também façam, parem... Portanto eu acredito muito na capacidade que nós temos de comunicar por imagens porque isto é televisão não é, se nós não tiramos partido disso... Bons testemunhos com uma imagem cuidada, com

planos retratos, com bons enquadramentos, bem filmados, focados naquela pessoas no entrevistado dão para te focares. E são difíceis de fazer, no terreno é uma coisa difícil de fazer. Certo é que na primeira serie o Roger Nicolau que era o nosso repórter de imagem que esteve mais presente connosco é uma pessoa que entende muito o plano retrato e conseguia com uma coisa muito simples que é uma coisa quase fotografia, tipo uma pessoa sentada numa cadeira mas ele conseguia por exemplo com o zoom-in na cara tu focas-te muito mais naquela pessoa do que se tiveres aquela pessoa a nadar no jardim, não é? Dá-te a dimensão daquela pessoa.

P - Este programa foi pioneiro na SIC no que diz respeito ao facto de ter sido pensado para estar também presente nas redes sociais e para integrar a colaboração de outros colegas do grupo IMPRESA, não foi?

R - Eu acho que teve toda a importância para chegarmos a mais pessoas ainda através das redes sociais. Fomos os primeiros, assim pioneiros mas também era um formato que permitia que isso acontecesse porque não era um formato estanque. Ou seja, n'ós temos tantos entrevistados, tantas histórias, tantos especialistas, tantos momentos de experiência que era fácil nos conseguirmos alimentar várias máquinas. Portanto nos conseguiríamos ter um produto exclusivo da televisão, conseguíamos ter produtos exclusivos da página do *Facebook* com entrevistas alargadas, mas eu depois conseguiria dar expresso um naco de experiência que não ia enviar para a visão porque ia enviar outro e ainda podia ter na ativa uma entrevista de alguém que se calhar nem entrou no programa. Portanto, a abrangência do programa permitia-te alimentar outras média que é uma coisa que eu não sei se se pode fazer com todos os programas. Isto foi pensado por uma equipa, que obviamente entende disto e definíamos como é que as coisas seriam feitas: o que é que iria alimentar o expresso, o que é que ia alimentar a visão. Eu tratava da ativa, havia uma equipa na visão que fazia a visão, a Conceição alimentava o expresso. Isto acontecia no papel como acontecia *online*.

P - Que papel tiveram as redes sociais?

R - As redes sociais são uma forma fácil de as pessoas comunicarem connosco. Não só de nós chegarmos às pessoas, mas das pessoas terem opinião. E eu acho que as pessoas, sobretudo os jovens queriam muito poder falar também sobre isto. Há uma coisa extraordinária que eu acho que aconteceu com este programa e que merecia até ser analisado que é: as pessoas que estão e que seguem o esfc estão por esta causa também. Não há ali pessoas que estão contra, não há ali

peessoas que criticam, porque hoje o que nós vemos mais é pessoas que utilizam as redes sociais para se insultarem e dizerem coisas terríveis, isso não havia na página do ESFC. E se eu te disser que tive que bloquear três ou quatro comentários ao longo deste tempo é muito. De resto as pessoas estavam ali com um propósito. Quem não estava com esse propósito não estava. Quem não estava com esse propósito não ia para aquela página dizer coisas, porque de certa forma entendiam que aquilo era um exercício que as pessoas queriam fazer, então não temos pessoas que iam contra esta corrente. Tínhamos pessoas a favor que queriam saber queriam perceber e que utilizavam as redes sociais para também comentarem, para fazerem valer a sua opinião, mas também para partilharem as suas histórias também passaram pelo mesmos mesmas ou até para admitirem eles que nunca tinham refletido sobre isto assim. Portanto isso é extraordinário. Quando traçamos o nosso plano transmedia, decidimos em que redes sociais é que também estaríamos, o twitter não foi um prioridade, n' s não estávamos no twitter, achamos que o facebook seria a forma mais fácil e derrepente assim que o primeiro debate vai para o ar nós começamos a olhar para o twitter e temos os jovens todos a cometar com o hastag #ESFC . Dentro das redes socais mais o que mais me surpreendeu foi os jovens. Aquilo que eu senti foi que eles queriam muito isto, sentiam necessidade de verem este temas debatidos sendo que sentiam necessidade de perceber um pouco mais e não estão nada interessados em redes sociais só para se meterem com os amigos, não eles se calhar estão também interessados neste temas que se calhar não vêm debatidos nas escolas de forma correta, não são debatidos em família de forma correta e que portanto ficam ali um bocadinho sem suporte e isso e se calhar também não viam esse retorno em televisão. Por tanto a partir do momento em que vêm estes temas a serem debatidos em televisão eles querem fazer parte e comentar.

P – Achas que de facto cumpriram o objetivo de meter os telespectadores a pensar?

R - Acho que há pessoas que agora pensam duas vezes sim, eu acho que há muitas pessoas que agora o fazem. Na altura em que o programa estava no ar, no meu dia a dia, no supermercado, num restaurante eu ouvia pessoas a comentarem o programa, mesmo sem saberem que eu fazia parte da equipa as pessoas da mesa do lado comentaram “Eu se calhar para a próxima vou fazer diferente...” Eu acho que muitas das vezes nós não paramos é para pensar, acho que não somos todas más pessoas e cheios de preconceitos, eu acho que muitas vezes o ritmo a que vivemos também e a educação que tivemos ou não tivemos não nos permite olhar para este tipo de temas mas eu acho que há uma percentagem muito grande de pessoas que quando confrontadas com a realidade, quando confrontadas com um bom exemplo... Quando temos um bom exemplo eu acho que muda. Não te vou dizer que não vá haver uma ou duas pessoas que vá reagir com

medo de ter uma camara mas mesmo que reaja com medo de ter uma camara e ajudar alguém ou puder intervir para eu uma situação destas não aconteça já vale a pena, o propósito já está cumprido.

P - Que impacto é que achas que o programa teve junto daqueles que entrevistaste? Ou seja sobre os próprios casos concretos?

R - Procurei saber o retorno de todos os entrevistados, fiz questão de saber. E eu acho que o retorno é brutal para as vidas deles. Quando tu pensas que um jovem, que na altura devia ter dezoito anos quando me contou o facto de ser homossexual numa realidade tão pequenina, nos açores. Tu pensas sempre será que esta pessoa tem consciência para estar a dar uma entrevista destas? Qual será depois o impacto que isto pode ter na vida dele? E se os colegas da escola começassem a gozar com ele ainda mais? Eu acho que a forma como tu tratas a informação é essencial, a forma como tu a tratas, e tu sabes que tu tens a história daquela pessoa nas mãos portanto tens muita responsabilidade de tratar aquela informação e eu acho que as histórias foram tão bem tratadas, tu protegeste de alguma forma as fragilidades do teu entrevistado, deste aquilo que ele tinha de melhor, porque também é esse o compromisso que temos com quem entrevistamos, especialmente nestas histórias de vida, não estas a confrontar a pessoa com nada não é. Portanto tu tens uma responsabilidade sobre a forma como passas a informação sobre a história de vida daquela pessoa e eu acho que isso foi sempre um compromisso que nós assumimos enquanto equipa e acho que foi isso que nós passamos. Até mesmo no Bernardo por exemplo, teve pessoas que não o conheciam que vieram falar com ele pessoas que o entenderam, porque compreenderam o lado dele. Por tanto de todas as pessoas que eu entrevistei, o retorno foi positivo, resolveram coisa que tinham por resolver. A MP e a Barbara, a Barbara voltou a falar com os pais por exemplo. Eu acho que foi sempre muito bom à exceção do NBC porque disse coisas muito marcantes e levantaram ali algumas questões dentro do racismo mas até nisso vê, o NBC partilhou a visão dele e os que são como ele não aceitaram a perspectiva que ele teve e aí foi mais difícil mas no geral todas as pessoas tiveram um bom retorno.

05.09.2017

P- Isabel, como é que foi o início deste projeto?

R - A conceição veio lá de baixo dos programas e felizmente veio parar a esta redação onde nós estamos onde sempre se trabalhou os programas de informação, e as grandes reportagens... e já trabalhamos juntas antes... ela queria uma coisa de confiança que fosse muita partilha. Eu acho que a conceição também me chamou porque tenho alguma lata, por eu sempre ter feito sempre os trabalhos com camaras ocultas ca na SIC. Sempre que havia cosias no programa antigo dela, nessa altura eu fazia camara oculta muitas vezes. Porque isto, embora diferente também teve um bocadinho disso. Ela tinha uma ideia já muito formada na cabeça dela, quando se sentou à mesa com a equipa que escolheu para o projeto, e já tinha bem ideia do que queria fazer. Até ao momento em que fizemos o primeiro programa pouco coisa mudou da ideia que ela já tinha definida desde o início.

P – Qual é o papel de uma produtora de informação

R- Fiz um bocadinho de tudo. Os primeiros contactos, fazer um dossier de imprensa sobre cada tema e a partir dai começares a desbravar terreno, ires criando algumas ideias e sugestões, ires desbravando terreno. Depois tudo o resto não é, os orçamentos, os contratos, tudo o que tem a ver com a produção em si, as questões burocráticas da televisão.

P – Do que me apercebi ao longo do tempo que estive com vocês, as Associações tiveram um papel muito importante no desenvolvimento do programa...

R - As associações ligaram-se muito ao escs. É importante para eles também terem um bocadinho de voz naquilo que eles defendem que são sempre as coisas ligadas um bocadinho aos direitos humanos. As associações são constituídas pelas pessoas que lidam diariamente com os problemas.

Há também uma espécie de troca, nós damos-lhes voz e eles ajudam-nos a encontrar casos. Houve uma vez, num dos primeiros trabalhos que era uma associação que trabalha com pessoas obesas, pôs-nos completamente de lado, não nos ligou nenhuma e eu peguei no telefone e fiz uma abordagem mais agressiva talvez. Lembro-me de lhe dizer: como é que é possível que vocês se queixem tanto de serem postos de lado e de serem discriminados, no banco, na praia e depois nós estamos aqui para vos dar voz e vocês não querem e não nos ajudam. E eles aí devem ter aberto os olhos e foi das melhores associações com quem trabalhamos. Foi a

Associação dos Obesos em Portugal, que nos deram aqueles contactos daquelas pessoas que eram obesas e já não são. E que passaram por muita discriminação, quiseram contar e deram testemunhos espetaculares.

P – Foi também um programa pensado sem barreiras de plataformas...

R - Foi o programa da SIC que envolveu mais meios do grupo *Impresa* em torno do assunto. Porque nos associamos à *Visão*, a *Visão* todas as semanas estava a fazer um artigo baseado no programa seguinte e isso foi muito lado a lado, caminhamos no mesmo sentido. Portanto, falava-se daquilo naquela semana. Depois foi o expresso sempre com um artigo da Conceição, e depois foi a ativa com um artigo da Ana, e depois foi o *Facebook*...A rede social Facebook dei oportunidade às pessoas de discutirem, de partilharem, porque o Facebook é muito isso. É muito as bocas e as reações das pessoas, as pessoas estão sempre a dar opinião, e por isso foi importante porque as pessoas nestes casos têm sempre opinião para dar.

P – Há quem questione a realização da experiência social no campo jornalístico. O que é que a Isabel acha sobre isso? É que há muitas críticas que o consideram como um conteúdo de entretenimento.

R- Acho que se para chegar àquilo que a gente quer que é abrir a consciência, mostrar através de uma cena ficcionada tentando que seja a mais real e genuína possível, acho que se pode fazer isto. Se o objetivo for de informação não acho mal nenhum.

P -E que impacto é que achas que tiveram as experiencias sociais no telespectadores?

R -Ajudou a perceber, ajudou as pessoas a ficarem a pensar que realmente tinha quem agir. EU própria, muitas vezes não reagia e agora reajo em tudo e mais alguma coisa, alguém que deite um papel no chão eu já vou lá dizer-lhe. É a atitude cívica, abriu-nos mais os olhos, eu acho que nesse sentido foi super importante.

Eu acho que em todos só tiveram a ganhar, a vida deles só teve a melhorar. Os miúdos do Bullying, que chamou muito mais à atenção tanto para eles próprios, aqueles que falaram e que lhes constou muito falar foi bom porque eles ficaram amais protegidos no fundo, não é? Os outros todos que viram o programa protegeram-nos, estou a falar do Bullying, mas também posso falar do racismo, as pessoas começaram a pensar na cor de maneira diferente.

05.09.2017



É mesmo connosco

Quando a imaginação falha ou o interesse do público arrefece, uma rubrica de apanhados, repetida ou apresentada de forma supostamente original, funciona. Gostamos de ver os outros a fazer de palhaços, quem sabe se para nos convenceremos de que não estamos sozinhos.

O mérito de 'E se fosse consigo?', da SIC, val muito para além da simples captação de audiências, embora os resultados sejam bons: 1,25 milhões de espectadores, na última segunda-feira, "metendo-se" na luta das telenovelas e ficando bastante acima dos telejornais. É que o programa de

'E SE FOSSE CONSIGO?' É UM PROGRAMA DE SERVIÇO PÚBLICO

Conceição Lino, agradando aos que procuram apenas divertimento, "apanha" também quem se rege por maiores exigências de preocupação social, servindo uns e outros pela sua forte componente pedagógica e constituindo assim verdadeiro serviço público.

Em tempos de puro materialismo e de tanta, e trágica, indiferença pela importância dos valores morais, nada mais oportuno do que este 'E se fosse consigo?', que divertindo todos deixa a muitos "distraídos" um poderoso alerta para a necessidade de combater a perversidade dos preconceitos. E lança às mentes escuras uma advertência que pode travar tendências, criminosas, de violência sobre os mais fracos. Não é coisa pouca. ●

DIAS CONTADOS

E se fosse connosco?



ALBERTO GONÇALVES
Sociólogo

Parece que a SIC exhibe regularmente um programa chamado *E Se Fosse Consigo?*, que segundo os autores “testa a capacidade de intervenção dos portugueses na defesa do outro, a partir de situações ficcionadas”. O problema é que nem todas as situações até agora ficcionadas exigem intervenção alheia, de portugueses ou de quem calha. Que eu visse – e não vi tudo dado passar imenso tempo à procura do “outro” para defender – não há simulação de terremotos, guerras, terrorismo islâmico, Rock in Rio ou calamidades afins. Há, ao que pude espreitar no *site* da estação, o tipo de comportamentos patetas que inspiram as almas sensíveis a fomentar a denúncia ao Estado, o Estado a produzir leis, as leis a legitimar um observatório e duas comissões de protecção (ou metade de um ministério). Trata-se, claro, da “agenda” própria da época, que segrega bem segregadinhos os “oprimidos” (mulheres, *gays*, minorias étnicas, pobres, obesos, etc.) e os “opressores” (machos brancos, de preferência endinheirados) por categorias rígidas, num processo de simplificação que oscila entre o atraso mental e o puro preconceito. E, algures no meio, os típicos pés: parafraseando a Helena Matos, quantas apresentadoras da SIC são gordas, aborígenes, lésbicas e habitam um T2 de renda técnica em Chelas?

Num dos “casos” transmitidos, sobre o (atenção: aproximação de linguagem “especializada”) *bullying*, três crianças aliviam a mochila de uma quarta e, enquanto lhe chamam “princesa”, atiram-lhe os cadernos ao chão. Desde Treblinka que não se via semelhante drama humano. A SIC, porém, entende que tamanha irrelevância é de uma gravidade extrema, ou pelo menos a suficiente para que cada transeunte “consciente” (os restantes são uns bandalhos) ajude a vítima, a qual, se não for completamente chonlinhas, acabará ainda mais ensovalhada. Outro “caso”, uma senhora reclama, sem grande convicção (os “actores” não foram exactamente recrutados na Julliard), das intimidades de um casal homossexual na paragem de autocarro.

Mas o episódio de que se fala tenta exemplificar, evidentemente sem o conseguir, a violência no namoro. Num parque, um casal heterossexual (os homossexuais não têm desavenças) discute a propósito de um telemóvel. O rapaz encarega-se do berreiro (as raparigas nunca levantam a voz) e das agressões, cujo alvo é um banco de jardim. A cena é tão ridícula e mal interpretada (?) que, naturalmente, leva quase todos os transeuntes a passar ao largo, com receio de interferirem nas filmagens de *Morangos com Açúcar*. Uma senhora, porém, atira-se de cabeça para o vértice da

discussão: coincidência das coincidências, é a dona Catarina do Bloco de Esquerda, que oferece ajuda à rapariga (o banco só se salvaria pela nacionalização imediata) e descarrega um sermão em cima do rapaz. O rapaz, com auricular e vontade de rir, olha para a dona Catarina. A dona Catarina olha para a câmara e dá o aval à coisa. A SIC exhibe-a. O país descobre uma heroína.

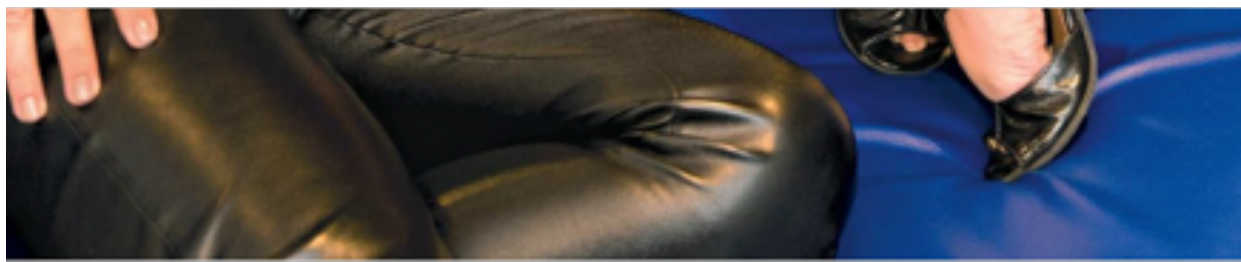
Não pretendo insinuar que a SIC manipula o entretenimento de modo a favorecer políticos da sua simpatia, e que a dona Catarina participou na encenação. Pela seriedade com que engole as cabeludas patranhas que lhe põem à frente, apenas verifico que a credulidade dela em matérias políticas, económicas e sociais se estende aos pormenores do quotidiano. Subiu na minha consideração, perdão, comisseração.

De resto, na melhor das hipóteses, *E Se Fosse Consigo?* é uma alternativa particularmente infantil aos velhos “apanhados” de Joaquim Letria, e uma promoção da bisbilhotice, virtude que dispensaria incentivos. Na pior, procura consagrar o rol de “causas” admissíveis, e assim depreciar problemas autênticos ou complexos ou inconvenientes. Duvido, por exemplo, que venha a haver um episódio dedicado às vítimas do socialismo, os infelizes que, espezinhados pela prepotência dos poderes públicos, começaram a ver o caso (sem aspas) malparado. São muitos, esperam alguém que os ajude e sabem que não será a dona Catarina. E se fosse consigo? E connosco.

Sexta-feira, 20 de Maio
Zeitgeist

Um ministro é acusado de fraude em redor de uma bolsa de estudo? Caso fosse de “direita”, seria um tráfua sem princípios, alvo da fúria do Facebook e de rábulas de comediantes – demissão já! Como é de esquerda, foi obviamente vítima de uma conspiração sórdida e de péssimo jornalismo. Um autarca decide esconçar municípios e espatifar milhões de euros na construção de um templo religioso? Caso fosse de “direita”, seria um inaceitável aviltamento do regime laico, uma prepotência atroz e uma despesa criminoso – demissão já! Como é de esquerda (e a religião é o ilão), trata-se de um enorme passo ecuménico e um gesto de inegável coragem. Uma nulidade reformada põe um cidadão em tribunal e consegue uma condenação por delito de opinião? Caso fosse de “direita”, seria um inimigo da liberdade de expressão e um rematado fascista – demissão já (ainda que o estatuto de reformado dificultasse a tarefa)! Como é de esquerda, é o proverbial filho da boa gente, que se sente tomado por justíssima indignação. Um primeiro-ministro ri-se imenso enquanto arrasta o país para o abismo e, mediante contas alucinadas, despesas típicas e fezadas primitivas, finge salvá-lo. Caso fosse de “direita”, seria um cínico desavergonhado, um incompetente ao serviço de interesses obscuros, uma nódoa enfim – demissão já! Como é de esquerda, é exactamente o que se espera que a esquerda seja.

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.



VISÃO Solidária
Um projeto de cooperação social

é defender que as pessoas, independentemente de serem homens ou mulheres, têm de ter igualdade de direitos, de oportunidades. Não é preciso ser mulher para ser feminista. O feminismo não é o oposto do machismo. Portugal é um país muito particular porque aqui as mulheres não fizeram a revolução feminista dos anos 60 e 70. Nesse período de ditadura, as mulheres lutavam ainda pela liberdade. Depois do 25 de Abril, as questões feministas foram introduzidas na Constituição sem que tivesse havido uma luta por essas causas. E a palavra feminismo acabou por ficar com uma conotação negativa no país. Tornar Portugal um país mais decente. É um desejo? Como é que olhava para o país antes de ser nomeada para o cargo? Para além de feminista, também sou socialista e, portanto, defendo uma sociedade decente. Antes de ser secretária de Estado olhava para o país da mesma forma que hoje, identificando os problemas. É verdade que os últimos quatro anos antes de assumir este lugar foram anos muito difíceis, onde as desigualdades se aprofundaram muito. É contra isto que devemos lutar todos os dias. Fazer com que as desigualdades se esbatam e haja uma maior distribuição da riqueza. Noutro dia, uma senhora do projeto “Escollhas”, que trabalha com crianças ciganas, dizia-me que uma menina lhe tinha confessado: “Eu gostava muito de ser médica, mas não vou poder ser porque sou cigana”. É contra isto que temos de lutar e por isso quero uma sociedade decente. Esta área que tutela é um pouco generalista e ambígua. São precisas características especiais, uma vez que não tem autonomia e precisa sempre do apoio ou do aval de outros ministérios? Estamos na dependência da presidência do Conselho de Ministros exatamente porque esta é uma área transversal. A cidadania e a igualdade tocam várias áreas da sociedade. Para fazer este trabalho é preciso muita resiliência, muita força de vontade e muita resistência à frustração. É preciso estar sempre a insistir, sempre a bater à porta. As vezes digo, em tom de brincadeira, que tenho de insistir q.b. porque se insisto demais dizem: “Lá vem aquela chata, vou mas é fugir daqui”. Mas sinto que há um sentimento comum de



À procura de heróis

Terminam a 31 de outubro as candidaturas ao prémio Os Nossos Heróis, promovido pela VISÃO Solidária e pela Associação Mutualista Montepio. Se conhece algum caso inspirador de cidadania ou gostava de ver o seu trabalho reconhecido, pode fazer a inscrição em visao.pt/solidaria. Serão premiadas pessoas que se destaquem na área da solidariedade social. O vencedor terá acesso a formação na área da gestão de projetos sociais e recebe um galardão desenhado pelo arquiteto Souto de Moura. Além disso, a sua história será contada nas páginas da VISÃO. Ajude-nos a encontrar Os Nossos Heróis.

que é preciso fazer mais na área da cidadania e isso, julgo, é uma marca deste Governo.

Durante o período em que exerceu funções sociais a nível municipal ou como deputada passou por situações que a tivessem marcado?

O que mais me marcou foi uma experiência até anterior a ter trabalhado na Câmara Municipal do Montijo. Foi um trabalho voluntário quando ainda era estudante na faculdade, em que fiz parte das equipas das carrinhas da Comunidade Vida e Paz que davam alimentos e apoio aos sem-abrigo nas ruas de Lisboa à noite. Foi das experiências mais marcantes porque há uma realidade paralela mas que nós não vemos. Lembro-me de levar pessoas para o hospital, de arranjar cinco euros para uma senhora velhota prostituta que não tinha conseguido um cliente e precisava de um quarto para dormir nessa noite... Há pessoas com histórias de vida de grande sofrimento, que vivem em condições pouco aceitáveis numa sociedade decente. Como reagiria se fosse apanhada numa daquelas experiências do “E se fosse consigo?”

Julgo que em qualquer das situações que vi eu teria tido o impulso de intervir. Esse programa [da SIC] foi importante para

CONVER



chamar as atenções para isso. Bem como exposições como esta que estreia agora no Atmosfera M do Porto, “Aqui Morreu Uma Mulher”, uma iniciativa da VISÃO que apoíamos. São formas de dizer à sociedade que ela não deve ser indiferente e que tem de agir, a nossa ação individual conta. Uma comunidade ativa é constituída por cada um de nós e temos o dever e a obrigação de não fingir que não vemos ou não ouvimos porque um dia podemos estar a dormir e ao acordar ficamos a saber que a nossa vizinha do lado foi morta e nós até já tínhamos ouvido uns gritos mas não tínhamos ligado.

O programa da educação para a cidadania é uma das suas lutas mais visíveis. Em que fase é que estamos e o que falta fazer?

É pela educação que se transforma uma sociedade e a escola pública não tem priorizado nas suas estratégias, no seu sistema, a educação para a cidadania. Temos um grupo de trabalho a desenvolver uma estratégia que, em breve, apresentaremos de educação para a cidadania na escola pública portuguesa. O mais difícil é definir como vamos entrar na escola. Ouvimos estudantes, professores e várias organizações, e estamos a desenhar o sistema que permita que a própria escola, dentro da